O INIMIGO DO REI

UM JORNAL ANTIMONARQUISTA.

EDIÇÃO BIMESTRAL - Nº 07 - ANO 3 - SETEMBRO E OUTUBRO 79 · CR$15,00 SALVADOR — RIO — P. ALEGRE — S. PAULO

CAPA: CARLOS RODRIGUES

EXPERIÊNCIA ANARQUISTA NA REVOLUÇÃO RUSSA

AUTOGESTÃO - V

teatro oficina põe a boca no trombone

NEM PRETO, NEM BICHA: MACONHEIRO.

PRESO "COMUM"

TAMBÉM QUERO SAIR!

MICHEL FOUCAULT: AS MANHAS DO PODER

anarquia e ordem não são inimigas

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

A indiscreta falta de charme da pequena burguesia ou o condenado à morte escapou

A presença dos eminentes cardeais nos presídios brasileiros não foi o bastante para que Direita Estatal — que eles sustentam e apóiam — tomasse alguma decisão para abrir as portas das cadeias. Pelo contrário, o único veto ao projeto planaltino de anistia recaiu sobre a janela que poderia se abrir a todos os presos, sem distinção de classe.

A classe média das cadeias, esta filha de uma pequena burguesia sem nenhum charme político-ideológico, continua sonhando com os tempos do Estado Novo em que era fácil sair das algema ao pronunciar seus sobrenomes. Hoje, exigem privilégios na cadeia.

Como um rastilho de pólvora, muito incendiário, a palavra pela anistia a todos os presos, indistintamente, repercutiu nos presídios em forma de greves de fome daqueles que tanto esquerda quanto direita apelidaram, jogaram o "vulgo", de presos comuns. Reafirmamos nossos princípios de que não vemos diferenças entre os homens. Mas a pequena burguesia, ouvinte de Tirana, Havana, Santiago do Chile ou Hanói, prefere o estrelato da torre Eiffel, às margens bucólicas do Sena e manda o seu condenado a morte escapar. Lindo! Beleza! Os presos das presões, as minorias que junto formam a maioria de uma população colocada à margem do sol e da vida começa a gritar. Aprender é preciso. E a greve de fome foi mais uma vez a arma, que se usa dos Andes aos Pampas, seja contra as sanguinárias patrulhas do Direitão do Cone Sul, seja contra o massacre marítimo dos refugiados da Ásia e dos desertos do Oriente Médio.

Enquanto o esquerdão ladra demagogia, seus patronos transam pelas costas ou até mesmo abertamente, como o namoro que logo virou noivado, e há quem diga casamento, entre a ditadura da Pantera Cor de Rosa e agentes do Estado Militarista Russo. E assim, os argentinos ficam com o seu partidão comunista em paz.

— Eu também quero ir — gritavam os presos que ficaram na cadeia, enquanto os seus bem alimentados colegas que posam de heróis onipresentes, partem nas carruagens do bem-estar do Primeiro Mundo. Paris é uma festa.

No sul, carece de minuano para agitar as bandeiras golberyanas das raquíticas hordas brizolistas e enquanto se trava nas telas o repudir de um velho vídeo-tape, com aquele cheiro de veneno do passado, a lhama batizada dos Andes grita na praça como uma hiena acuada pelo cheiro dos cadáveres, mas não há como dar conta dos desaparecidos. Mas o Chile resistirá, os primeiros gritos e sussurros já começam a ser ouvidos: nem que das catacumbas.

A sociedade reluta em admitir os seus porões. Os que "grevam" de fome pedem tão mínimo quanto o direito de falar — acesso ao parlatório ou água de beber cinco vezes ao dia. Ilhas paradisíacas são perdidas para o turismo: valem mais como cadeias; nas menores cidades, de trás das grades, braços esquálidos pedem comida ao povo, que o Estado nega às suas próprias vítimas. Há maior tortura e mais coletiva, que esta?

Desenha-se no mapa destes oito milhões de quilômetros quadrados os bolsões separatistas de uma óbvia futurologia. Restaura-se, vamos ver, com uma farsa eleitoreira a mais, a dinastia gaúcha; restabelece-se ao Nordeste o pólo de um suposto cinturão cor de rosa; traça-se com régua e compasso o que resta ocupar ao Norte, afastados os últimos obstáculos de índios que nunca foram de convenir com os valores que o colonialismo lhes impõe.

Enfim este paraíso edênico não é tão-só um vasto canavial; uma plantation de algodão; um quintal de bananeiras. Ah, como sob estes campos verde-amarelos repousam imensos minerais!!! Portanto, a diamba índia que vá pra os infernos, mesmo à custa dos consumidores das cidades, matando a família para ir ao cinema.

Se nem tudo são flores, há que descobrir a luz no túnel. Sempre há uma pequena fresta: os libertários continuam em sua barca que é difícil, mas chega lá; o povo do palco reclama, o Oficina põe a boca no mundo, os índios sustentam sua guerra; o esquerdão propõe um abraço de tamanduá: recusamos. Rechaçamos as frentes táticas em busca de um objetivo estratégico a que, antes de mais nada, nunca nos propomos: o poder. Sempre pedimos sua absoluta extinção. A ditadura é o Estado. Manteremos como correto nosso rumo, mesmo a custa de sermos, aparentemente, inimigos de todos.

OPINIÃO DA IMPRENSA

PAULO FRANCIS ENTREVISTADO POR MILLÔR FERNANDES PARA O "PASQUIM" DIZ QUE SE PUDESSE DESTRUIRIA O ESTADO (COLUNA A DIREITA).

Jornalistas d'O Inimigo do Rei também são jornaleiros

Ao colaboradores. A quem quiser escrever para O INIMIGO DO REI: Nós somos o único jornal autogestionário do Brasil.

Isso significa que todas as pessoas que aqui escrevem estão em pé de igualdade e não sofrem censuras de "conselhos editoriais" iluminados.

Entretanto, o critério para escrever para este jornal é assumi-lo e trabalhar braçalmente por ele. Vendê-lo de mão em mão, suportar as exaustivas reuniões, etc. Não estamos atrás de níveis nos artigos. Isso é censura da criatividade.

Por outro lado, não estamos dispostos a trabalhar para divulgar textos de pessoas (por mais "geniais" que sejam) sem que elas dêem sua cota de trabalho. Se assim não fosse O INIMIGO DO REI não seria um jornal autogestionário. Seríamos um grupo que trabalha e, à sua volta, um grupo "vaidoso" que gosta de ver suas "obras" literárias publicadas e, de maneira burguesa, explora o pessoal autogestionário.

Em resumo: não fazemos distinção entre o trabalho intelectual e o braçal. Os jornalistas do INIMIGO DO REI são também, jornaleiros.

O INIMIGO DO REI

O Inimigo do Rei é feito pela seguinte equipe, em ordem de sorteio: Antônio Carlos Pacheco, Arthur de Piero Gouveia, Jorge Roberto de Sá, Pedro Pacífico, Augusto César Maia, Nilma Damasceno, Carlos Augusto Rodrigues, José Onofre, Tonho Starteri, Têca, Alexandre Ferraz, João Carneiro, Aurélio Vellame, Antônio Fernandes Mendes, Pedrone, Lúcia Lins, Cláudio Miranda, Lídio Barros, Kátia Regina Borges, Edgar Rodrigues, Sérgio Garcia Guerra, José Liberatti, Ricardo Líper, F. Silva. Correspondentes na Europa: Sebastião Santa Rosa (Madrid) e Alfredo (Paris).

Nº 7. Publicação da Editora e Livraria A. Preço do exemplar avulso: Cr$ 15. Assinatura anual de colaboração: Cr$ 100. Exterior: US$ 20. Correspondência: Caixa Postal 2540 — Salvador, Bahia — Brasil. CEP: 40.000.

AOS ASSINANTES:

1. Não chegando qualquer número do jornal, favor avisar-nos para que possamos providenciar.
2. Comunicar-nos qualquer mudança de endereço.

CGC/MF DA EDITORA A: 14727671/0001-63

Composto e impresso na Gráfica Editora Jornal do Comércio. Rua do Livramento, 189 — Tel.: 243-7671 — Rio de Janeiro, RJ.

MILLÔR

Millôr — Como você sabe (sabe?) nossos ministros se dividem em corruptos, incompetentes, cínicos e pura e simplesmente estúpidos. Tendo que formar seu gabinete no dia em que chegar ao Supremo Poder, e sem opção, que qualidade, das enumeradas acima, você preferiria? Cite nomes.

FRANCIS — Se eu chegasse algum dia ao poder supremo eu decretaria a dissolução do Estado e renunciaria. Há quem diga que resulte em bagunça. Duvido que as pessoas pelo processo de tentativa e erro fossem capazes de nos infligir o que Estados nos infligem. Poucos dias antes de sair dos EUA, vi um juiz da Flórida passando pena de morte num cara, Theodore Bundy, acusado de estuprar e matar 32 jovens. Parece que o cara é culpado, e papa fina, se defendeu a si próprio, não é o habitual negro ou destituídos hispânicos. E Bundy é nome de aristocrata. Não é parente dos Olundas. Ainda assim, ao ver a cara do juiz anunciando a sentença, a satisfação sádica do puto me deu engulhos. Nenhum ser humano pode ter poder sobre o outro, que se desumaniza e desumaniza o próximo. Sei que é utopia pretender o anarquismo, mas o que aí está me enoja tanto que acho que ser negativo é a melhor forma de ser positivo. Agora, se você quer formar mesmo um governo tu fica com a metade (te dou as três pastas militares) e eu com a metade (Fazenda é minha).

Millôr — Conforme você sabe (mesmo?) a Academia Brasileira de Letras, entidade geriátrica, se compõe de 38 acadêmicos e dois mortos rotativos, sendo substituídos permanentemente, única ação dinâmica visível na entidade. Entre os 38 acadêmicos existem 37 que fizeram tudo para merecer estar lá: bem feito! Mas há um liberal que, estranhamente, por azares (par hasard) do destino, foi bater ali. Pois bem, esse liberal (é o único que me interessa) justifica e ratifica a atitude de todos na Academia, recebendo, homenageando e inaugurando o busto de Garrastazu Buchenwald, enquanto suas vítimas (do Garrastazu) ainda procuram maridos desaparecidos. Que é que você acha da Academia que, possuidora hoje de um imenso patrimônio imobiliário, e capaz de atitudes políticas lamentáveis como essa, se diz "cultural" e "apolítica"?

FRANCIS — Eu não dignificarei a Academia emitindo uma opinião sobre a dita, apesar de termos alguns amigos lá, agora não sei quem é esse liberal, não, me avisa porque é possível que seja uma das duas pessoas que me ocorre. O Houaiss e Otto, inimigos mortais de ditaduras e que jamais promoveriam Garrastazu: ou me engano?

Millôr — Conforme você sabe (eu sei que sabe) o PC há muitos anos se transformou numa enorme agência de empregos, promoções mútuas e fofocas. Você acha, como eu, Hélio Fernandes e outros, que o PC deve ser legalizado imediatamente para, pelo menos, podermos neutralizar o seu cinismo, ou prefere, como Luiz Carlos Prestes, que ele permaneça na ilegalidade?

FRANCIS — Sou pela legalização imediata, para ontem, do PC, já respondi aliás, a essa pergunta, do Hélio Fernandes. Concordo com você em gênero, número e grau.

Millôr — Você acha mesmo que é mais bonito do que eu?

FRANCIS — Não sei não. Mas não posso me olhar no espelho que me encabulo.

11 DE SETEMBRO DE 1973/1979

Chile: 6 anos de fascismo

"GAL. PINOCHET A HUMANIDADE SE ENVERGONHA DE TER EM UMA BESTA COMO O SENHOR."

Telegrama enviado pelo cônsul-geral do Panamá em Londres, Jaime Padilla Beliz.

A oração da pobre viúva

A revista alemã "Christliche Pilger" fala dum fugitivo da Tchecoslováquia, que narrou o seguinte fato: Nas proximidades da aldeia Maela Vez, diante de pequenina capela da Mãe de Deus, uma senhora do povo rezava à meia voz: "Querida Mãe de Deus, tu sabes que os tempos estão difíceis. Preciso urgentemente de 100 coroas para o meu sustento e não as tenho. Dá um jeitinho e envia-me essas 100 coroas!". Um comunista de um "kolchos" (propriedade rural) passou naquele momento diante da capelinha e, ao ver a senhora, lhe disse: "Deixa essa oração, velha, contudo não adianta. Deus não existe, nem os santos! Toma aqui 50 coroas e vai para casa" — A senhora aceitou o dinheiro e, quando o comunista se tinha afastado, disse à Mãe de Deus: "Obrigado, mãezinha. Sabia que me irias ajudar. Só te peço uma coisa: na próxima vez não mandes o dinheiro por intermédio de um comunista, porque eles ficam com a metade..."

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

O CALCANHAR DE AQUILES DO MARXISMO

Muitos socialistas falam e escrevem hoje sobre o Estado mas, quando o assunto toma o rumo de questionar a validade ou não do Estado como meio de organizar a sociedade, muitos, ou quase todos, assumem uma posição "reformista". Ora, se cada socialista quiser retroagir ao seu passado histórico, reviverá sem dúvida a multidão de preconceitos que o atormetaram quando pela primeira vez foi levado a pensar que é indiscutivelmente uma necessidade histórica a abolição do sistema capitalista e do regime da apropriação do solo e dos capitais.

O mesmo fenômeno se produz hoje no espírito daqueles que, pela primeira vez, ouvem proclamar que a abolição do Estado, das leis, de todo o aparelhamento administrativo, de governamentalismo e de centralização é igualmente uma necessidade histórica, e que a abolição do Estado é materialmente possível. É claro que toda a nossa educação organizada deliberadamente pelo Estado e suas instituições, no interesse de ambos, revolta-se, contra essa concepção. Mas, por esse motivo, será porventura menos justa? No holocausto dos preconceitos já sacrificados por via da nossa emancipação, o Estado deverá sobreviver?

Creio que não, pois "enquanto existir estado não haverá liberdade, quando reinar a liberdade já não existira Estado", mas não cabe a mim este julgamento, e sim ao futuro, que é conseqüência de todos nós.

"ESTADO PROLETÁRIO"

Hoje, quando o movimento libertário ocupa um grande espaço político e social, começa a ressurgir o velho conceito defendido por Bakunin na Primeira Internacional Socialista, onde ele alertava para o perigo da implantação do "Estado proletariado" como fase intermediária da revolução socialista. De maneira quase profética, Bakunin dizia: "Os socialistas doutrinários não foram nem serão jamais inimigos do Estado; pelo contrário, são e serão os seus mais zelosos paladinos, pois aspiram a pôr o povo sob uma nova dominação e a derramar sobre as suas vidas o benefício de suas medidas governamentais".

Com isso não chegamos a nada; antes, porém, precisamos entender melhor todo o mecanismo estatal, para que daí possamos partir para compreender e interpretar as verdadeiras contradições e funções do Estado.

Em primeiro lugar, falaremos sobre o monopólio estatal do setor econômico.

O Estado, como prática social, leva ao escravismo, tornando-se uma estação de força; os indivíduos ou grupos não decidem o que devem produzir, como se deve distribuir e como e por quem será consumido. O Estado é o principal empregador e capitalista, ele possui todos os meios de produção, controla todo o comércio, regula a moeda e as transações bancárias, salários e preços, bem como as ocupações e o trabalho, monopoliza a terra, controla todos os meios de transporte e comunicações, dirige as escolas e as universidades, formando para si verdadeiras marionetes com sangue correndo nas veias.

A ORDEM É OBEDECER

Em toda a parte vê-se a mão do Estado; porém, isso se acentua mais no campo político, pois é nele que o Estado age mais eminentemente, encontrando respaldo na "burguesia" chegando a regular todos os tipos de ação e relação do "homem livre", ficando esse à mercê do Estado: diz só o que ao Estado agrade que diga, lê apenas jornais e livros controlados pelo Estado, crê no que lhe ordenam crer, em suma, retira praticamente toda a sua autodireção, autogestão, reduzindo-se a simples boneco. O Estado decide praticamente tudo e os cidadãos nada, exceto talvez a escolha das alternativas: de obedecer incondicionalmente às ordens do Estado ou de ir para um campo de concentração, perdendo assim a sua liberdade e provavelmente a vida.

O Estado tornou-se um Deus para seus sequazes. Tudo é permitido em seu nome, sua vitória justifica todo e qualquer meio. Daí o sistema de pressão, aberta ou disfarçada, e outros meios de compulsão empregados excessivamente, a fim de arrebatarem as rédeas do poder.

No Estado moderno, os membros do parlamento foram transformados em máquinas; não podem votar contra o seu partido, não podem nem mesmo abster-se. Não têm o direito de julgamento independente em questões substanciais e sabem que, se deixarem de seguir a linha partidária, não podem ter esperanças de reeleição. A única qualidade indispensável que lhes é exigida, em suma, é a lealdade ao partido.

Eis aí o processo pelo qual o poder se concentra em reduzido número de mãos, de modo que só um homem possa tomar decisões vitais sem mesmo precisar consultar seu gabinete.

O Estado nos corrompe os instintos e a vontade, bem como a inteligência. Mas nenhum Estado (seja ele capitalista ou socialista) poderá jamais disfarçar a discrepância e convencer o homem faminto de que não tem fome, o explorado de que é tratado com justiça ou o algemado de que é livre.

AUGUSTO CÉSAR MAIA

NEM PRETO NEM BICHA: MACONHEIRO

Ainda se pode ler nos jornais da grande imprensa (principalmente) com uma pequena baixa de freqüência, manchetes do tipo: "ASSASSINO É PRESO PORTANDO MACONHA"; "DROGADO, ESTUPRA GAROTA DE 13 ANOS" ou coisa que o valha. Ficando bem claro que maconheiro é sinônimo de ladrão, assassino, enfim, MARGINAL mesmo! Logo, tem de ser combatido policialescamente e discriminado socialmente. Incluindo-se, neste último caso, as minorias reprimidas existentes. Muito se tem dito, diagnosticado e até mesmo psicanalisado do indivíduo que toma droga (aqui, no caso, referindo-se exclusivamente ao maconheiro). Para aquelas pessoas que corriqueiramente só lêem os jornais diários, sem bases nem conhecimentos a respeito da droga, costumam conceituar o indivíduo que a usa da mesma forma antes mencionada, ou seja, MARGINAL mesmo! E quem assim não os enquadraia? Até eu! Já para aquelas pessoas que são dotadas de maiores conhecimentos, conhecimentos estes que, via de regra, são puramente médico-científicos, costumam diagnosticar o maconheiro da mesma forma que diagnosticaria um diabético ou um cardíaco, sem levar em conta fatores outros do tipo psíquico-sócio-cultural ou em muitos casos relegando-os ao segundo plano, pois estão preocupados (em sua maioria) exclusivamente com o quadro clínico do paciente. E, por último, os psicólogos, psiquiatras e todos os "PSIS" existentes, que vêem no drogado (maconheiro) uma maneira irreal de solucionar problemas ou ter para si um mundo modelado de acordo com os seus ideais, isto é, alienação, incapacidade de atuar dentro da realidade. Isso sem querer mencionar aqui a visão freudiana de frustrações (por exemplo) que estão instaladas na infância e teriam como causa a procura de uma maneira menos dura para enfrentar o presente, na qual baseiam-se muitos psicólogos para a explicação da droga, principalmente por parte do adolescente.

Em síntese, tem-se o drogado como um indivíduo que, desviando-se dos padrões de moral, conduta, normalidade etc da sociedade, não é ou não está apto para exercer qualquer atividade com a mesma potencialidade e direito que um outro indivíduo "normal" (o famoso CARETA).

Pergunto eu, a esses entendidos (o termo aqui está sendo empregado como sinônimo de conhecedor em determinado assunto e não como costuma ser usado pela outra minoria — os homossexuais), onde enquadrar aqueles maconheiros que possuem uma atividade político-sócio-cultural normal, dentro do ponto de vista de normalidade social, ou seja, enfrentam filas de ônibus, engarrafamentos, crises econômicas e política, enfim, estudam, trabalham, trepam etc, como um "careta" qualquer? Serão estas pessoas marginais, doentes ou alienadas? Se realmente o são, então toda sociedade também o é.

Káthia Regina Borges.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Índios: A guerra permanente do povo Guajajara

Barra do Corda (Maranhão) — exclusivo para o Inimigo do Rei.

Hoje é 19 de abril, Dia Nacional do Índio e estou na selva, cercado por todos os lados pelos Guajajaras e ninguém sabe por aqui que há um dia dedicado aos indígenas. Eu mesmo só recordaria deste formalismo pelos **posters** que vira afixados pelas ruas de São Luís do Maranhão.

No cartaz uma família índia na janela, tal qual ao vivo no escritório da Funai da capital do Maranhão. Estão tristes, vestem as roupas do branco e o processo de aculturação é violentamente imposto às tribos. O objetivo é um só: submetê-los e roubar o que resta de suas terras. Isto acontece desde 80 anos quando os brancos institucionalizaram a ocupação através dos capuchinhos.

Um tripé formado pelo sistema de educação (o Mobral), a catequese e a repressão policial pura e simples, abre caminho para impor ao índio valores típicos da sociedade capitalista. Mas os Guajajaras resistem até onde podem e a guerra continua. É uma guerra permanente que não vai acabar com medidas parciais como a recentemente anunciada de que tanto os posseiros que ocupam as terras, quanto os índios, deverão ser desarmados.

A coordenadora da comissão pró-índio do Maranhão, antropóloga Elizabeth Bezerra Coelho, discorda do desarmamento imaginado pela Funai, com apoio da Secretaria de Segurança Pública do Maranhão. Se no passado o arco e flecha eram indispensáveis à vida do índio na selva, hoje ele precisa de armas de fogo. Tanto o indígena quanto o posseiro precisam delas para a caça, para a pesca na luta pela sobrevivência num ambiente comunente hostil. Mas não apenas para isto servem as armas; elas são o apoio técnico para uma guerra que não vai acabar tão cedo. Enfim os Guajajaras estão conscientes da ação do Estado sobre seu território e sabem muito bem o que aconteceu com outras tribos, como os Gaviões, virtualmente liquidados com a construção da PA-70, a ligação Belém do Pará/ Marabá que os deixou ao dispor de uma sociedade ávida do lucro e da acumulação.

O que resta do índio brasileiro está distribuído em onze áreas culturais: Norte-Amazônas, Juruá-Purus, Guaporé, Tapajós-Madeira, Alto Xingu, Tocantins-Xingu, Pindaré-Gurupi, Paraguai, Paraná, Tietê-Uruguai e Nordeste.

A tribo Guajajara pertence à área cultural Pindaré-Gurupi e seu rico território fica à margem esquerda do rio Mearim; à direita estão os Canelas, aqueles de pernas curtas. Ocupam terras firmes na zona da mata.

Além da caça e da extração vegetal, os Guajajaras cultivam a mandioca, milho, abóbora e batata doce. Mas o cultivo mais lucrativo é o da diamba, tornando-se eles um dos grandes fornecedores da **canabis sativa** para muitos estados brasileiros. Este é um dos pretextos para a constante repressão do Estado. A Operação Guaribas, levada a cabo nos últimos meses por contigentes policiais do Pará-Maranhão e Piauí, teve, mais uma vez, o objetivo de desarticular uma cultura tradicional e forçar a que os índios se integrem, mesmo à contragosto, numa sociedade consumista tipicamente moderna.

A IGREJA CATÓLICA TORTURA O CACIQUE

No século passado, os capuchinhos, através da polícia indígena, prenderam o cacique Caboré, sob a acusação de bigamia, que os costumes indígenas permitiam, e o chefe tribal foi levado para Barra do Corda. Lá, foi amarrado e suspenso alternadamente pelas mãos, pelos pés e pelo pescoço. Depois de passar 15 dias recuperando-se do "pau-de-arara", Caboré foi a São Luís e pediu ao governador providências, sendo liberado para fazer justiça segundo os costumes Guajajaras. E assim procedeu-se no dia 13 de março de 1901, início da fase mais violenta da guerra permanente contra a sociedade branca.

Até hoje os padres estrangeiros ainda festejam esta data, motivo de luto para os índios. No ataque morreram quatro frades, oito freiras e quase 200 arrendatários da missão católica, vítimas de flechadas e golpes de tacape. Novamente preso, Caboré morreu na cadeia, torturado em Barra do Corda, mas seu povo conseguiu se livrar por algum tempo da presença dos Capuchinhos. E o mais importante: não mais se viram obrigados a entregarem os **curumins**, seus filhos, ao internato dos italianos em Alto Alegre.

A VOLTA DOS SANTOS INQUISIDORES EM 56

Quando os capuchinhos retornam à Barra do Corda, em 1956, um cheiro de pólvora volta ao ar. Afinal, esta Santa Inquisição da selva reafirma que seus mártires não passam de heróis da sociedade branca e os índios uns assassinos. O que está atrás disto? Claro, as férteis terras dos índios, onde estão cinco perigosos enclaves brancos que para lá foram, com o apoio do Estado a fim de implantar projetos agropecuários com incentivos fiscais e de outra natureza. Afinal, acabou-se o prazo para que a Funai demarcasse as terras dos índios e, embora delimitadas, ainda existem três áreas no Maranhão não demarcadas, sujeitas a conflitos permanentes.

Uma placa do Ministério do Interior avisa que aquelas terras pertencem aos índios e que é proibida a entrada de estranhos. Pela quarta vez penetramos na selva e vamos ao encontro dos Guajajaras, inicialmente comprar artesanato, feito de penas e cabeças e sementes coloridas. Ao fim da tarde a cena típica: a família volta do rio, os homens bem armados e as crianças com arco e flexa. As mulheres trazem na cabeça grandes cabaças com água. O sol está caindo, são cinco horas da tarde. Pela estrada os índios me interrogam: quem sou, de onde venho e para onde vou. A defesa de seu território está em suas próprias mãos. Os índios têm muita razão para desconfiar das autoridades, pois não foi o próprio Imperador que para lá mandou um delegado de índios para fundar um povoado branco no século passado? E não foi por isto que os Guajajaras tiveram que se afastar, primeiramente, cinco quilômetros? Depois apareceu o tal de Serviço de Proteção aos Índios que expulsou a tribo de mais quatro aldeias para a implantação de um projeto de colonização. Agora os índios estão mais do que conscientes e exigem de volta o patrimônio comum que lhes foi expropriado pelo Estado/Igreja Católica/ posseiros e latifúndiários brancos. A guerra é permanente e continua.

O que resta dos 2 milhões de índios

Dos dois milhões de índios que habitavam o Brasil na época do descobrimento, hoje existem apenas 100 mil. Mais otimista, a Funai acha que cresce a população indígena, devendo haver, neste caso, aproximadamente 108 mil índios no Brasil. Será?

Em 479 anos várias tribos desapareceram e outras estão reduzidas a poucos representantes, sem condições de se reproduzirem, como os xetas e avá-canoeiros. Portanto, existe pouco menos de um por cento de índios na população brasileira. Em toda a América Latina existiriam mais ou menos 30 milhões de índios, sete por cento da população total do continente, segundo fonte do Instituto Indigenista Interamericano.

Ainda falta a Funai delimitar um total de 13 milhões, 847 mil e 688 hectares de terras dos índios em 14 Estados brasileiros. No Maranhão existe 1 milhão, 207 mil e 305 hectares de terras delimitadas, porém sem marcos. O Estado conta ainda com oito áreas demarcadas, num total de 1 milhão, 473 mil e 774 hectares. Estas demarcações, só lá, significam 112 km^2 de perímetro.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Agora é nossa vez de pedir penico

Todos já estão cansados de saber que a greve é, das armas do trabalhador, e não só teoricamente, a mais forte, a mais eficaz a mais legítima também provavelmente porque conseguida através dos anos mediante a perda de muitas vidas. E que serve para eufemizar a sua situação ante o explorador, como também para conseguir pontos preciosos na luta, cotidiana de classe. Isso, quando feita com a lucidez com energia e principalmente com organização que ela evidentemente exige. Não vou mais adiante, porqye a ética ideológica (existe isto?) Não me permite. Os esquerdistas oficiais já sabem onde erraram (porque se eles foram mais burros do que estão sendo agora, então só nos resta ter paciência!). Não diga nada do que lhe disse para agradá-los, mas sim, para ensiná-los. Para evitar dirigismos e principalmente dirigismos inbecis como estes, fundados talvez em vaidades pessoais, atrasem, travem, ou mesmo matem todo esse potencial revolucionário inenrente às massas; sejam elas alienadas ignaras, inconscientes ou seja lá que porra for!

É verdade, que algumas greves não deram certo, (e a maioria não deu, porque foram feitas às pressas, sem a mínima organização, sem o menor resplado, e isso é completamente compreensível, afinal, passou-se um bom tempo neste País onde só se era permitido organizar time de futebol, desde que se jogasse com os pontas recuados. O ponta de lança e o centro avante também. E mesmo assim, os grevistas que não contaram com a assessoria intelectual da "esquerda oficial" saíram-se bem melhor, taticamente falando do que os que contaram. Querem exemplo? Na última greve dos trabalhadores da construção civil, os esquerdistas oficiais ficaram putos da vida porque "Lula" — com o qual não temos afinidades ideológicas — resolveu parar com a greve e mandou todos para casa, no que estava certo, portanto, aquela grande massa, (apesar de mostrar a sua força), não tinha a mínima organização e era, portanto, alvo fácil para o inimigo ainda desproporcional. Então, todos para casa à procura de formas espontâneas de organização e depois, bem organizados, voltamos para o segundo round, para o terceiro, para o quarto...

Como se pode ver, todo cuidado é pouco senhores "vanguardeiros", a vida dos outros e o sucesso de uma classe está em jogo.

O outro assunto a ser enfocado é a anistia. A "esquerda oficial" joga sobre esta todas as suas forças, como se nela estivesse a resposta para seus males. Querem e procuram desesperadamente um líder, de preferência neurótico e cheio de carisma. À primeira vista, eu pareço com um desses — e é provável que seja

acusado disso mesmo — BURGUESES INERENTEMENTE CONTRA — REVOLUCIONÁRIOS. É claro, que só eu sei que não sou, e provo: de maneira alguma fui ou sou contra a anistia... é uma questão, antes de tudo, de direitos humanos (que não é, de forma alguma, os de Carter). Direitos humanos estes, que não são respeitados pela "esquerda oficial", que vê em cada anistiado, não um ser humano, que tem direito de pensar e dizer o que quiser, além de outras coisas, mas sim, o companheiro de partido, o camarada de "ala revolucionária" projetando sobre o anistiado, "a sua coragem," a sua grande capacidade de resistência," "a sua revolta contra o sistema estabelecido".

De forma alguma eu seria contra a anistia. Seria estar a favor das torturas que os implicados sofreram, seria estar a favor de um bando de generais — que é quem decide "em nome de 120 milhões de pessoas — quem deve sair, quem deve ficar, numa demonstração evidente do absurdo do arbítrio, como se fossem eles os donos dessa propriedade de oito milhões de quilômetros quadrados, e por isso então tivessem o "divino direito de decidirem o que é melhor para ela".

De forma alguma sou contra a anistia, mesmo que seja, para mais tarde um carinha desses, após o seu golpe de estado, que ele insiste em chamar de "revolução", à semelhança dos militares reaça-brasileiros, me joguem no paredão.

O que eu quero dizer, é que, logo quando a anistia saiu do estado embrionário em que se encontrava e ganhou os jornais e os meios outros de comunicação, ao invés "dos donos da campanha da anistia esquecerem suas vaidades pessoais e procurarem fazê-la, a anistia, chegar até a boca do povo, "da massa mais ignara", aproveitando com isso dar uma maior ênfase à campanha, e uma maior ou menor consciência política a essa massa, resolveram ficar sobre confortáveis poltronas e sob o ar ameno do condicionado, fechando as portas à imprensa. E não foi à toa que os social-democratas do MDB perceberam isso e jogaram a anistia na sua plataforma política, e estão por lá agora... e não há queixas sobre salários atrasados.

Mas não ficou só nisso, essa frente ampla pró-anistia fez mais do que isso, sim senhor. Quando se começou a questionar a validade da reivindicação de uma anistia para todos os presidiários do país, aí ela gritou e tirou o corpo fora. Em primeiro lugar, foram logo dizendo que era utopia, que assim iria enfraquecer o movimento. Depois arrumou adjetivos: "os nossos prisioneiros são políticos", portando diferentes dos "comuns". Como se não estivessem todos no mesmo sistema opressor. Até hoje procuro uma explicação dialética para isso. E a melhor que achei é que, certamente os prisioneiros deles, os "políticos", são filhos da classe médida, pelo menos, freqüentaram as universidades e estudaram todas as ciências, sabem tudo. Entendem a dialética, falam e escrevem muito bem o português, não iriam de forma alguma se misturar com bandidos; latrocidas, ladrões pé-de-chinelo, pequenos traficantes de drogas, esses nojentos que dormiam embaixo de pontes, de marquises, "e contestam o estado busrguês da forma mais idiota possível".

Mas aqui, nós aproveitamos para lembrar Sartre, e acompanhando seu raciocínio e transportando-o para nossa realidade, veremos que existe nela uma profunda distância entre uma pretensa complexa sociedade industrial desenvolvida e o lumpen-proletariado. Nessas condições, veremos também, que não é mais tão somente o proletariado que ostenta potencial revolucionário dos nossos dias e dos que ainda virão, já é uma pequena maioria sócio-econômica oprimida e menos respeitada ainda que o proletariado. Sendo assim, é só esperar pra ver...

Eu, da minha parte, prefiro ficar com os meus irmãos de classe, que nunca têm ninguém a pedir por eles. Estes pobres "esquecidos", que arriscam as vidas viajando nos ônibus de Sussuarana, da Engomadeira, do Alto da Santa Cruz, da Vasco da Gama, etc. Que arriscam as vidas vivendo no meio de estremecidas tensões sociais; no Maciel, na Rocinha dos Marinheiros, nos Alagados, etc. Por aqueles que se equilibram nos andaimes "lindissimos" das construtoras de progresso, e por aqueles que caem nos grandes caldeirões dos grandes pólos industriais do país. Por aqueles que ousam desafiar o mito da propriedade privada, invadem terrenos inabitados para construir suas palhoças, seus barracos para "viver". Propriedades estas, na maioria das vezes, pasmem, pertencendo ao Estado e à Igreja. E quando estes velhos amantes descobrem, mandam até lá sua guarda pessoal para acabar com a "baderna" e com o "roubo". Guarda esta, que resolve em dois tempos o problema, lançando contra estes pobres míseros mortais, seus cães amestrados, suas bombas de gás lacrimogênio, e apontando suas metralhadoras de boa marca para o corpo indefeso dos "invasores". E o pior é que são todos, acuados e acuadores, irmãos de classe, ambos manipulados pelos homens do diploma e do dinheiro.

Pedimos também, pros que bebem a sopa de Alziro Zarur e pros que ficam nas filas de compras das barracas do bondoso e já forte candidato à presidência "titio Magalhães".

Anistia para os lavradores de Iaçu, que ousaram fazer um mutirão para trabalhar e foram impedidos pela truculência e prepotência de um todo poderoso Capitão Uzeda, "que é quem manda no pedaço".

Anistia para Aézio Fonsêca e anistia também para Ubiraci Santoro, o touro, pobre microcéfalo, fascistóide da pior espécie, que impossibilitado de pensar, porque já está condicionado e porque os superiores pensam por ele, usa tão-somente os músculos que a natureza lhe deu, o que, convenhamos, não é ideal nem suficiente, em se tratando, principalmente, de relações sociais.

Anistia para todos nós. Queda de todas as bastilhas!

Tonho Starteri

Partido Trabalhador

Não faltasse a série de barbitúricos para adormecer e desviar o trabalhador da luta sindical direta, de enorme importância no momento e um grupo de "profetas iluminados", inventou mais um.

O tal de partido trabalhador.

O que seja tal ajuntamento, nem os autênticos operários sabem ao certo.

Quando isso afirmamos excluímos, naturalmente, o "grupo dos iluminados", no qual pontifica o sabidíssimo "Lula".

É através de seus pronunciamentos ou mais certeiramente através de suas "brizoladas", de que vamos nos apercebendo o que venha ser o tal agrupamento político, o denominado P.T.

Inicialmente afirmou "Lula", que o tal partido dos trabalhadores não visava a conquista do poder. Foi um Deus nos acuda, um corre corre no galinheiro um pega pra capar em chiqueiro da roça.

Seria o primeiro partido do Brasil a não querer o poder. Algo assim como a roda quachada.

O "Lula" alertado em relação à "mancada", muito tímidamente retornou à ribalta e, como o menino que fez pipi nas calças na hora de recitar poesia, deu o dito por não dito, e o assunto caiu no esquecimento.

Muitos mais tarde, depois de inúmeras andanças, nas quais não faltaram afirmações de que o P.T. seria fundado, constituído e dirigido somente por trabalhadores, Luís Inácio deu violentíssima marcha a ré e dela falação, dizendo que alguns componentes do MDB poderiam fazer parte da agremiação política.

A partir desse fato, as águas ficaram muito mais claras. Ora, sabemos que o Luís Inácio não é suficientemente "tapado" para desconhecer que a lei orgânica eleitoral da ditadura em vigor estabelece que para fundação de qualquer partido é necessário um manifesto contando com assinatura de 10% de senadores (7) e mais 10% dos deputados federais (42) o que torna inviável a formação de um partido exclusivamente de trabalhadores.

Evidente que no presente caso teria que contar com a classe burguesa, pois a troco de que iriam deputados e senadores pedir a formação de um partido, senão fosse para se constituir em vanguarda dirigente. Salvo a hipótese de que a lei fosse modificada.

Agora, porém, o trapesista "Lula", dá seu salto mortal, declarando que "não poderia separar a criação do P.T. daquele pessoal conseqüente do MDB que a imprensa chama de autênticos", e que o P.T. "só vai aceitar quem não detem os meios de produção, que não são empregadores". "Os dirigentes sindicais que defendem a formação do P.T. chegaram a conclusão de que devem participar politicamente por que dentro da atual estrutura sindical já tentaram fazer tudo para melhorar a situação do trabalhador, não conseguindo". (Folhas de São Paulo" 19.08.79).

Os "sábios iluminados" na melhor tradição paternalista, autoritária, confabularam e decidiram, as bases, os companheiros de fábricas, indústria, etc, que escutem e acatem.

Estamos vendo como quinze anos de ditadura acabou formando uma série de discípulos proletários, decididos na continuidade do "cale a boca" e do "faça o que mando".

Entretanto, os ventos que estão soprando nas hostes operárias indicam que os rumos são outros.

Desde a posse do general Figueiredo eclodiram no país 83 greves, envolvendo 1 milhão e duzentos mil operários, muitas delas feitas contra o desejo das diretorias sindicais quase sempre apelegadas e temorosas de perderam os mandatos e que foram levadas de roldão pelo desejo das maiorias expresso em assembléias gerais.

Há um trabalho pertinaz a ser executado na esfera sindical, visando à modificação da estrutura fascista, e não será, naturalmente o "Lula", pessoa interessada nessa luta, pois seu objetivo claro agora é o de resolver seu problema pessoal se candidatando ao cargo de deputado pelo hipotético P.T., e assim afastar a ameaça de voltar a ser operário metalúrgico.

E isso será efetivado através do P.T. O diabo é que nesse momento de pseudo abertura uma série de partidos estão se autoproclamando como os autênticos partidos dos trabalhadores. É o PC do senil Carlos Prestes, o PCBR do ressuscitado João Amazonas, o PTB do gozador Leonel Brizola e o PSB. Todos se proclamando a vanguarda operária. É vanguarda em demasia para tão escassa retaguarda. E é certo que os operários sofridos e curtidos na duríssima luta sindical não embarcarão nessas canoas furadas.

Martins Freire Lustrador

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

anarquia e ordem

Em Bonn, Franz-Josef Strauss, candidato à chancelaria da Alemanha, execrou os anarquistas, declarou-lhes guerra, a mesma guerra que lhes tem sido declarada na França, na Inglaterra, em Portugal, na Espanha, na Argentina, no Brasil, na Itália, na China e em Cuba.

Nos chamados países burgueses, a anarquia tem o sabor e a forma de uma catástrofe! Falar de anarquia, significa, para muita gente, falar do fim do mundo. Quanta gente a teme, a combate, esbraveja, e se lhes perguntar, não sabem porque, ignoram as idéias anarquistas, mas são contra!!!

Existem muitos ilustres historiadores, escritores de renome, professores eméritos, políticos bem falantes, autoridades e governantes, burgueses e socialistas, "formados na cultura" anarquista dos dicionários, das enciclopédias e nos relatórios policiais.

Nunca se deram ao trabalho de ler as obras anarquistas, as revistas, os seus jornais, os livros e desconhecem completamente a enciclopédia anarquista. Por isso, formam uma imagem negativa da ideologia libertária, da doutrina humanitarista, e para eles, cada anarquista é um desordeiro, sempre disposto a praticar a violência e demolir a sociedade!

Há até quem chegue a vislumbrar monstros com os bolsos cheios de dinamite (entre esses visionários está o Sr. Franz-Josef Strauss) enquanto os mais generosos, consideram-nos "uns visionários, sonhadores, utopistas"...

Não menos severos com os anarquistas, são os marxistas-comunistas bolchevistas e outros "Istas".

Para não recuar demasiadamente no tempo, vamos analisar o que disse N. Bucharin, um dos teóricos da ditadura do proletariado, um dos responsáveis pelos rumos doutrinários dos P.C.s sob o comando de Stálin.

"Digamos a verdade __ afirma N.Bucharin __ a culpa deste erro recai não somente sobre anarquistas mas, também em grande parte sobre os socialistas. Foram estes que criaram a idéia do Estado popular. Mais ainda: alguns partidos socialistas caracteriza-se pelo seu estatismo político.

Nós somos os verdadeiros representantes do Estado __ eis uma frase corrente nos discursos dos socialdemocratas austríacos. E esta maneira de ver as coisas não é um privilégio dos socialistas austríacos, pois foi profundamente vincada em todos os países. Francamente esta ciência política sobre o Estado não tem nada que ver com a doutrina comunista revolucionária do grande mestre que foi Karl Marx.

O comunismo científico vê no Estado, a organização das classes dominantes, o instrumento de agressão e do poder. Por conseqüência é evidente que para o Comunismo, a idéia do Estado Futuro não pode existir. De futuro não haverá classes, agressões duma classe por outra. Não existirá mais, e naturalmente desaparecerá o instrumento de opressão que é o poder do Estado. O Estado sem classes, de que falam confusamente os socialistas, é uma contradição manifesta, um absurdo! Não foi este o ensinamento de Marx e de Engels.

A sociedade comunista não será, não poderá ser, uma sociedade com Estado. E sendo assim, que diferença há entre comunistas e anarquistas?"

Esta aparente aróximação, entre bolchevismo e anarquismo não tarda e distanciar-se quando o próprio N. Bucharin remata os seus ensinamentos: "Como todo o poder, o poder proletário é uma organização de violência. Como todo Estado, o Estado proletário é um instrumento de opressão!

Mas comunismo, revolução comunista, é a causa do proletariado, da classe trabalhadora e produtora, fundida e unida num só organismo pelo maquinismo de produção moderna. O anarquismo não é a ideologia do proletariado, mas a ideologia de grupos incapazes de poder cumprir e executar um trabalho produtivo na economia social e que menosprezam todo o trabalho coletivo: __ proletários sem consciência de classe, pequenos burgueses arruinados, intelectuais decaídos, eis onde se opera o recrutamento anarquista."

"A classe operária que luta contra a sua decomposição econômica, deve lutar também contra sua decomposição ideológica, cujo produto maléfico é o anarquismo." (In "O Comunista __06.11.1928).

Claro que de 1928 a 1979 vão uns bons anos, o suficiente para mostrar-nos que na Rússia não acabaram as classes e o Estado é mais poderoso do que nos tempos dos Romanoff!

E se nesse terreno ampliou suas forças, na sua revolta contra o anarquismo, e contra os anarquistas, as coisas não ficaram melhores.

Os que não conseguiram fugir, morreram nos campos de concentração e nos manicômios.

Quem traça e explica as diferenças, é a "Bolsciala Sovietskaia Entiklopiedia" 2ª Ed., 1950, tomo 2, na pag. 356:

"Anarquismo". __ Corrente político-social, pqueno burguesa e reacionária, hostil ao socialismo científico proletário, a qual, sob pretexto de recusar todo o poder estatal e toda a luta política, subordina-se ao interesses da burguesia e rejeita a ditadura revolucionária do proletariado.

Segundo Lenin: "Os marxistas fixando como seu objetivo a completa destruição do Estado, reconhecem este objetivo como concretizado após a destruição das classes pela revolução socialista e consideram que o Estado morra em última instância como resultado da construção da sociedade sem classes" (Lênin queria... mas já lá vão 62 anos...).

"Os anarquistas querem a completa destruição do Estado de hoje para amanhã, não compreendendo as condições para a concretização de semelhante destruição".

"Os marxistas exigem a preparação do proletariado para a revolução mediante utilização do Estado Contemporâneo, os anarquistas rejeitam-no". (Lênin).

Depois chegou Stálin e emendou as críticas distanciando ainda mais os anarquistas dos bolchevistas: "O Marxismo e o Anarquismo baseiam-se em princípios completamente diversos: a pedra triangular do anarquismo é o indivíduo, cuja libertação, segundo sua opção, representa a condição primeira para a libertação da massa e da coletividade.

Na opinião dos anarquistas, a libertação da massa apresenta-se como impossível enquanto não se liberta o indivíduo (aí estão os 62 anos de ditadura soviética a confirmar os anarquistas), donde o seu lema "tudo para o indivíduo". Já a pedra algular do marxismo é a massa, cuja liberação na sua opinião, representa a principal condição para a libertação do indivíduo. Isto é, na opinião dos marxistas a libertação do indivíduo só é possível com a libertação da massa, onde seu lema "tudo para a massa".

E passando das comparações marxistas-anarquistas; Stálin escreveu: "Os anarquistas estabeleceram alianças com a Igreja Católica e suas agitações políticas, bem como com os socialistas de direita, encarregados de aterrar o caminho ao imperialismo anglo-americano. Além disso, eles recolhem certas idéias que estão na moda, como o "existencialismo"e o "personalismo" que são expressões da putrefação da cultura burguesa. Os anarquistas exploram a "defesa dos direitos da personalidade e de seu livre desenvolvimento", como escudo por sua atividade de traidores."

E para que sua bils não ficasse só na enciclopédia, mandam incluir nos estatutos de todos os P.C.s do mundo: __ "Nenhum membro do partido pode manter relações pessoais, familiares ou políticas com Trotzkistas ou com outros inimigos reconhecidos do partido, da classe operária e do Povo", proibição que também se estende aos anarquistas, que lhe contestam os 62 anos de ditadura, de campos de concentração, de manicômios, prisões políticas, de censura, de proibição de sindicatos e da ausência total da liberdade.

Mas se os bolchevistas deturpam e combatem o anarquismo e os anarquistas que, em tempos idos já se trataram de "primos", os políticos, com raríssimas exceções, não são menos severos com eles.

Por contar com tantos inimigos: à esquerda, à direita e ao centro, muitos anarquistas já morreram ou sofreram longos anos nas prisões (Mártires de Chicago, Sacco e Vanzetti nos Estados Unidos; Fany Baron, Lidia Kortneva na Rússia; Francisco Ferrer na Espanha, Polenice Mattei e Pedro A. Mota no Brasil) e no entanto pouca gente se dá ao trabalho de conhecer o anarquista como ser humano, de investigar as suas convicções ideológicas, de estudar a doutrina humanitarista que defendem e procuram divulgar a duras penas, e sobre tudo, o que pensam da vida, da sociedade, dos seus semelhantes, que mensagem de emancipação social e humana tem para nos apresentar como alternativa, frente a esta sociedade mercantilista e bélica em que vivemos disputando um espaço ao sol, com gente cada vez mais rica e gente cada vez mais pobre, e gente cada vez mais comprando armas para se defender de gente que compra armas.

Tão ansioso e tão curioso quanto o leitor, vamos tentar trazer para as páginas de "O Inimigo do Rei" o anarquismo, debatê-lo, estudá-lo, por mais feroz, temida, perseguida perniciosa e catastrófica que essa ideologia se apresente aos olhos e ao entendimento dos seus inimigos.

Partindo deste ponto vamos verificar qual é o perigo do anarquismo para o ser humano, para a humanidade, como pensa e o que pretende o anarquista.

Partindo da liberdade sem a qual não podemos chegar a entender o que é realmente Anarquia, e tão pouco raciocinar em voz alta, vamos ver onde esta se aproxima da Ordem, convite com ela sem ter de se acotovelar, ou agredi-la.

Para o ilustre anarquista Eugen Relgis "A liberdade é uma energia que resulta de aspirações e realidades humanas, de suas potências concientes, progressivas e combativas, segundo as estruturas das organizações sociais. Há uma energética de liberdade que se aprende. A Liberdade interior que se capta, se dirige, se conquista, e se defende, se cultiva, já que ela é, em sua última expressão, cultura." O dualismo do bem e do mal __ duas energias que se chocam através dos séculos __ significa apenas que é necessário escolher entre o humanismo e a depreciação dos valores do ser humano. Em cada coração palpita uma destas decisões e todos sabemos qual é a verdadeira."

Anarquia — Ao contrário das interpretações das autoridades e das definições dos dicionários, a palavra tem origem no grego: an, não, arkê, governo. Equivale a ausência de governo constituído, não representa absolutamente desordem.

Na sua parte prática, Anarquismo, pretende a emancipação do produtor do julgo do Capital: produção em comum e consumo livre de todos os produtos do trabalho comum; emancipação do julgo Governamental: livre desenvolvimento dos indivíduos nos grupos e dos grupos nas federações; organização livre do simples para o composto segundo as suas necessidades e as tendências mútuas; emancipação da moral religiosa; moral livre, sem sanção nem obrigação, desenvolvendo-se da própria vida das sociedades e tornando-se um hábito.

Anarquia é um estado de sociedade onde governa a razão, a ordem voluntária, pela educação solidária, onde todos os seres humanos tem direito à vida e ao usufruto das riquezas naturais e do trabalho coletivo; sem autoridade constituída, irracional, governantes com funções de liderança, de imposições subjugativas ou impositivas; é uma sociedade baseada fundamentalmente na liberdade plena capaz de permitir ao ser humano desenvolver todas as suas potencialidades criadoras e formar a verdadeira idéia de que todos somos iguais, irmãos e podemos viver como tais, sem ambições, ódios, ganâncias, guerras, dentro dos princípios do Amor Fraterno, da Paz voluntária, ligados emocionalmente pelo coração pela solidariedade humana!

O Anarquista é portanto, uma pessoa partidária da Anarquia. Cidadão contrário à desigualdade existente na sociedade mercantilista, bélica, imperialista e exploradora, que subjuga os homens em prejuízo da felicidade humana!

É um propagandista de um Mundo Novo, onde o Saber, o Bem-Estar, a Beleza, a Franqueza, a Justiça e a Fraternidade, serão necessidades permanentes, tratadas e cultivadas como a saúde e a vida do ser humano. O anarquismo defende o livre acordo, a ajuda mútua, a coexistência pacífica, a igualdade de direitos e deveres, de oportunidades e possibilidades para todos, independente da idade, força física, grau de inteligência, côr ou sexo.

Para o anarquista a coisa mais importante a preservar e a desenvolver é o ser humano, por isso advoga a liberdade integral (física, psíquica, econômica, religiosa, etc...) como meio de se dar ao homem o direito de desenvolver todas as suas capacidades e aptidões, sem temores, cerceamentos e frustrações.

Defende a autogestão e o ensino racionalista, visando criar indivíduos conscientes, e não revoltados; idealistas, e não frustrados, neuróticos que projetem nos seus semelhantes as suas doenças, em geral da responsabilidade exclusiva das sociedades e das hierarquias culturais e econômicas em que são obrigados a viver, lado-a-lado, pessoas que se dão ao luxo de estragar aquilo que outros carecem para não morrer de fome.

Para o anarquista, existe um só homem: a Humanidade; uma só nação: o Universo!

Se tivermos de acusá-lo de alguma coisa, seria o de ser um obstinado defensor de uma sociedade de iguais, que a minoria __ para poder continuar a viver e acumular as riquezas produzidas pela maioria __ impede que se realize e não por desejar a desordem em cujo meio se recusa a conviver, contesta e combate com o anarquismo.

E para que não se imagine que o anarquismo é algum instrumento da desordem, da guerra, que tem poderes destruidores de alguma bomba atômica, vamos estudá-lo sinteticamente.

Anarquismo é a doutrina dos anarquistas: __ a nova ordem social, baseada na liberdade, na qual a produção, o consumo e a educação devem satisfazer às necessidades de cada um e de todos. Os anarquistas propõem-se a substituir a organização obrigatória pela organização voluntária, pelo livre acordo, espontaneamente firmado e eternamente disclúvel, não ligando os homens senão pela comunidade de interesses e pela reciprocidade de conseqüências, afinidades e simpatias. O anarquismo, filosofia de vida dos anarquistas, profundamente humanitarista e de liberdade plena (física e psíquica), não aceita que o homem precise ser governado de cujo costume se tornou escravo, não porque lhe parece irracional, utópico, uma verdadeira calamidade pública deixar de sê-lo.

não são inimigas

O hábito de sofrer a autoridade dos governantes e seus auxiliares subalternos, condicionou-o ao longo dos séculos, deformou-o naquilo que ele tem de mais importante: a iniciativa, a razão, a inteligência, o desejo, a fé em ser livre e tirou-lhe a confiança em si mesmo!

A CONSISTÊNCIA DO ANARQUISMO E AS FORÇAS NEGATIVAS QUE INFLUEM NO HOMEM

II

O anarquista vê em cada ser humano um colaborador em potencial a doutrinar.

Não se ocupa exclusivamente das lutas de classes, entre patrões e empregados, das disputas por melhores salários, dos protestos contra os perseguidores governamentais, sua doutrina pretende alcançar o homem no seu todo, por ver nele o elemento mais importante a desenvolver, a cultivar e aperfeiçoar.

Para o anarquista, um homem vale um homem, e a sociedade é o resultado daquilo que os homens unidos, voluntariamente, por necessidades e por solidariedade humana, possam realizar em benefício de todos e de cada um, usando as riquezas que a natureza lhes legou de graça, sem marcos, divisas, fronteiras, e o produto do trabalho, livremente associado.

Não é, portanto, uma seita exclusivamente de umas poucas pessoas ou dos operários, é, ao contrário, um movimento de idéias sem limites humanas, de raças, classes, geográficos, ecológicos, e sim, autogestionário, universal e humanitarista que pretende fazer de cada indivíduo uma unidade independente, útil a si mesmo, ao grupo, à coletividade, à Humanidade, um Cidadão do Mundo!

Sua doutrina pretende desenvolver e revelar em cada indivíduo todas as suas potencialidades criadoras, artísticas, científicas, humanitaristas, elevando-o da sua condição atual, de instrumento dos grupos dirigentes, de massa para a de auto-suficiente, capaz de livrar-se das muletas do chefe, do líder, ensinando-o a pensar e andar sozinho, a torná-lo um co-participante da sociedade, sem necessiade de voltar sobre os ombros dos outros, a obrigação de sua manutenção.

O anarquismo consubstancia no seu ideal, todos os sentimentos humanitaristas, de liberdade, justiça, bondade, nobreza e solidariedade.

Mas o anarquista não ignora que também existem pessoas alheias ao anarquismo que possuem estes sentimentos em escala superior a outros que se dizem anarquistas, ou pelo menos pensam que o são, que se declaram como tais; que há os que vivem para o anarquismo na medida em que a sociedade mercantilista lhes permite, embora muitos deles tenham imensas dificuldades ou até nem saibam mesmo expor e explicar corretamente o ideal libertário que abraçaram, defendem, sentem, vivem integralmente, que faz parte do seu Eu como um todo, que lhe modelou suas personalidades, guia seus atos revestindo-os de uma grandeza moral e de uma dignidade a ser imitados; que existe também quem viva mercantilistamente das idéias; que dentro de outros só floresce a revolta, a inveja, o rancor, o ódio, forças desagregadoras capazes de semear a discórdia, alimentar e cultivar costumes anti-sociais, anti-solidários. Que não raro, deparam com pessoas que expõem ou escrevem brilhantemente sobre anarquistas e não sentem nada, a sua doutrina não lhes deu nada de bom, são incapazes de um gosto de equilíbrio emocional ou de um rasgo de dignidade humana.

Sabem até que estes não tem condições de viver a dois quanto mais em coletividade onde cada um teria de se autogovernar e conviver pacificamente com seus semelhantes sem o "respeito do chicote do chefe".

Mas, sabem também os anarquistas que o ser humano encarado individualmente, traz ao nascer disposições psíquicas que, no conjunto, refletem as influências atávicas, hereditárias, exercidas ao longo dos séculos, transmitidas de gerações a gerações, e que esses males não se curam com a marginalização e o castigo. Do meio em que cresceu, do ambiente __ dentro e fora do lar __ em que viveu os primeiros anos de vida, dependerá a formação do seu caráter e este guiará os seus atos durante a sua existência.

A educação, o temperamento, a herança, as influências naturais do meio que cerca as crianças e lhes impõe formas de vida e as influências sociais do meio determinarão a sua personalidade, o seu comportamento positivo, negativo ou artificial. O ser humano é fruto da sociedade em que viveram seus antepassados, do meio onde nasceu, dos padrões religiosos, políticos, econômicos, sociais, culturais, opressivos e repressivos predominantes com os quais teve de conviver. Aí estão as manchetes dos jornais diários, as notícias da imprensa falada e o que acontece nos bastidores e não vem a público, para ensinar aos jovens de hoje, o comportamento dos adultos do seu tempo, em cujas escolas aprendem a explorar e a matar os seus semelhantes. E não se diga que isto é fruto dos regimes capitalistas, porque nos "socialistas", como a Rússia os atos anti-sociais de violência também acontecem, em escala apavorante!

Logo, não é válida a concepção de que o poder e o governo, evitam pela sua existência, atos anti-sociais e violentos.

O anarquismo demonstra que são o resultado da organização social baseada na desigualdade de condições. O roubo, o assassinato, os atentados contra pessoas e contra bens, resultam da organização viciada que impede uma imensa maioria de seres humanos como nós, de satisfazer todas as suas necessidades! Tem suas raízes na propriedade privada, suas origens no "direito" de uns poucos estragarem aquilo que milhões carecem, em geral, os que trabalham oito e mais horas diárias. E, quando o impulso do temperamento é demasiado forte, quando a necessidade fala mais alto, a injustiça grita primeiro, o indivíduo "infringe" as leis artificiais, estudadas, mentalizadas, escritas e aprovadas por uns poucos para submeter muitos à obediência, visando a consagrar a espoliação do homem pelo homem, pela voz de seus administradores, considera e qualifica tais atos anti-sociais, quando a verdadeira causa reside exatamente n situação opressiva e desigual conduzida e sustentada pelos governantes.

Numa sociedade em que cada indivíduo tenha a faculdade de se desenvolver livre e integralmente, estes atos certamente não poderiam ser cometidos dada a ausência dos modos que hoje o determinam. Por outro lado, está provado cientificamente, que dentro da atual sociedade, não existe nenhum meio repressivo capaz de impedir que tais atos tenham lugar. A violência imposta a nível de sociedade, gera a violência individual cada vez em maior escala e frente a essa anormalidade, são chamados jurisconsultos, a dar opiniões e apresentar soluções, sem se darem conta de que o comportamento moral e material do homem, depende exclusivamente das condições do meio, das potencialidades hereditárias e da educação a que foi e é submetido!

O homem infringe leis penais, feitas pelo homem crendo sempre que se pode escapar à punição do seu ato. Comete delitos anti-sociais, porque sua vontade é insuficiente para reprimir os motivos que o impulsionam a cometê-los. A insuficiência de sua vontade é devido à educação recebida, ao meio frequentado, faz parte dos seus vícios orgânicos hereditários e da deformação do caráter que lhe foi imposto pela sociedade. E por mais violentas que as leis sejam, são sempre impotentes para prevenir e evitar os delitos e os crimes. Ao contrário, a violência de baixo cresce com tanto ou mais intensidade do que a violência de cima!

Por isso, sua impotência reflete a sua incompetência, é a própria negação de sua validade e sua autocondenação! Quando a autoridade irracional pensa acabar com a necessidade, a usurpação que ela mesma representa e defende, contrariando o direito das pessoas, é importante para cumprir sua pretendida missão, declarar-se falida na realidade.

Isto é nos mostrado todos os dias na China e na Espanha, em Cuba ou no Irã, no Vietname ou em Portugal, na Nicaraguá, no Chile, em Angola, Moçambique, nos Estados Unidos, Brasil, no mundo!

No curso da história, assim como na época atual, o governo ou é dominação brutal, violenta, autoritária de uns poucos sobre muitos, ou é um instrumento preparado para assegurar o domínio e o privilégio daqueles que, por força, astúcia ou por herança, tem monopolizado todos os meios de vida, o solo, principalmente, servindo-se dele para manter o povo na servidão e fazendo-o trabalhar por sua conta.

Para oprimir os homens usam dois modos: diretamente, com a força bruta, a violência física e psicológica; ou indiretamente, subtraindo-lhes os meios de subsistência e forçando-os assim a entregar-se a discrição. O primeiro é originário do poder, do privilégio político; o segundo é proveniente do privilégio econômico. Existe a opressão injetada na inteligência e nos sentimentos por força da religião, da escola à universidade, da educação familiar, mas da mesma forma que o sentimento só existe como resultado das forças materiais, também a mentira e as corporações formadas para propagá-las só viverão enquanto forem conseqüência dos privilégios políticos, econômicos, hierárquicos e sociais, um meio para defendê-los e consolidá-los. No dia em que isto for abolido, terão o seu fim. Abolir a autoridade irracional, dispensar o governo do homem sobre o homem, não significa, para os anarquistas, destruir as forças e as capacidades individuais e coletivas que existem na espécie humana, pelo contrário, visa aperfeiçoá-las, melhorá-las!

Tão pouco, pretendem acabar com a influência que os homens em disputas pessoais exercem uns sobre os outros: isso equivaleria a reduzir a humanidade ao estado de uma massa de átomos imóveis e inertes, coisa impossível, seria a destrução de todo o organismo social, a morte da humanidade. Abolir a autoridade irracional para o anarquista, significa abolir o monopólio da força e da influência, quer dizer substituir um estado de coisas em razão das quais a força de todos, se converte em instrumento do pensamento, dos interesses de um pequeno número de indivíduos, que canalizam e recolhem esta energia para suprimir a liberdade à maioria produtora, construtora de riquezas, usando-a exclusivamente em proveito de uma minoria, evitando que se converta numa ordem social generosa e boa para todos.

Em contraposição ao sistema que tem como pilares de sustentação a autoridade irracional, o governo, incapaz de tornar o homem irmão do homem, de uni-lo solidária e voluntáriamente na reconstrução de uma sociedade onde cada ser humano possa ser um produtor-consumidor, na medida de suas forças, capacidade, necessidades e aptidões, onde o bem-estar ou a infelicidade de um de seus membros-componente, signifique a alegria ou a tristeza de cada um e de todos.

Os anarquistas partem da falência político-administrativa dos governos conhecidos até hoje para proporem uma ordem social resultante da liberdade de relações entre indivíduos livremente associados, sempre dissolúveis, ligados apenas por laços de solidariedade humana.

Dentro deste ponto de vista, a moral anarquista tem por base o desenvolvimento da vontade individual, crente de que só homens com vontade própria, conscientes, de mentes arejadas, individualmente capazes de se autodirigirem poderão libertar-se dos atavismos, das hierarquias, arrancar de dentro de si mesmo o pequeno reacionário que cada um de nós carrega no inconsciente coletivo e que tanto dificulta o homem de perceber que não tem necessidades superiores ou inferiores aos seus semelhantes e que não carece de dirigentes exteriores, de chefes, de líderes, condutores de massa existentes numa sociedade anarquista, onde um homem vale um homem!

Do livre concurso de todos mediante associações espontêneas dos indivíduos, segundo suas simpatias (afinidades de temperamentos) e necessidades, de baixo para cima, do simples para o composto, partindo de interesses imediatos para chegar aos mais afastados e gerais, surgiria uma organização social que teria por fim o maior bem estar e a maior liberdade de todos, ligando a humanidade por laços fraternais, cujas modificações e aperfeiçoamentos constantes ocorreriam sempre em razão da maior experiência adquirida, já que o anarquista é um atleta sempre em busca da evolução humana. Isto não é certamente o fim, a perfeição, mas o começo, o caminho aberto a todos para o progresso e o aperfeiçoamento em benefício de todos e de cada um.

Esta sociedade de homens convivendo fraternalmente, em igualdade de direitos, deveres e possibilidades, com liberdade de defender a sua própria liberdade, de cultivá-la como a saúde, a vida, chama-se anarquia!

Anarquia a nosso ver, é o mesmo que ordem social generosa e boa, sociedade que irmana os homens num abraço fraterno de iguais, de irmãos, baseado na liberdade plena, consciente, e portanto, em harmonia com a natureza começo e fim de todas as coisas, e ipso-facto a própria ordem por excelência.

Edgar Rodrigues

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

as manhas do poder

Os medíocres ocupam nas atenções de Michel Foucault uma posição privilegiada, se disse uma vez. Os loucos, presidiários e as crianças são os personagens centrais do estudo desenvolvido por este erudito professor francês, que produziu um pensamento eficaz sobre a submissão dessas "minorias" a um poder que ele vê com olhos atentos.

O poder, para Foucault, não é aquele que está no pico da pirâmide e portanto inacessível, mas, em vez disso íntimo entre nós, disseminado em fragmentos que parcializam nossas vidas e controlam "os corpos, os gestos e discursos". Pode-se afirmar que, através de jogadas de base, o poder faz o seu domínio, que em última instância acaba formando cachos na árvore do rei. Contra um hábito sedimentado de questionar o soberano e o aparelho do Estado com o olhar voltado para cima, Foucault insiste em captar as manchas do poder do ângulo daqueles esmagados por uma instituição totalitária.

Este texto reproduz uma aula proferida no "College de France", em janeiro de 76, traduzida do livro "Microfísica del Poder", organizado por Julia Varela e Fernando Álvarez-Uría.

O que tenho tentado analisar até agora, a grosso modo, desde 1970-71, tem sido o como do poder. Tenho procurado seus mecanismos entre dois pontos de relação, dois limites: por um lado, as regras do direito que delimitam formalmente o poder; por outro, os efeitos de verdade que este poder produz, transmite e que por sua vez reproduzem este poder. Um triângulo pois: poder, direito, verdade.

Podemos dizer esquematicamente que a pergunta tradicional da filosofia política poderia formular-se nestes termos: como pode o discurso da verdade, ou simplesmente a filosofia entendida como discurso da verdade por excelência, fixar os limites de direito do poder? Esta é a pergunta tradicional. Eu queria, porém, formular outra, desde a base, e muito mais concreta que essa pergunta tradicional, nobre e filosófica. Meu problema seria precisamente este: que regras de direito põem em marcha as relações de poder para produzir discursos de verdade? __ ou melhor, que tipo de poder é suscetível de produzir discursos de verdade que estão; em uma sociedade como a nossa; dotados de efeitos tão poderodos?

Em uma sociedade como a nossa __ porém no fundo, em qualquer sociedade __ relações de poder público atravessam, caracterizam, constituem o corpo social. Estas relações de poder não podem dissociar-se, nem estabelecer-se, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso. Não há exercício de poder possível sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionem neste par e a partir dele. Estamos submetidos à produção da verdade desde o poder e não podemos exercitar o poder senão através da produção da verdade. Isto é válido para todas as sociedades, porém creio que na nossa a relação entre poder, direito e verdade se organiza de um modo muito particular.

Para caracterizar não seu próprio mecanismo mas sua intensidade e constância, poderia dizer que estamoss constrangidos a produzir a verdade a partir do poder que a exige, que a necessidade para funcionar: temos que dizer a verdade; estamos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la. O poder não pára de perguntar-nos, de indagar, de registrar __ institucionaliza a pesquisa da verdade, a profissionaliza, lhe recompensa. No fundo, temos que produzir verdade igual que produzir riquezas. Por outro lado, também estamos submetidos a verdade no sentido em que a verdade faz leis, elabora o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, decide transmite, empurra efeitos de poder. Depois de tudo somos julgados, condenados, classificados, obrigados a competir em função de discursos verdadeiros que contém efeitos específicos de poder:

Por conseguinte, regras de direito, mecanismos de poder, efeitos de verdade, ou também regras de poder e poder dos discursos verdadeiros __ é mais ou menos o campo geral que tenho intentado percorrer, ainda que, sei disso, de forma parcial e com muitos ziguezagues. A propósito deste itinerário queria dizer algumas coisas, sobre o que me tem guiado como princípio e sobre as conseqüências imperativas e as precauções metodológicas que quis tomar.

Um princípio geral, no que concerne às relações entre direito e poder: me parece que nas sociedades ocidentais, e desde a Idade Média, a elaboração do pensamento jurídico tem-se desenvolvido essencialmente em torno do poder real. A pedido do poder real, em seu proveito e para servir-lhe de instrumento ou de justificação, se construiu o edifício jurídico de nossas sociedades. O direito no Ocidente é um direito regido pelo rei. Todos conhecem o papel célebre, famoso, insistentemente repetido dos juristas na organização do poder real. Não há que esquecer que a reativação do Direito Romano no século XII tem sido o grande fenômeno em torno do qual e a partir de que foi reconstituído o edifício jurídico que se dissociou com a queda do Império Romano. Esta ressurreição do Direito Romano foi efetivamente um dos instrumentos técnicos e constitutivos do poder monárquico autoritário, administrativo e, em suma, absolutista. E quando, nos séculos seguintes, esses edifício jurídico escape ao controle real, quando esteja mais virado contra ele, surgirá o interrogante acerca das suas prerrogativas.

Dito de outro modo, creio que o personagem central de todo o edifício jurídico ocidental é o rei. É essencialmente do rei, de seus direitos, de seu poder, dos limites eventuais do mesmo de quem se trata na organização geral do sistema jurídico ocidental. Que os juristas tenham sido servidores do rei ou tenham sido seus adversários, de toda maneira é sempre do poder real de que se fala nestes grandes edifícios do pensamento e do saber jurídico.

Fala-se dele de dois modos. Para mostrar em que armadura jurídica se investia o poder real, como o monarca era efetivamente o corpo vivente da soberania, como seu poder, por mais que absoluto, era perfeitamente adequado ao direito fundamental. Ou, pelo contrário, para mostrar como havia que limitar esse poder do soberano a que regras de direito haveria de submeter-se, dentro de que limites deveria exercer-se para que conservasse sua legitimidade. A teoria do direito, desde a Idade Média, tem essencialmente o papel de fixar a legitimidade do poder; ou seja, o que o principal problema ao redor do qual se organiza toda a teoria do direito é o da soberania.

Dizer que a soberania é o problema central do direito nas sociedades ocidentais quer dizer, no fundo, que o discurso e a técnica do direito têm tido essencialmente a função de dissolver no interior do poder o fato da dominação para fazer aparecer em seu lugar duas coisas: de uma parte, os direitos legítimos da soberania e, de outra, a obrigação legal da obediência. O sistema do direito está inteiramente centrado no rei, que emascara por conseguinte a dominação e suas conseqüências.

Nos anos precedentes, meu projeto geral era, no fundo, o de inverter a direção da análise de todo o discurso do direito a partir da Idade Média. Tenho intentado, pois fazer o contrário. Ou seja: fazer valer, em seu segredo e em sua brutalidade, o fato da dominação; e a partir daqui mostrar não só como o direito é, em geral, o instrumento dessa dominação __ o que é evidente __ Assim também como, até onde, e sob que formas e direito (e quando digo direito não penso simplesmente na lei, mas no conjunto de aparatos, instituições, regulamentos que se aplicam ao direito) transmite, funcionaliza relações que não são exclusivamente relações de soberania mas de dominação. E por dominação não entendo o fato maciço de uma dominação global de um sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiples formas de dominação que podem exercer-se no interior da sociedade. E portanto, não o rei em sua posição central mas os sujeitos em suas relações recíprocas; não a soberania em seu edifício específico, mas os múltiplos submetidos, as múltiplas sujeições, as múltiplas obrigações que têm lugar e funcionamento dentro do corpo social.

O sistema de direito, o campo judicial, são os trâmites permanentes de relações de dominação, de técnicas de submetimento polimorfas. O direito visto não do ângulo da legitimidade que se instaura, mas desde aquele dos procedimentos de submetimento que põe em marcha.,

Precauções de Método

O problema para mim está em evitar esta questão __ central para o direito __ da da soberania e da obediência dos indivíduos submetidos a ela, e fazer ver, em lugar da obediência, o problema da dominação e do submetimento. Sendo esta a linha geral de análise, eram necessárias um certo número de precauções de método para intentar desenvolvê-la.

1. Primeiramente esta: não se trata de analisar as formas regulares e legitimadas do poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes. Se trata, pelo contrário, de apanhar o poder em suas extremidades, em seus últimos confins, ali onde se torne capilar, de pegá-lo em suas formas e instituições mais regionais, mais locais, sobretudo ali onde, saltando por cima das regras de direito que o organizam e o delimitem, se estende mais além delas, se investe em instituições, adota a forma de técnica e proporciona instrumentos de intervenção material, eventualmente inclusive violento. Um exemplo: antes de tentar saber onde e como o direito de castigar se funda na soberania, tal como aparece na teoria do direito monárquico ou na do direito democrático, se tenta ver como de fato o castigo e o poder de castigar tomavam forma em um certo número de instituições locais, regionais, materiais, ou seja o suplício ou a detenção carcerária, e isto por sua vez no âmbito institucional, físico, regulamentário e violento dos aparatos de castigo. Em outros termos, pegar sempre ao poder nos limites menos jurídicos de seu exercício.

2. Como segunda precaução de método, se tratava de não analisar o poder no terreno da intenção ou da decisão, nem de apanhá-lo por sua face interna, nem de fazer esta pergunta labiríntica e irresolúvel: "Quem detém o poder e que intenções tem? ou __ Que busca aquele que detém o poder?" Se trata mais de estudar o poder ali onde sua intenção, se é que tem uma intenção, está totalmente investida no interior de práticas reais e efetivas, em sua face externa, ali onde está em relação direta e imediata com o que podemos provisoriamente chamar seu objeto, fim, seu campo de aplicação, ali onde se implanta e produz efeitos reais.

Não se pergunta, pois, por que alguns querem dominar, que buscam em sua estratégia de conjunto; mas como funcionam as coisas ao nível do processo de submetimento, ou naqueles processos contínuos e ininterruptos que submetem os corpos, guiam os gestos, regem os comportamentos, etc.

Em outras palavras, antes de perguntar-se como aparece o soberano no alto, tentar saber como se têm, progressivamente, realmente, materialmente constituído os sujeitos, a partir da multiplicidade dos corpos, das forças, das energias, das materialidades, dos desejos, dos pensamentos, etc.

Pegar a instância material do submetimento enquanto que constituição dos sujeitos. Seria exatamente o contrário do que Hobbes quis fazer no Leviatã, e no fundo, creio, do que fazem todos os juristas, para os quais o problema é saber como, a partir da multiplicidade dos indivíduos e das vontades, pode formar-se uma vontade única, ou melhor, um corpo único, acionado por uma alma que seria a soberania. Lembre-se do esquema do Leviatã: enquanto que homem fabricado, o Leviatã não é mais que a coagulação de um certo número de individualidades separadas que se encontram entalhadas por um conjunto de elementos constitutivos do Estado; porém no coração do Estado, ou melhor, em sua cabeça, existe algo que o constitui como tal, e este algo é a soberania de que Hobbes diz precisamente ser a alma do Leviatã. Pois bem, mais que colocar este problema da alma central, creio que faria falta estudar os corpos periféricos e múltiplos, esses corpos constituídos pelos efeitos de poder à semelhança de sujeitos.

3. Terceira precaução de método: não considerar o poder como um fenômeno de dominação massiva e homogênea de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

as manhas do poder

uma classe sobre as outras. Mas ter bem presente que o poder, caso não o contemplemos demasiadamente de longe, não é algo dividido entre os que o possuem, entre os que o detém exclusivamente e os que não têm e o suportam. O poder tem que ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que não funciona senão em cadeia. Não está nunca localizado aqui ou ali, não está nunca nas mãos de alguns, não é um atributo como a riqueza ou um bem. O poder funciona, se exercita através de uma organização reticular. E em suas redes não só circulam os indivíduos, mas que além disso estão sempre em situação de sofrer ou de exercitar esse poder, não são nunca o fim inerte ou consentidor do poder nem são sempre os elementos de conexão. Em outros termos, o poder transita tranversalmente, não está parado nos indivíduos.

Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltiple e inerte sobre a qual se aplicaria ou contra a qual se golpearia o poder. Na prática, o que faz que um corpo, uns gestos, uns discursos, uns desejos sejam identificados e constituídos como indivíduos, é em si um dos primeiros efeitos do poder. O indivíduo não é um vis-a-vis do poder; é, penso, um de seus primeiros fatores. O indivíduo é um efeito de poder, e ao mesmo tempo, ou justamente na medida em que é um efeito, é o elemento de conexão. O poder circula através do indivíduo que ele constituiu.

4. Quarta consequência, a nível das preocupações de método: quando digo que o poder se libera, circula, forma redes, é verdade só até certo ponto. Do mesmo modo que se pode dizer que todos temos algo de fascismo na cabeça, se pode dizer que todos temos algo, e mais profundamente, de poder no corpo. Porém não creio que se possa concluir que o poder é a coisa melhor distribuída do mundo, se bem que o seja em certa medida. Não se trata de uma espécie de distribuição democrática ou anárquica do poder através dos corpos. Me parece que e esta seria a quarta precaução de método — o importante não é fazer uma espécie de dedução de um poder que partiria do centro e intentar ver até onde se prolonga, para baixo, nem em que medida se reproduz, até aos elementos mais moleculares da sociedade. Porém se deve fazer uma análise ascendente do poder, partir dos mecanismos infinitesimais, que têm sua própria história, seu próprio trajeto, sua própria técnica e tática, e ver depois como estes mecanismos de poder foram e todavia estão investidos, colonizados, utilizados, abrandados, transformados, deslocados, estendidos, etc., por mecanismos mais gerais e por formas de dominação global.

Não é a dominação global a que se pluraliza e repercute para baixo; penso que há de se analisar a maneira como os fenômenos, as técnicas, os procedimentos de poder funcionam nos níveis mais baixos, mostrar como estes procedimentos se deslocam, se estendem, se modificam, porém sobretudo como são investidos e anexados por fenômenos mais globais, e como poderes mais gerais ou benefícios econômicos podem inserir-se no jogo destas tecnologias ao mesmo tempo autônomas e infinitesimais do poder.

Se pode dar um exemplo em relação à loucura para que isto fique mais claro. A análise descendente, da qual penso que se deve desconfiar, poderia dizer que a burguesia se tornou, a partir dos finais do século XVI-XVII, a classe dominante; supondo-se isso, como deduzir daqui o encarceramento dos loucos?

A dedução se pode fazer sempre, é fácil, e é justamente isso o que lhe reprovaria. Ou seja, é fácil mostrar que, sendo precisamente o louco um inútil para produção industrial, a burguesia se viu obrigada a desfazer-se dele. Se poderia fazer o mesmo com respeito à sexualidade infantil, e é por outra parte o que têm feito até certo ponto determinadas pessoas, por exemplo, W. Reich.

SOLUÇÕES SIMPLISTAS

Como se pode compreender a repressão da sexualidade infantil a partir da dominação da classe burguesa? Pois bem, muito simplesmente, havendo-se tornado o corpo humano essencialmente força produtiva a partir do século XVII-XVIII, todas as formas de dispêndio que eram irreduzíveis à constituição das forças produtivas, manifestando-se por conseguinte em sua inutilidade, foram vedadas, excluídas, reprimidas.

Foucault: o poder está entre nós.

Estas deduções são sempre possíveis, são ao mesmo tempo verdadeiras e falsas, são demasiado fáceis já que se poderia fazer justamente o contrário e mostrar como, partindo do princípio de que a burguesia chega a ser uma classe dominante, os controles da sexualidade não eram absolutamente desejáveis. Pelo contrário, havia a necessidade de uma aprendizagem sexual, de uma precocidade sexual, na medida em que no último termo se tratava de reconstituir uma força-trabalho, cujo estatuto ótimo era, como sabemos, pelo menos a princípios do século XIX, o de ser infinita: quanto maior fosse a força-trabalho, tanto melhor e mais plenamente poderia funcionar o sistema de produção capitalista.

Creio que pode se deduzir qualquer coisa do fenômeno geral da dominação burguesa. Penso que há que fazer o contrário, ou seja, ver como historicamente, partindo de baixo, puderam fazer funcionar os mecanismos de controle; e quanto à exclusão da loucura por exemplo, ou à repressão e proibição da sexualidade infantil, ver como, ao nível real da família, do seu círculo restrito, das células, dos pontos mais pequenos da sociedade, estes fenômenos de repressão ou de exclusão se têm instrumentado, tiveram sua lógica, têm respondido a um determinado número de necessidades; mostrar quais têm sido seus agentes reais, não buscá-los na burguesia em geral, mas nos agentes diretos (que poderão ser, num âmbito mais próximo, a família, os pais, os médicos, os pedagogos, etc), e como estes mecanismos de poder, em um momento dado, em uma conjuntura precisa, e mediante um determinado número de transformações, começaram a tornar-se economicamente vantajosos e politicamente úteis.

Creio que deste modo se conseguiria demostrar que, no fundo, a burguesia tem necessitado, ou o sistema tem encontrado seu próprio interesse, não nas exclusão dos loucos ou na vigilância e na proibição da masturbação infantil (o sistema burguês pode tolerar perfeitamente o contrário), porém, mais e melhor na técnica e no procedimento mesmo da exclusão. São os intrumentos de exclusão, os aparatos de vigilância, a medicalização da sexualidade, da loucura, da delinqüência, toda esta microfísica do poder, a que teve, a partir de um determinado momento, um interesse para a burguesia.

Mais ainda, poderíamos dizer, na medida em que esta noção de burguesia e de interesse da burguesia não tem de modo verossímil um conteúdo real, ao menos em relação aos problemas de que nos ocupamos agora, que não foi a burguesia a que pensou que a loucura devia ser excluída ou reprimida a sexualidade infantil; melhor, os mecanismos de exclusão da loucura, de vigilância da sexualidade infantil, chegando um certo momento e por razões que há de se estudar, puseram patente um proveito econômico, uma utilidade política e, de golpe, se encontraram naturalmente colonizados e sustentados por mecanismos globais, pelo sistema do Estado; e é partindo desta técnica de poder e mostrando seus benefícios econômicos ou as utilidades políticas que deles derivam, em um contexto dado e por determinadas razões, como se pode compreender que de fato estes mecanismos terminam por formar um conjunto.

Para dizer de outro modo, a burguesia não se importa nem um pouco com os loucos, porém os procedimentos de exclusão dos loucos têm mostrado e liberado, a partir do século XIX e uma vez mais sobre a base de certas transformações, um benefício político, e também eventualmente uma certa utilidade econômica que solodificaram o sistema e o fizeram funcionar em seu conjunto. A burguesia não se interessa pelos loucos, se interessa pelo poder; não se interessa pela sexualidade infantil, mas pelo sistema de poder que a controla. A burguesia se lixa completamente dos delinqüentes, de seu castigo ou de sua reinserção, que economicamente não têm muita importância, porém, se interessa pelo conjunto dos mecanismos mediante os quais o delinqüente é controlado, seguido, castigado, reformado, etc.

5. Quanto à quinta preocupação, é muito possível que as grandes máquinas de poder estivessem acompanhadas de produções ideológicas. Por exemplo, existiu provavelmente uma ideologia da educação, uma ideologia do poder monárquico, uma ideologia da democracia parlamentar, etc., porém no fundo não creio que o que se formem sejam ideologias: é muito menos e muito mais. São instrumentos efetivos de for-

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

as manhas do poder

mação e de acumulação de saber, métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de indagação e de pesquisa, aparatos de verificação. Isto quer dizer que o poder, quando se exerce através destes mecanismos sutis, não pode fazê-lo sem formar, sem organizar e pôr em circulação um saber, ou melhor, uns aparatos de saber que não são construções ideológicas.

Poderia se dizer, para resumir estas cinco precauções de método, que, em lugar de dirigir a investigação sobre o poder ao edifício jurídico da soberania, aos aparatos de Estado e às ideologias que neles estão coladas, deve-se orientá-la para a dominação, para as operações materiais, as formas de submetimento, as conexões e utilizações de tal submetimento, — para os dispositivos de estratégia. Há de se estudar o poder de fora do modelo do Leviatã, de fora do campo delimitado pela soberania jurídica e pelas instituições estatais. Se trata de estudá-lo partindo das técnicas e das táticas de denominação.

Isto é, um esquema, a linha metodológica que creio deve seguir-se e que tentei seguir nas diferentes buscas que fizemos em anos anteriores em relação ao poder psiquiátrico, à sexualidade infantil, aos sistemas políticos etc. Percorrendo, pois, estes domínios e tendo estas precauções de métodos, creio que aparecerá um fato histórico compacto que nos introduzirá enfim nas questões em que queria lhes falar agora.

Este fato histórico global é a teoria jurídica-política da soberania de que lhes falava antes, a qual tem jogado quatro papéis. Em primeiro lugar, tem-se referido a um mecanismo de poder efetivo que era a monarquia feudal. Em segundo lugar, tem servido de instrumento e de justificação para a construção das grandes monarquias administrativas. Em outro momento, a partir do século XVI, e sobretudo do XVI, já no momento das guerras de religião, a teoria da soberania tem sido uma arma que circulou de um campo, que foi utilizada em um sentido e em outro, seja para limitar, seja, pelo contrário, para reforçar o poder real: a encontramos entre os católicos monárquicos e entre os protestantes antimonárquicos, entre os protestantes monárquicos e mais ou menos liberais, entre os católicos partidários do regicídio ou da mudança de dinastia; funciona em mão de aristocratas e de parlamentares, entre os representantes do poder real e nos últimos feudatários.

Em poucas palavras, tem sido o grande instrumento da luta política e teórica em torno dos sistemas de poder dos séculos XVI e XVII. Por fim, no século XVIII, segue sendo esta teoria da soberania, reativada pelo Direito Romano, a que encontramos em geral, em Rousseau e nos seus contemporâneos, agora jogando uma quarta função: trata-se de construir contra as monarquias administrativas, autoritárias e absolutas, um modelo alternativo, o das democracias parlamentares. E é todavia este papel o que joga no momento da Revolução.

Pois bem, se seguimos quatro papéis, nos damos conta de uma coisa: de que, enquanto durou a sociedade de tipo feudal, os problemas aos quais se referia a teoria da soberania cobriam efetivamente a mecânica geral do poder, o modo em que se exercia até os níveis mais baixos a partir dos mais altos. Ou seja, a relação de soberania, entendida de modo amplo ou restrito, recobria a totalidade do corpo social. Efetivamente, o modo de exercitar-se o poder podia ser transcrito, ao menos no essencial, em termos de relação soberano-súdito. Porém, nos séculos XVII-XVIII se produz um fenômeno importante, o aparecimento, ou melhor, a invenção de uma nova mecânica de poder que possui procedimentos muito singulares, instrumentos totalmente novos, aparatos muito distintos e que é, creio, absolutamente incompatível com as relações de soberania.

O Poder Disciplinário

Esta nova mecânica de poder apoia-se mais sobre os corpos e sobre o que estes fazem sobre a terra e seus produtos. É uma mecânica de poder que permite extrair dos corpos tempo e trabalho, mais que riqueza ou bens. É um tipo de poder que se exerce incessantemente através da vigilância e não de uma forma descontínua por meio de sistemas de impostos e de obrigações distribuídas no tempo; supõe mais uma quadriculação compacta de coações materiais que a existência física de um soberano; e, enfim, apoia-se no princípio segundo o qual uma verdadeira e específica nova economia de poder tem que lograr fazer crescer constantemente as forças submetidas e a força e a eficácia de quem as submete.

Este tipo de poder opõe-se, ponto por ponto, à mecânica de poder descrita ou que intentava descrever a teoria da soberania. A teoria da soberania está ligada a uma forma de poder que se exerce sobre a terra e seus produtos, muito mais que sobre os corpos e sobre o que estes fazem. Refere-se ao deslocamento e à apropriação por parte do poder não do tempo nem do trabalho, mas dos bens e das riquezas. Permite transcrever em termos jurídicos obrigações descontínuas e distribuídas no tempo; não permite codificar uma vigilância contínua; permite fundar o poder em torno da existência física do soberano, não a partir dos sistemas contínuos e permanentes de controle. A teoria da soberania permite fundar um poder absoluto no dispêndio absoluto do poder, não permite, pelo contrário, calcular o poder com um mínimo de dispêndio e um máximo de eficácia.

Este novo tipo de poder que não pode já transcrever-se nos termos da soberania é, creio, uma das grandes invenções da sociedade burguesa. Tem sido um instrumento fundamental na constituição do capitalismo industrial e do tipo de sociedade que lhe é correlativa; este poder não-soberano, estranho à forma da soberania, é o poder disciplinário.

O poder disciplinário, indescritível em termos da teoria da soberania, radicalmente heterogêneo, teria que haver conduzido normalmente à desaparição do grande edifício jurídico dessa teoria. Porém, na realidade, a teoria da soberania continuou, não só existindo como ideologia do direito, mas organizando os códigos jurídicos, que aparecem na Europa do Século XIX, a partir dos códigos napoleônicos.

Por que tem persistido a teoria da soberania como ideologia e como princípio organizador dos grandes códigos jurídicos? Creio que as razões podem ser duas. Por uma parte, foi, no século XVIII e todavia no século XIX, um instrumento crítico permanente contra a monarquia e contra os obstáculos que poderiam opor-se ao desenvolvimento da sociedade disciplinária. Porém, por outra parte, a teoria da soberania e a organização de um código jurídico centrado nela permitiram sobrepor aos mecanismos de disciplina um sistema de direito que ocultava os procedimentos e o que poderia haver de técnica de dominação, e assegurava a cada qual, através da soberania do Estado, o exercício de seus próprios direitos soberanos.

Os sistemas jurídicos, quer se trate das teorias ou dos códigos, permitiram uma democratização da soberania com a constituição de um direito político articulado sobre a soberania coletiva, no momento mesmo em que esta democratização da soberania se fixava em profundidade mediante os mecanismos da coação disciplinária.

Mais rigorosamente, poder-se-ia dizer: desde o momento em que as constrições disciplinárias tinham que exercer-se como mecanismos de dominação e estar ao mesmo tempo escondidas como exercício efetivo de poder, era necessário assim mesmo que a teoria da soberania estivesse presente no aparato jurídico e fosse reativada pelos códigos.

Nas sociedades modernas, desde o século XIX até nossos dias, temos, pois, por uma parte uma legislação, um discurso, uma organização do direito público articulado em torno do princípio do corpo social e da delegação por parte de cada um; e, por outra, uma quadriculação compacta de coações disciplinárias que asseguram na prática a coesão desse mesmo corpo social. Agora bem, essa quadriculação não pode, em nenhum caso, transcrever-se no interior desse direito que é, sem dúvida, seu companheiro necessário.

Um direito de soberania e uma mecânica da disciplina: entre estes dois limites, creio, se joga o exercício do poder. Porem, estes dois limites são tão heterogêneos que não podem reduzir-se um ao outro. Os poderes se exercitam nas sociedades modernas através, a partir e no mesmo jogo entre esta heterogeneidade entre o direito público da soberania e uma mecânica polimorfa das disciplinas. O que não quer dizer que exista por uma parte um sistema de direito douto e explícito, que seria o da soberania, e ademais as disciplinas obscuras e mudas que trabalhariam em profundidade, na sombra, constituindo o subsolo da grande mecânica de poder.

Na realidade, as disciplinas têm o seu discurso. São, pelas razões que dizia antes, criadoras de aparatos de saber e de múltiplas dominações de conhecimento. São extraordinariamente inventivas na ordem dos aparatos que formam saber e conhecimento. As disciplinas são portadoras de um discurso, porém este não pode ser o do direito; o discurso das disciplinas é estranho ao da lei, ao da regra efeito da vontade soberana. As disciplinas levam em si um discurso que será o da regra, não o da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra natural, ou seja, o da norma. Definirão um código que não será o da lei mas o da normalização, referir-se-ão a um horizonte teórico que não serão as construções do direito, mas o campo das ciências humanas, e sua jurisprudência será a de um saber clínico.

Em suma, o que quis mostrar no transcurso destes anos últimos, não é como sobre a frente avançada das ciências exatas se foi, pouco a pouco, anexando à ciência ao domínio incerto, difícil, complicado do comportamento humano: não é através de um progresso de racionalidade das ciências exatas como se tem constituído gradualmente as ciências humanas. Creio que o processo que fez fundamentalmente possível o discurso das ciências humanas é a justaposição, o choque de duas linhas, de dois mecanismos e de dois tipos de discurso absolutamente heterogêneos; por um lado, a organização do direito em torno da soberania e por outro a mecânica das sujeições exercidas pelas disciplinas. E em nossos dias o poder se exerce através deste direito e destas técnicas, que estas técnicas e estes discursos invadam o direito, que os procedimentos de normalização colonizem cada dia mais que os da lei, tudo isso, creio, pode explicar o funcionamento global do que queria chamar sociedade de normalização.

Beco sem saída?

Mais um detalhe. Quero dizer que as normalizações disciplinárias vão chocar-se sempre, cada vez mais, com os sistemas jurídicos da soberania: cada dia aparece mais claramente a incompatibilidade de uma com a outra. É mais necessário uma espécie de discurso arbitrador, um tipo de saber e poder que a sacralização científica tornaria neutro.

É verdadeiramente na extensão da medicina onde vemos, de algum modo, não quero dizer combinar-se, mas chocar-se, entrechocar-se, perpetuamente a mecânica das disciplinas e o princípio de direito. Os avanços da medicina, a medicalização geral do comportamento, das condutas, dos discursos, dos desejos etc., têm lugar na frente em que se encontrarem os dois planos heterogêneos da disciplina e da soberania. Por isto, contra as usurpações da mecânica disciplinatória, contra a exaltação de um poder ligado ao saber científico, nos encontramos hoje em uma situação na qual o único recurso aparentemente sólido é precisamente o recurso da volta a um direito organizado em torno da soberania e articulado sobre este velho princípio.

Quando se quer objetar contra as disciplinas e todos os efeitos de poder e de saber que implicam — que se faz concretamente na vida, que fazem os sindicatos, a magistratura e outras instituições se não é precisamente invocar esse direito, este famoso direito formal, chamado burguês, e que na realidade é o direito da soberania? Mais ainda, creio que nos encontramos em uma espécie de beco sem saída: não é recorrendo à soberania contra as disciplinas como se poderá limitar os efeitos do poder disciplinário, porque soberania e disciplina, direito de soberania e mecanismos disciplinários são as duas caras constitutivas dos mecanismos gerais do poder em nossa sociedade.

Na verdade, para lutar contra as disciplinas na busca de um poder não disciplinário, não se teria que voltar ao velho direito da soberania, mas ir para um novo direito que seria antidisciplinário, ao mesmo tempo que liberado do princípio da soberania. Aqui encontramos a noção de repressão que, penso, apresenta um duplo inconveniente no uso que se fez dela: referir-se obscuramente a uma certa teoria da soberania que seria a dos soberanos direitos dos indivíduos, e, ademais, pôr em jogo, quando dela se utiliza, um sistema de relações psicológicas tomado emprestado às ciências humanas, ou seja, dos discursos e práticas que pertencem ao domínio disciplinar. Creio que a noção de repressão é, todavia, uma noção jurídico-disciplinar seja qual for o sentido crítico que se lhe queira dar. E nesta medida, a utilização como chave crítica da noção de repressão torna-se viciada, inutilizada desde o princípio, dada a dupla relação jurídica e disciplinar que implica respectivamente a soberania e a normalização.

MICHEL FOUCAULT

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

AUTOGESTÃO

"Grite contra a escuridão, porém acenda uma vela."

1. A experiência autogestionária empreendida pela alma (Associação dos Moradores da Lauro e Adjacência) no Rio de Janeiro, que atinge a administração direta de alguns edifícios, mutirão contra o custo de vida, objetivando a eliminação do intermediário entre produtor e consumidor, atividades culturais, recreativas, tudo organizado pelos próprios interessados, sem interferências de políticos ou esferas governamentais, está provocando uma onda de curiosidade, admiração e vontade de imitação.

Esse movimento que agora começa a ganhar amplitude, influenciando outros bairros, é a própria comunidade se articulando orgânica e construtivamente no processo de solução de seus problemas. Em uma palavra Autogestão, Ação direta, que significa ação pelos próprios interessados sem delegação de poderes, sem chefias carismáticas, sem centralização, da base para o ápice, libertariamente.

2. A ALMA fundou-se em 1976 e de imediato entrou em luta para que um enorme terreno situado nos fundos dos blocos residenciais fosse urbanizado e transformado em área de lazer. Em 1978, depois de marchas e contra-marchas os moradores da Lauro Müller atingiram seu objetivo e a área de 30,00 metros foi integrado a comunidade.

Nesse local magnifico, a céu aberto, o inimigo do Rei teve a oportunidade de assistir a uma Assembléia Geral dos Moradores. A mesa organizadora da sessão, eleita livremente na hora entre os participantes.

Palavra aberta de modo ordenado a todos que quizessem fazer uso dela. Discussão animada em volta do problema de produtores e consumidores, vários convidados presentes destacando-se um agricultor da serra dos órgãos, pertencente a uma coopertativa de produtores, alertando para o fato de que não é apenas o atravessador que onera o preço da mercadoria mas também a lei da oferta e da procura. A escassez de determinado produto faz seu preço subir.

Uma série de relatórios foram apresentados e mereceram discussão animada dos participantes, entretanto a mobilização contra o custo de vida é a iniciativa que no momento está criando intensa motivação com a participação de jovens, velhos e crianças. O entusiasmo é de tal ordem que sobre passando os limites de Lauro Müller começa a ganhar espaços nos jornais, rádios, TVs, indo atingir outros bairros do Rio de Janeiro.

3. Mutirão contra o custo de vida.

Se há assunto que sensibiliza todas as pessoas é a alta desenfreada do custo de vida. Não há dia em que o preço de algum alimento não foi alterado. Os associados da ALMA resolveram enfrentar o problema não através de comícios de protesto contra a carestia, nem através da ação individual, muito menos com apelos há órgãos estatais, porém por intermédio da ação direta coletiva, através de uma ação autogestionária.

Após Assembléia Geral foi designada uma comissão de moradores que fez uma tomada de preços de 21 produtos hortigranjeiros em feiras, mercados, entreposto. Cada componente da comissão ficou encarregado de determinados produtos, recebendo um envelope com dinheiro e os respectivos preços.

Dirigindo-se a CEASA efetuaram a compra de 1.500 kilos de alimentos que foram transportados em caminhão cedido por um associado, no dia seguinte após, estabelecimento dos preços, tudo foi repassado aos presentes, com a vantagem de até 100% a menos no preço de determinados produtos.

Um segundo mutirão foi realizado com absoluto êxito tendo sido repassado 4.500 kilos de hortigranjeiros. A experiência mostrou que a própria CEASA é também atravessadora, e que é mais do que necessário atingir diretamente os produtos eliminando o intermediário.

Essa experiência autogestionária rica em conteúdo humano não resultou vitoriosa em face aos preços convidativos dos produtos alimentares, mais sim do interrelacionamento de inúmeras pessoas que mal se conheciam apesar de viverem em um mesmo edifício, dos laços de companheirirsmo que tarefas comuns estabeleceram, do processo educativo da cooperação, da ajuda mútua, mostrando que o povo pode e deve assumir de forma prática a solução dos problemas da sociedade e não delegar poderes para que outros o façam em seu lugar.

Verifica-se uma participação expontânea, livremente aceita de pessoas de todas as idades, irmanados em objetivos comuns com o fito de servir a todos.

4. Outro Aspecto das Atividades da ALMA.

A ALMA não apenas voltada para o problema do custo de vida, seus objetivos são mais abrangentes, e está lutando também pela construção de uma escola que se articularia diretamente com a comunidade, no mesmo local seria organizada uma creche, funcionaria um salão para atividades culturais (palestras, teatro, cine clube), além de pequena sala para atividades administrativas da própria ALMA.

Os associados da ALMA começam a sentir necessiade de aprofundar o problema da autogestão das lutas, observando outros aspectos da vida social em que ela tem que ser analisada e aplicada. A autogestão deve ser aplicada globalmente na sociedade.

É como afirma o jornalista Pedro Porfírio, atual presidente da entidade: "(...) A autogestão das empresas e das comunidades parece ser a única garantia para o exercício democrático, porque a excessiva centralização de poder nas mãos do Estado, seja ele capitalista ou socialista, só servirá para gerar o imperialismo interno, as soluções de cima para baixo."

Dando um exemplo concreto a ALMA grita contra a escuridão (o Estado centralizador), porém acende uma vela: o processo de Autogestão.

*Associados da **alma** fazem fila para o repasse dos hortigranjeiros.*

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

AUTOGESTÃO

A história da Revolução Russa é um dos temas ricos de experiências, controversos em suas interpretações e em grande parte totalmente desconhecida.

Perderá tempo quem intentar a tarefa árdua de entendê-la somente através da historiografia soviética, das obras de companheiros de viagem, de autores marxistas que dela participaram; ou ainda de historiadores que se colocam incondicionalmente na ótica dos vencedores, ou de grupos que no final acabaram por empalmar o poder.

A Revolução Russa foi também exuberante em realizações concretas, autogestionárias, libertárias, federalistas, que, brotando do gênio criador popular se propagaram, se consolidaram, se realizaram até que forças centralistas autoritárias, heterogestionárias, as esmagaram, e num último assomo tentaram apagar qualquer vestígio de sua brilhante existência e de seu fogo libertador.

O texto que abaixo divulgamos é bem elucidativo de nossa afirmação.

A AUTOGESTÃO EM KRONSTADT EM 1917

Efin Yartchouck, militante libertário ativíssimo no período de 1905 a 1921, sobretudo em Kronstadt, foi um dos articuladores das jornadas insurrecionais de Julho, e ligado praticamente às atividades construtivas, em sua brochura **Kronstadt na Revolução Russa,** diz-nos:

"Naquele momento, Kronstadt tentava conduzir uma prática construtiva. A União dos Agricultores, organização que mantinha ligação com o campo, solicitou a todos que possuíssem ferro-velho, que o ofertassem para fabricar instrumentos destinados ao trabalho agrícola. A comissão técnica e militar do Conselho cedeu certa quantidade de metal proveniente de sucata militar (peças de artilharia que estavam acumuladas num depósito colossal).

Os operários, membros da União, organizaram uma oficina especial, na qual trabalhavam durante o período de lazer e por muitas horas. Técnicos especialistas, soldados, marinheiros os ajudavam igualmente. Fabricou-se foices, arados, cravos, ferraduras etc... Tudo era registrado em listas completas no jornal **Izvestia** do Conselho de Kronstadt. Cada objeto trazia o emblema da União dos Agricultores de Kronstadt. Fornecia-se aos militantes do Conselho que demandavam ao campo, segundo as possibilidades, objetos e instrumentos fabricados pela União, que eram ofertados aos camponeses por intermédio dos Conselhos locais.

Isto valeu ao Conselho de Kronstadt o recebimento de uma avalanche de cartas calorosas, agradecendo e prometendo um apoio à cidade em sua luta por pão e liberdade.

Foi então elaborado o princípio das comunas agrícolas. Essas organizações se estabeleceram do seguinte modo: um grupo de 10 a 60 pessoas, segundo o local de trabalho ou domicílio, se punham de acordo com o objetivo de cultivar em comum a terra.

É necessário acentuar que Kronstadt é uma ilha, com dezenas de quilômetros de comprimento. O lado, frente a Petrogrado, está ocupado pela cidade, os portos e o quebra mar. Os lados norte, sul e oeste estão semeados de fortificações militares, em intervalos de três quilômetros. Efetivamente, durante a guerra, por considerações estratégicas, mesmo as construções que aí se encontravam foram destruídas. Este local foi cultivado pelos Kronstadianos.

Após assembléia-geral de delegados dos grupos cultivadores, na presença de toda sorte de especialistas agrônomos, a terra foi dividida em lotes e distribuída por sorteio aos grupos de cultivadores. As sementes eram fornecidas pela Comissão de Abastecimento. Os instrumentos de trabalho eram evidentemente os mais primitivos: pás, regadores, enxadas, etc. e fornecidos pela Secção de trabalho da cidade. O restante era obtido pela iniciativa pessoal dos "comuneiros". O adubo, transportado pelos cavalos da cidade. Os pedaços de terra cultivados por turnos.

Já em 1918 as comunas de cultivadores auxiliaram muito os Kronstadianos na luta contra a fome. Após a colheita e o desconto em favor das famílias do Comitê de Abastecimento, cada "comunalista" obtinha média de 10 quilos de legumes. Na maioria das comunas, o reparto era feito segundo o número de dias de trabalho.

As comunas se apresentaram atuantes, elas persistiram sempre sob a mesma forma em 1921.

Foi a única organização que os Bolchevistas não puderam suprimir. Pode-se explicar isto talvez pelo fato que Kronstadt se opôs fortemente aos decretos dos bolchevistas e defendiam há muito sua independência.

A vigilância da cidade era assegurada pela milícia popular, isto é, toda a população, por intermédio da Comissão de Moradores. Ela, inicialmente existia em estado embrionário. Toda sua importância se limitava a esse quadro estreito, porém a propaganda realizava sua obra. Nos comícios e conferências dos anarquistas, uma das tarefas continuamente na ordem do dia era a liqüidação da propriedade privada das habitações. Apelava-se para o alargamento das atividades das Comissões de Moradores, a sua união, a fim de realizar pela igualdade de todos a distribuição de moradias.

Como sempre, quando eram tratadas questões de atualidade viva — a guerra, a paz, a terra, as organizações operárias e camponesas — numerosas perguntas escritas eram propostas ao orador e ao relator, quer seja sobre o plano teórico ou plano prático. Muitos se lamentavam da degradação das habitações, a deterioração dos encanamentos de água. E descreviam cenas penosas: a chuva se infiltrando pelos tetos furados e conseqüentemente uma umidade persistente nos apartamentos do subsolo provocando acentuada mortalidade infantil. Os proprietários tinham se desinteressado de consertar as casas durante muitos anos. Só restava uma solução: a apropriação conjunta das residências. Então quando em outubro se delineou a imensa possibilidade de um trabalho criador, um processo de preparação tinha se verificado na consciência das massas e num comício solene foi decidida a socialização imediata das habitações.

Para Kronstadt, entretanto, a tarefa principal persistia: difundir o mais possível as idéias através da Rússia e estar alerta para um eventual conflito armado com a reação externa e interna. Estes fins eram objetivados por órgãos técnicos, duas comissões especiais do Conselho: uma técnico-militar, outra de agitação-propaganda.

A Comissão técnico-militar que existia de modo embrionário, após 3 de Julho efetuou um enorme trabalho durante as jornadas Kronstadianas e desenvolveu então sua atividade. Verificou a capacidade de combate dos portos, efetuou um inventário preciso das forças armadas. A palavra de ordem de armamento geral se difunde através das comissões de fábricas e usinas. A comissão técnico-militar fornece armas a todas as oficinas; os conselhos de fábricas e usinas asseguram a distribuição aos operários; pela instrução militar todos se dividiram em categorias: os que sabiam manejar um fuzil se organizaram em grupo especial de artilheiros, de metralhadores e sapadores. Os novatos em matéria militar receberam instruções. (...) A palavra de ordem: **"Todo o poder aos conselhos locais"** foi entendida em Kronstadt do seguinte modo: Doravante, nenhum centro poderá ordenar a prescrever a qualquer Conselho, nem a qualquer organização o que ele deverá fazer. Ao contrário, cada Conselho, cada organização local de operários e camponeses tende a se unir voluntariamente como organismos do mesmo tipo. Desse modo, a federação das comissões de usinas e fábricas cria uma força organizacional possante, tanto pelo sucesso da defesa da Revolução, como para regularizar harmoniosamente a produção e o consumo.

Kronstadt, limitado por sua posição geográfica na aplicação de suas forças criadoras coloca sua energia na **Autogestão** das habitações. Em um dos grandiosos comícios, os anarquistas são encarregados de levantar no Conselho a questão de uma distribuição equânime das habitações e sua recuperação.

Na sessão seguinte do Conselho, um projeto de socialização (Autogestão) das residências foi apresentado, elaborado pelo grupo libertário e os socialistas revolucionários de esquerda do Conselho.

O primeiro item declarava que: "a partir de agora, a propriedade privada das habitações e das terras fica abolida". A seguir foi dito que a gestão das casas é assegurada pela comissão de moradores e que os assuntos se decidirão, a partir de agora, pelas assembléias gerais de todos inquilinos. As questões relativas a um quarteirão será resolvida pela Assembléia-Geral de habitantes do quarteirão.

AÇÃO CENTRALISTA E AUTORITÁRIA DOS BOLCHEVISTAS

Os bolchevistas, se reportando à importância do problema e à necessidade de estudar a fundo, solicitaram a transferência para a semana seguinte, do debate sobre o projeto da **Autogestão** das residências. Eles foram, durante esse tempo, a Petrogrado e tendo recebido instruções de esferas centrais, exigiram na sessão seguinte do Conselho, a eliminação dessa projetada ordem do dia, alegando que um problema tão sério não poderia ser resolvido senão em escala de toda a Rússia e que Lênine preparava um decreto nesse sentido. Portanto, no interesse de todos, o Conselho de Kronstadt deveria esperar instruções centrais.

Os anarquistas, socialistas revolucionários de esquerda e os maximalistas insistiram para que o projeto fosse tratado de imediato.

Os bolchevistas e os mencheviks constituiram então uma frente comum e abandonaram a sala da assembléia entre apupos e gozações como: "Afinal eles acabaram por se entender"!

Na discussão anterior do projeto, o maximalista Rivkine propôs que se votasse por pontos, a fim de oferecer aos bolchevistas a possibilidade de se justificarem diante dos trabalhadores, que poderiam ter ficado com a impressão de que eles eram contra a supressão da propriedade privada.

Os bolchevistas, tomando consciência da "mancada", retornaram às sessões. O primeiro ponto - a propriedade privada das habitações e da terra seriam suprimidas - foi adotado unanimemente por princípio. Entretanto, quando outros pontos do projeto foram apresentados para exame visando em particular realizá-lo imediatamente, parte dos bolchevistas se retiraram novamente da sessão. Alguns porém, sentindo impossível, dessa vez, se submeter à disciplina do Partido, ainda mais que, como explicaram a seguir, haviam recebido mandato de seus eleitores para votar na imediata realização do projeto, permaneceram na sessão do Conselho. Receberam uma punição severa, a exclusão do Partido, por "desvio anarco—sindicalista".

Muito após esta sessão agitada do Conselho, uma forte luta se verificou em torno do projeto. Nas oficinas, nos navios, nas companhias foram organizados comícios. Os apresentadores do Conselho eram convocados para explicar essa questão. Incontinenti os bolchevistas começaram uma campanha de calúnias contra os anarquistas. Finalmente, não obstante a sabotagem dos bolchevistas, comissões de residências, de bairros e outras, foram criadas em Kronstadt.

Quando se realizou a repartição equitativa das habitações, se observou que ao lado da miséria dos trabalhadores, se alojando em pavorosos sub-solos, havia pessoas que sozinhas ocupavam 10 ou até 15 cômodos. O diretor da Escola de Engenharia, celibatário, ocupava vinte cômodos e quando uma parte foi expropriada, ele considerou isso um ato de banditismo.

O projeto foi aplicado e os que viviam em subsolos sujos e úmidos, em barracos miseráveis e sótãos, se instalaram em apartamentos confortáveis. O princípio de que "todos devem ter uma habitação razoável" foi obedecido.

Previu-se também a existência de muitos hotéis para alojar as pessoas intinerantes. Em cada comissão de bairro foi organizada uma oficina para conserto e reconstrução de casas.

Muito tempo após , quando os argumentos dos bolchevistas face aos adversários de esquerda se tornaram a prisão, a baioneta e a bala é que foi destruída essa organização com todas as suas bases criadoras.

A questão das casas foi transferida para a Administração Central das Habitações e da Terra, junto do Conselho Nacional de Economia, que instalou em cada residência seu funcionário, o "staroste", o qual tinha que exercer também a função de policial, vigiando para que ninguém pudesse viver sem autorização oficial e que as pessoas estrangeiras não fossem albergadas.

Em 1920 um decreto aboliu a instituição do "Staroste". Os funcionários da Administração das Habitações e da Terra puseram-se a reorganizar as comissões residenciais, a apelar para as massas por uma organização autônoma sob a ameaça de uma intervenção da Tchéka. Mas ninguém respondeu a esse apelo, porque a dura realidade mostrou qua a organização autônoma das massas (AUTOGESTÃO) é incompatível com a **"Ditadura do Proletariado"**, com a dominação de um partido, mesmo se no passado ele tenha sido revolucionário. Os "starostes" foram designados para o secretariado das comissões de residências que foram adaptadas ao "novo regime". Posteriormente as residências atingiram uma desorganização total. Assim pereceu uma das grandes conquistas de Outubro.

Arthur de Piero Gouveia

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

OS AMIGOS DO PATRÃO

Ou: a pelegada reina na Bahia

É possível que não exista um Estado neste país que dê mais tranqüilidade à Sua Majestade o General Figueiredo do que esta bucólica e ensolarada Bahia. Aqui, apesar da ocorrência de algumas greves, boa parte dos sindicatos tem mostrado grande colaboração para que o governador do Estado, o temível ACM, durma tranqüilo, sem nenhum medo de razoáveis comoções sociais.

Explica-se: salvo raras exceções — que, por sua vez, costumam pecar pelo autoritarismo inerente a certo tipo de gente que se diz de esquerda — os líderes sindicais baianos têm assumido posições hitleristas. Quando do recente aumento no preço da gasolina, por exemplo, o presidente do sindicato que congrega os motoristas de táxi de Salvador — Alvimar Mandarino — assim reagiu, diante da posição dos motoristas de fazer freve caso a bandeirada também não fosse aumentada: "O Exército está aí para ir às ruas e acabar com a baderna."

Mas os exemplos não param aí. Na greve dos motoristas e cobradores de ônibus — fins de julho, início de agosto — o presidente do sindicato da classe, Gelmario Barreto — cometeu um festival de atitudes do gênero "não me comprometam". Basta dizer que ele foi o primeiro a comunicar ao GOVERNADOR DO ESTADO (pasmem!) que **não tinha nada a ver com aquela greve.** Aliás, ele tinha razão. Realmente o Sr. Gelmario nada teve a ver com a greve dos motoristas e cobradores de ônibus de Salvador. Pelo contrário, fez o que pôde para impedi-la: ameaçou os motoristas, fez reuniões secretas com autoridades e empresários, etc.

Pobres coitados, esses motoristas e cobradores baianos. Como se não bastasse o fascismo do seu "líder" sindical, quando este (sem mais recursos para fugir à pressão dos trabalhadores) "adoeceu", quase que levava um golpe "de Estado" do advogado Aurélio Miguel que — não se sabe porque, vez que não é e nunca foi motorista ou cobrador — chegou a manobrar tentativas de candidatar-se à presidência do Sindicato, aproveitando a vontade dos sindicalizados de derrubar o pelego Barreto. Caso o golpe fosse concretizado, colocar-se-ia outro pelego, pois, no fim das contas, o advogado foi o responsável por um acordo SIGILOSO, À REVELIA DOS MOTORISTAS, assinado com os patrões.

Cometendo pelegadas atrás de pelegadas, um outro "sindicalista" baiano vem-se mantendo no poder miraculosamente há tempos. Trata-se do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Estado da Bahia, Manoel dos Santos. Este, desde os tempos das primeiras greves de metalúrgicos em São Paulo (ainda na época do Rei Geisel) — e quando os trabalhadores deste setor, na Bahia, apresentavam os primeiros sinais de disposição para uma greve —, sempre manobrou cinicamente com os patrões e, evidentemente, contra os trabalhadores, que eram a essência da corte sindical que tão pomposamente o sr. Manoel dirige. Todas as tentativas de greve foram frustradas habilmente. As reuniões com os patrões, secretas e à revelia dos trabalhadores, sucederam-se de forma alarmante. Claro que a classe reagiu. Mas o pelego foi mais forte e consegue — ainda que apagado e "queimado" — permanecer, aos trancos e barrancos, na presidência do sindicato.

E poderiam ser citados diversos outros exemplos. Mas, guardemos espaço para o mais chocante deles: no mês de julho deste ano, o Sindicato dos Jornalistas do Estado da Bahia fazia circular a primeira — e, até o momento em que fechamos esta edição d'O INIMIGO, única — edição do jornal " O NOSSO" (logo apelidado de " O DELES"). Pois bem. Exatamente neste período, a redação do JORNAL DA BAHIA passava por um momento de crise aguda: os patrões, decididos a "conter despesas", resolveram demitir de forma absolutamente cretina uma boa parte de repórteres e redatores. Cerca de 25. Eles eram chamados e lhes era comunicado que, a partir daquele momento, teriam de assumir tais e tais tarefas e mais, PELO MESMO SALÁRIO. Claro que ninguém aceitava e assim, um a um, iam pedindo demissão.

Pois bem. Este é o cenário da época. Agora, vamos à moral da história: diante de uma situação dessas, o jornal O NOSSO" — repito: do SINDICATO DOS JORNALISTAS — NÃO TRAZIA UMA LINHA SEQUER SOBRE O PROBLEMA: Muitíssimo pelo contrário, apresentava uma nota descarada elogiando a cobertura que o JBa fez do Congresso da UNE, afirmando que esta teria sedo a **única** cobertura "seria" do evento.

Deixando de lado a questão de não ter sido, realmente, a cobertura do JBa. a ÚNICA "séria", frisemos o absurdo da nota: em plena crise, com profissionais sendo demitidos, o Sindicato parte para um elogio que deve ter deixado os patrões exultantes e muitos agradecidos ao presidente da entidade que, aliás, é também redator do JBa. e deve ter presenciado, com seus próprios olhos, o desespero dos colegas. Mas parece que não teve peito para defendê-los.

Eis as primeiras — e sei que nunca únicas — figuras para inaugurar-se uma galeria dos "Amigos do Patrão". Todos sob a inspiração maior do grande chefe ARI CAMPISTA.

ALEXANDRE FERRAZ

Eu não voto nesta "UNE"

Muito me estranham certas avaliações da UNE que têm ocorrido com freqüência, em toda a USP. Tais como: "A UNE foi uma vitória da democracia do Movimento Estudantil" ou "a UNE foi uma conquista do espaço político, uma derrota imposta à ditadura" etc. Diante de uma representatividade discutível, como já foi colocado, o que se assistiu foi um espetáculo de biônicos mal treinados, onde predominaram as manobras de uma mesa organizativa que refletia totalmente o caráter antidemocrático do Congresso.

A presença de oito mil pessoas (entre delegados e espectadores) não garantiu de fato um maior democratismo ou representatividade ao congresso, na medida em que não possuíam ali um canal de expressão. Representavam, sim, o anseio de uma imensa massa de estudantes que busca uma forma de atuação e participação que não pode ser dada por esta metodologia de luta.

Oito mil pessoas que não procederam a qualquer forma de questionamento do processo que era encaminhado. Em sua grande maioria pertenciam a alguma grande tendência e, por isso, traziam uma posição fechada "a priori", indiscutível; a outra parte era de meros espectadores, absolutamente desinformados e igualmente susceptíveis a manobras.

Aliás, a argumentação de que o processo teria avançado mais e seria mais analítico entre a grande massa estudantil de outros estados, do que em São Paulo, é falsa. Pela forma como o congresso foi conduzido, isso fica claro. Um exemplo marcante foram as várias votações com relação ao regimento do congresso, quando, ao final, um elemento da UEE-São Paulo subiu no palco onde estava a mesa e simplesmente desmentiu uma decisão que o plenário acabara de firmar, de forma descarada, sem que as pessoas pudessem ao menos fazer objeções.

É bom lembrarmos de pelo menos duas coisas, bem importantes, que não couberam em qualquer das análises da UNE, de meu conhecimento.

Primeiro, a forma pela qual o Congresso foi estrategicamente armado: um picadeiro de dois metros de altura, onde se postava a mesa, soberana e inatingível. E um numeroso público distribuído de forma a ouvir as falações, mas não ter qualquer possibilidade de participação efetiva.

Segundo: os acontecimentos do primeiro dia do Congresso — citado apenas como dia para "deliberações de caráter burocrático e organizativo do Congresso" e só. Com esse diminuto comentário omitiu-se um dos pontos culminantes de tudo que se disse até aqui. A Abertura do Congresso, organizada em clima de festa com depoimentos de diversas personalidades, ex-presidente da UNE, MDB e outros, que tomou toda a manhã e onde o plenário não era sequer consultado quanto às pessoas que deveriam pronunciar e compor a mesa. Uma campanha pela Constituinte sendo despejada em nossas cabeças de forma estonteante. E a platéia, meio atônita, não sabia se aplaudia ou se vaiava.

Em geral aplaudia, mas nunca sabia porque. Após a festa, houve a votação do regimento do Congresso. O que foi regimento proposto pela comissão pró-UNE era marcantemente fascista e autoritária. Entre outras coisas, propunha simplesmente que a mesa dispusesse do direito de cessar a palavra de qualquer pessoa, a qualquer momento, sem consulta prévia do plenário, e de proceder a censura de tudo que virtualmente viesse a ser apresentado no congresso.

O plenário votou pelo direito de expressão, de continuar a manifestar-se como fosse possível, contra a repressão e a censura. Votou em favor do mínimo que se pode atribuir a um plenário: pelo direito de votar, deliberar e ouvir. Mas parece que as pessoas da mesa não compreenderam isso. A votação não estava bastante clara. Mais meia hora de divergências e nova votação. O plenário referendou a sua posição. Mas que plenário teimoso! Então aconteceu o máximo: um indivíduo da mesa levantou-se e esclareceu que a mesa recorreria ao plenário em "casos de extrema necessidade" e terminou por enrolar todo mundo, com discordâncias entre um tumulto generalizado.

No entanto, o clima nem sempre foi o mesmo. Houve aspectos surpreendentes. Candidatos e políticos emedebistas foram vaiados por parte do plenário, durante suas falações, e o Hino Nacional, que seria cantado em seguida à abertura dos trabalhos (vejam a que ponto chegou este congresso) não conseguiu ser levado adiante pois, lá por volta do "...de um povo heróico..." irrompeu-se o brado retumbante de "ABAIXO A DITADURA", que pôs fim à palhaçada.

Além disso, a demogogia dos "Massocas", com idéia de que ressurgissem lideranças formadas em torno da figura de uma pessoa (auto-promoção), foi vigorosamente desmascarada e combatida. Isso já no segundo dia do Congresso. Mas este fato foi menos significativo se lembrarmos que a figura de Honestino Guimarães, ex-presidente da UNE, foi usada como instrumento de manobra. Assim em determinado momento, um indivíduo chegou a afirmar que se Honestino estivesse vivo, apoiaria a Constituinte! Em outro momento, quando o plenário se sentiu manobrado com relação a esta questão e começou a chiar, um enorme quadro de Honestino foi elevado por detrás da mesa, com o fim de controlar os ânimos. Evidentes manipulação da mesa, expressa ainda de outras formas, como, por exemplo, quando, no momento em que seria iniciada a votação, uma moça se aproxima da mesa para perguntar aos altos escalões em que proposta deveria votar, pois ela e seus comandados não tinham "claro" qual a proposta da mesa.

A esta altura, esses indivíduos, compreendendo a situação, começaram a acenar com os braços, indicando qual a proposta a ser votada. Pessoalzinho mal treinado, hein! Será que é isso que se entende por processo democrático de representação?

Por último, é interessante constatar a proposital limitação do tempo dispensado à discussão das propostas e a forma de encaminhamento desses trabalhos. O primeiro dia foi perdido com discursos de líderes de UNEs passadas e de MDBs, com votação do plenário do óbvio, sem direito de expressão. No segundo dia, o tempo foi desperdiçado com uma inútil divisão de grupos de trabalho, divididos por ramos de estudo, que não funcionaram, como obviamente não poderiam, pois havia qualquer preparação nesse sentido. Depois, houve um "show" com a apresentação de peças teatrais por parte dos estudantes que, além do valor altamente discutível, duraram cerca de quatro horas. Assim, por volta das 17 horas iniciou-se a discussão mais importante do congresso: a eleição da diretoria e as lutas que seriam defendidas pela UNE.

Houve ainda uma interrupção para que os direitistas vindos no Rio Grande do Sul se expressasem, defendendo-se das acusações dirigidas a eles, defendendo a democracia burguesa e com ela toda a burguesia nacional.

Resultado: às 4 horas da manhã do dia seguinte é realizada a votação, com um congresso esvaziado e as pessoas que votaram sem alternativa: as eleições ficam para setembro.

Isso foi o que eu vi do Congresso da UNE. Penso que a grande parte dos estudantes que foram a este congresso assumiu uma postura bastante extravagante: acredita que luta contra uma ditadura de direita, mas não consegue ter certeza de vaiá-la quando ela se pronuncia. Assumiu pontos com vista a uma transformação social, mas não sabe se deve ou não cantar o Hino e apludir a bandeira, na atitude mais tipicamente burguesa, altamente comprometida com a ideologia vigente; não se reconhecerá lideranças pessoais de "heróis" como o "Massoca", só que é fã incondicional do fantasma de Honestino. Mistura palavras de ordem como "a Amazônia é nossa" — de perspectiva burguesa — e "a terra para quem trabalha", de perspectiva socialista. Enfim, não supera a contradição. Convive com ela.

Afinal, o que sobrou do Congresso da UNE? Setembro chega com que experiências? Eu afirmo que esta UNE, como foi o congresso, será apenas um instrumento de manobra. Totalmente distanciada dos nossos interesses, não representando outra coisa que não os demagogos. A UNE não foi reconstruída, não existe. Agora, em setembro, eu não voto na "UNE".

CELSO

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

segunda e última parte

cordel operário

Assim aquela comunidade
Se viu a mercê da injustiça
Tiveram que se defender
De pote, lata, cabaça e cortiça
Faziam seus instrumentos
O tráfego se fazia em jumentos
As casas se erguiam de Barro e Calicia

40

Ali todos se sentiam irmãos
Desde as coisas materiais
E até na sua religião
Unidos e fraternais
Os trabalhos eram animados
Com grandes significados
Em todos reinava grandes ideais

41

Mesmo aqueles que trabalhavam
Nas suas roças individuais
Não emploravam o seu irmão
E todos se sentiam iguais
Nada era forçado ou contra a vontade
Todos trabalhavam com inteira liberdade
Todos eram amigos fraternais

42

Mas os senhores do trabuco
Viam naquilo uma afronta
Gente pobre construindo um novo mundo
Aquelas terras floresciam de ponta a ponta
Os trabalhadores abandonaram as terras do senhor
Pois ali só se vivia na passividade e na dor
Até o povo emigrou da cidade de Anta

43

Ali se trabalhava no adjutório
No mutirão também
Tudo na base da troca
Todos se saíam bem
Não faltava milho e nem feijão
O arroz era pisado no pilão
Todos viviam fartos e bem

44

Os senhores se viram
Sem gente para trabalhar
Aí começaram as intrigas
Insinuando ao governo matar
Aquela pobre gente sertaneja
Que viviam livres sem inveja
Unidos todos a trabalhar

45

Assim foi consumada
Aquela chacina hedionda
O sangue foi derramado
Que corria de onda
Mas o sertanejo sustentou a luta
Como um bravo dentro daquela gruta
Acabaram a munição e lutaram com pedra bruta

46

Morreu até o último
Mas ninguém se rendeu
Porque estavam defendendo
O que era justo e seu
A história pode tardar
Mas faz a justiça ganhar
Mostrando a verdade do que aconteceu

47

Foi assim trabalhador
Que recebeste a recompensa
Daqueles que se dizem teu protetor
Te mataram com armas e silenciaram na imprensa
Tu que trabalha a terra
Por entre montes e serra
Desperta e veja que sentença

48

Mas o povo não esqueceu
O que fizeram com o homem trabalhador
Em todo Nordeste se conta esta sátira
Quando se escapa da polícia não se escapa do doutor
Quando se sabe que a sua formação
Foi o produto do trabalho do povo da nação
Por isto é que o povo diz: êta Sertão sofredor!

49

Meu caro trabalhador
Aqui peço perdão
Por ter saído um pouco
Com as histórias do Sertão
Mas é para te explicar
Para você não duvidar
Esta dolorosa aflição

50

Tu que vive explorado
Com tamanho egoísmo
Sem se falar na seca medonha
Que o Nordeste está sujeito ao cataclisma
Quando finda o mês de março
Que só se vê vento e mormaço
Só temos poeira e fumaça que abismo

51

Até o cancão foge da caatinga
A mãe da lua desaparece
A siriema não canta
A juriti esmorece
A asa branca vai embora
O caboré de sêde chora
E o galo de campina entristece

52

A lua surge branca
Na copa da mata
Os tabuleiros ficam alvacentos
A sua luz aparece caricata
As folhas secas são tangidas pelo vento
De vez em quando uma estrela corre no firmamento
Parece uma noite sinistra que se achata

53

Aqui meus caros leitores
Descrevo um pouco da solidão
Que é o nosso Nordeste sofrido
E quero lhe dizer se não estou com razão
Espero que todos tenham consciência
Para olhar estes problemas a luz da experiência
Todos unidos poderemos achar uma melhor solução

54

O negócio é ser pequeno
Simples e bom
Lutar contra a arrogância
Do José e do Abdom
Nada de maldade
Tudo com liberdade
Eis o que é bom

55

O trabalhador pensando assim
As coisas vão mudar
Os crimes desaparecerão
O povo começa a pensar
Se cria uma nova educação
Com valores humanos saídos do coração
Aí o trabalhador pode cantar

56

Comece hoje mesmo
Educando o seu irmão
Isso não se aprende na escola
Tem que ser no mutirão
Mostrando o valor da igualdade
Com amor e responsabilidade
Acharás a liberdade perdida pelo Sertão

57

Faz a tua roça com equilíbrio
Evitando os venenos perigosos
Não botando fogo nos matos
Plante ervas e frutos saborosos
Que assim terás muita saúde
Verás as coisas claras e com virtude
Terás forças para combater os poderosos

58

Cria a tua roça comunitária
Ajudando a teu semelhante
Através do apoio mútuo
Verás que é importante
Do que o individualismo mesquinho
Que só tráz indiferença ao vizinho
Coisa tristonha e deselegante

59

O trabalhador não precisa de dúvida
Como fazer a distribuição
Dos produtos do seu trabalho
Se eles são criados pelas suas mãos
Basta que decidam fazer a troca
Sem interferência do Janoca
Criando seus armazéns de distribuição

60

Criar suas cooperativas
Geridas pelos trabalhadores
Nas roças os serviços comunitários
Nas roças individuais não desprezar valores
Da ajuda mútua do mutirão
Todos que estejam na terra sejam irmãos
Eis aí a saída dos trabalhadores

61

Não se posicionar como superior
Nem ser exclusivista ideológico
Para não formar uma nova classe
O seu papel é abolir a desigualdade sociológica
Criar um mundo sem exploração mútua
Acabando com o egoísmo e a disputa
Se caminhares assim não precisarão da lógica

62

Os trabalhadores precisam se organizar
Acabando com a gerência do patrão
Os produtos do seu trabalho
Têm que ser geridos por autogestão
Em função do conjunto social
Para isto não precisa muito ideal
É só por em prática em todo Sertão

63

O trabalhador não pode confiar em terceiros
Terá que fundar seus conselhos
Com delegados revogáveis
A qualquer momento como espelhos
Para evitar carreirismo
Levando a classe ao abismo
Peiados e atados com relhos

64

Agora o poeta
Chama você a atenção
Que publique o seu verso
Para andar de mão em mão
Em forma de cordel
Pois não é dr. de anel
Precisa de tua ajuda e do teu bom coração

65

O meu endereço
Aqui em Salvador
É Caixa Postal 207
Acredito no teu valor
O mundo anda louco
Vamos pensar um pouco
Nos homens que têm valor

Bahia, 26 de abril de 1979

Antônio Fernandes Mendes

assinatura

Assine/colabore com "O INIMIGO DO REI". Basta que você mande um vale postal *em nome de* Antônio Carlos C. Pacheco, *no valor de Cr$ 100,00.*

Se você quiser receber sua assinatura grátis, *tire três (3) xerox do cupom e passe a três amigos. Envie os cupons e cheques* no mesmo envelope *e sua assinatura será nosso presente a você.*

Ao Jornal
"O INIMIGO DO REI"
Caixa Postal: 2540
40.000 – Salvador – Bahia

Desejo receber uma assinatura anual de O INIMIGO DO REI, correspondente a seis edições bimensais:

NOME: .....
ENDEREÇO: .....
CEP:.....CIDADE:.....ESTADO.....

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

CARTAS

Sobre um falso Sartre

CORRESPONDÊNCIA DE PARIS

"EXCLUSIVO: O TESTAMENTO POLÍTICO DE SARTRE", na primeira página d'O INIMIGO DO REI número 6. Sartre em letras grandes e vermelhas, a palavra "exclusivo" parece saltar do papel — verdadeiramente chamativa. Muitos terão adquirido um exemplar, atraídos pelo anúncio de primeira página.

Surpresa e estranheza. Que desapareceram quando buscamos — em vão — nas páginas interiores o tal testamento. Apareceu então uma mistura de ira e desalento: como é possível que anarquistas utilizem as clássicas manobras da politicagem para difundir suas idéias?

Porque o testemunho não é nenhuma novidade — como pretende a introdução que aparece n'O Inimigo do Rei — nem é autêntico. Apareceu em janeiro de 1978 na Itália, nas EDIZIONI DI "ANARCHISMO", na coleção "Nuovi contributi per una rivoluzione anarchica", nº 6, e alguns resumos (os que aparecem n'O Inimigo do Rei) foram retomados pouco depois pela revista espanhola "EL VIEJO TOPO" (Barcelona), no seu número de 19 de abril de 1978. Sartre fez saber que considerava a publicação do material como uma "Infâmia" (1), mas se negou a levar o caso aos tribunais.

Não acreditamos que este lamentável apisódio se deva deixar passar por alto. Que este tipo de prática siga sendo reproduzida nos meios anarquistas, nos parece preocupante. E vamos tratar de mostrar o porquê.

Em primeiro lugar, porque nos põe novamente na presença da tragédia de uma anarquia que, muito além de suas pretensões de alternativa social anti-política, se revela incapaz de safar-se das formas de ação política, inclusive das mais tradicionais e das mais detestáveis. Nossos periódicos não têm cessado de denunciar a hipocrisia da política, a perversão que representa essa "ciência" cujo axioma fundamental tem sido e segue sendo "o fim justifica os meios" donde todo ato, toda intriga, toda mentira, todo crime, resultam válidos, na medida em que contribuiem para aumentar a parcela de poder da Organização, do Líder, do Estado e difundir a Idéia Revolucionária.

Que dizer então destes anarquistas que não vacilam em utilizar a mentira, a falsificação e a manipulação das consciências para chegar aos seus fins?

E tudo isto em cima de uma má fé, tanto mais terrível, quanto pretende se apoiar sobre o pensamento de alguém que nunca deixou de denunciar a inautenticidade e a má fé em todas as suas formas.

Porque estamos ante um claro exemplo de uso deliberado da mentira para obter um "progresso" (de uma organização, de um periódico, de uma Verdade Absoluta estabelecida pela organização). Mas, e isto nos tem mostrado tragicamente as revoluções feitas até agora: é possível crer que se vá conquistar a verdade utilizando a mentira, que se vá chegar à fraternidade utilizando os outros como se fossem um objeto?.

E onde foi parar o tão cacarejado "aqui e agora" que nós reclamamos e que em maio de 68 expressou o rechaço de um setor da sociedade francesa ao eterno postergar dos partidos de esquerda e de extrema-esquerda? E este aberrante postergar justifica a mentira de hoje porque nos aproxima de um amanhã onde todos os homens dirão a verdade?.

Esta falsificação não revela somente a mentalidade politiqueira de seus autores. Outro dos pressupostos que fazem possível em cerrado sectarismo — consubstancial à política, é certo —, expressão de uma profunda alienação. O estado de alienação. O estado de alienação é, para nós, neste sentido, o estar encerrado num campo de concentração da ideologia sem vislumbrar nenhuma saída, é dizer, sem atrever-se a aceitar sequer a possibilidade de questionamento do corpo de idéias que pretendemos universal.

Um primeiro aspecto deste sectarismo se revela no fato de que os autores do "mamotreto" — o pseudo-Sartre — aparecem absolutamente cerrados, impermeáveis ao pensamento do verdadeiro Sartre. Em vez de ver o quê na obra sartriana representa um enriquecimento da anarquia — uma anarquização da anarquia —, não se lhes ocorre nada melhor que escudar-se atrás do seu nome para tratar de fazer chegar ao público um anarquismo-doutrinário què, como tal, tem muito pouco a ver com o nosso modo de ver a anarquia. Em vez de partir de Sartre, de confrontá-lo com o que tem sido os temas dominantes da anarquia, em vez de criar, se opta pela solução mais fácil, mais cômoda e menos comprometedora: repetir, repetir até saciar-se. Claro, também o mais estéril.

Por outro lado, só um profundo sectarismo, um grave enclausurar-se nele mesmo, pode ocultar o caráter absurdo do ato de falsificação: que futuro pode ter uma anarquia que necessita acudir a este tipo de manobras publicitárias para chegar à coletividade?.

O texto apócrifo, por seu lado, não merece ao nosso ver nenhum comentário. De fato, não se pode dissociar o texto em si mesmo da forma como foi apresentado. Queremos não obstante recordar que é próprio do fascismo, do stalinismo e de todas as ideologias-instituição, o decretar quem são os seres humanos e quem não são: se autoriza o massacre de judeus, comunistas, anarquistas, porque "não são seres humanos, senão bestas, animais inferiores"; se legaliza e legitima a tortura e exterminação sumária dos fascistas porque "são bestas" etc. etc. O "bom" são sempre aqueles que têm o poder.

Por isto, quando vi no texto apócrifo que "matar burguês não significa matar um homem, senão abater uma besta", meus pelos se arrepiaram. Porque talvez a luz de um humanismo anarquista só poderá aparecer no dia em que compreendermos que o inimigo **também** é um ser humano.

Alfredo

Agosto de 1979.

(1) Ver "LIBERATION", 6 de abril de 1978.

NOTA DA REDAÇÃO

Quando Sartre fez 70 anos deu uma entrevista a Michel Contat que foi publicada no "Le Nouvel Observateur" (aqui no Brasil a entrevista foi reproduzida pelos "Cadernos de Opinião", nº 2, 1975), onde ele dizia textualmente: "quando se relê todos os meus livros percebe-se que, em essência, eu não mudei, e que sempre fui anarquista", e outras muitas coisas que o filósofo disse a respeito de anarquismo, dentre elas até que "descobri pela filosofia o ser anarquista que está em mim. Mas não o descobri sob este termo, porque o anarquismo de hoje não tem mais nada a ver com o anarquismo de 1890".

Depois disto alguns anarquistas inescrupulosos se alvoroçaram e a revista "ANARCHISMO" de Palermo (Sicília — Itália), onde ainda pontificam teóricos da guerrilha urbana e do uso do "falso" como luta revolucionária (sic), assim resolveram fazer um "Testamento" em nome de Sartre, já que este tinha se declarado anarquista.

A intensão da revista, segundo ela própria, era provar que os intelectuais pequeno-burgueses seguem modas e se uma estrela como Sartre se declarasse anarquista todos o seguiriam. Nisto a revista está certa, é curioso como os "intelectuais" são ávidos de modas. Mas nem isto justifica a desonestidade feita pela revista siciliana.

O correspondente d'O INIMIGO DO REI na Espanha, sem saber de nada, viu o dito "testamento" na revista catalã "EL VIEJO TOPO", e achando que estava dando uma contribuição honesta, traduziu-o e enviou para o nosso jornal.

Ora, nós vivemos sob uma ditadura e não temos informações imediatas do que ocorre na Europa e não pudemos averiguar, só tomando conhecimento do fato através do nosso correspondente em Paris que denunciou a farsa, e também por uma recente comunicação da revista "A IDÉIA", de Portugal.

Repudiamos a farsa dos sicilianos porque também caímos como patinhos na armadilha deles, agora, não repudiamos as idéias do dito "testamento", in totum, a não ser em alguns trechos, como o de fuzilar burgueses, que como disse Alfredo, são antes de tudo seres humanos. Agora, não somos intelectuais pequeno-burgueses para só gostar do que Sartre escreve. Gostamos de Sartre, ele se considerando anarquista atualmente, é tanto melhor; apenas isto.

DENÚNCIAS DO CEAPA

Sr. Redator do IR:

Foi localizada, na fazenda do general Wicar de Paulo Pessoa, no Ceará, em Quixeramobim, uma família com nove crianças, menores, morrendo de fome porque o general recebe do Governo Cr$ 54,00 por dia para pagar os trabalhadores, mas só paga a esta família a quantia de Cr$ 20,00 por dia.

Francisco Neutro Lopes, trabalhador rural, foi preso pela polícia de Quixeramobim por ter procurado fazer as contas com o seu ex-patrão, Perpétuo Elpídio, proprietário da Fazenda Alegre, a 13 km desta cidade. O trabalhador procurou fazer as contas porque tinha um saldo aproximado de Cr$ 4 mil. E por este motivo o proprietário mandou a polícia prendê-lo. O trabalhador foi levado para a prisão no carro do proprietário. O delegado de polícia, Geraldo Gonçalves, nem sequer ouviu o trabalhador, tendo este sofrido 25 horas de prisão, com fome e sede, incomunicável.

Francisco Monteiro, filho do pequeno proprietário Luiz Monteiro Pedrosa, foi preso no dia 29 de maio deste ano, quando passeava na praça principal de Quixeramobim. Tomou 13 horas de cadeia e nada a polícia constatou de irregular.

Pedro Gerônimo Filho, morador da Fazenda Flores, de propriedade de Pedro Coutinho, foi preso no dia 24 de julho por ter procurado receber 10 dias de serviço que o patrão lhe devia.

Todas essas prisões são feitas pela polícia sem ouvir os acusados e apenas para satisfazer aos patrões.

Outras denúncias: o sr. Secretário da Emergência para a Seca, Alfredo de Almeida Machado, deputado estadual pela Arena, vem sendo denunciado pelos trabalhadores das suas fazendas, como foi o caso do trabalhador rural Francisco dos Santos, que denunciou os métodos grosseiros e injustos que são utilizados pelo seu patrão Alfredo. Assim como uma moradora de uma das fazendas, Maria de Fátima, esposa de um trabalhador, também denunciou que o mesmo secretário recebeu o pagamento dos seus empregados — pago pelo Governo — ficando com Cr$ 300,00 dos mesmos.

O proprietário da fazenda Poço da Pedra, dr. José Alves da Silveira, excluiu do trabalho de emergência 15 trabalhadores, pois queria que os mesmos executassem tarefas de trabalho acima das suas forças físicas. Como os trabalhadores não aceitaram tamanha exigência, foram demitidos.

Tudo isso acontece e os fiscais da Sudene e da Emergência fazem vistas grossas, acima de tudo perseguindo os pequenos proprietários com exigências incabíveis.

José Fernandes Mendes
Presidente do Sindicato
dos Trabalhadores Rurais
de Quixeramobim — Ceará

Censura, desrespeito aos direitos humanos das minorias oprimidas, violência, descortesia e ridículo

O Prof. Cândido Mendes,

— Reitor do Conjunto Universitário Cândido Mendes,

— recém-eleito presidente da Associação Internacional de Ciência Política e

— Presidente da Comissão Justiça e Paz

obrigou o diretor-executivo do Centro Cultural Mendes de Almeida, do mesmo conjunto universitário, a cancelar a **workshop** que ali se deveria realizar a 14 do corrente, às 20h30min., sobre o tema IDENTIDADE SEXUAL E SOCIEDADE REPRESSIVA: PERSPECTIVAS DE MUDANÇA, o qual deveria ser objeto de exposição do prof. Dennis Altman, professor titular de Política Norte-Americana, do Departamento de Administração Pública, da Universidade de Sydney, Austrália, e autor do livro **Homossexual — Oppression and Liberation**, editado nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália e Austrália.

Cabe ressaltar que:

— ao ser consultado, em 17 de maio último (há quase três meses, portanto), sobre o interesse de o Centro Cultural convidar o prof. Altman para uma palestra, o diretor-executivo, do referido Centro, esclareceu que, em vista de, nunca, naquela entidade, ter sido abordada a questão do homossexualismo, ele precisaria ouvir o Conselho (do qual faz parte o prof. Cândido Mendes) e que me daria resposta depois da reunião;

— em 31 de maio p.p p diretor-executivo informou-se que o Conselho havia concordado com a proposta por ele apresentada e que, portanto, eu podia transmitir o convite ao prof. Altman;

— dia 31 de julho levei ao diretor-executivo um esboço de **press release**, relativo à **workshop**, e uma relação de pessoas à convidar, quase todas psicanalistas, psiquiatras, psicólogos, antropólogos, editores ou jornalistas, selecionados por dois únicos critérios:

— conhecimento científico da matéria a ser tratada e

— domínio da língua inglesa, pois os trabalhos se desenvolveriam nesse idioma, sem auxílio de intérpretes;

— segunda-feira, 6, quando fui ao Centro comunicar a chegada, sábado, 4, ao Rio, do prof. Altman e onde se achava hospedado, o diretor-executivo, extremamente constrangido, contou-me que fora obrigado a cancelar a **wokshop**, no Centro Cultural, porque o prof. Cândido Mendes a ela tinha passado a opor-se, por medo do tema.

Como diria Francelino Pereira, mas, afinal, em que país estamos? Como é possível que um reitor, e presidente de duas respeitadas organizações, possa assustar-se de idéias há tantos anos debatidas nos mais importantes centros acadêmicos?

Que tão grande terror, pânico, pode inspirar a exposição de um renomado professor universitário australiano a um reitor brasileiro, a ponto de o último renegar o voto de aprovação a convite feito há quase três meses, convite esse, que não se teria materializado se, em maio p.p., o mencionado reitor a ele se tivesse oposto?

Supõe-se que um reitor tenha educação, e até uma educação esmerada, principalmente o em referência, de tão decantado avoengo, e, entretanto, eis que, ignorando as mais comezinhas regras de cortesia, oito dias antes da **workshop** detidamente planejada durante mais de dois meses, o prof. Cândido Mendes resolve, simplesmente, dar o dito por não dito. Aguardemos, agora, a reação da Universidade de Sydney à afronta feita a um dos componentes do seu corpo docente.

João Antônio de Souza Mascarenhas

SACRAMENTO

Medo de todos,
Medo de sair na rua,
Medo de entar na sua,
Medo de amar,
Medo de errar,

Medo de estar,
Medo das regras,
Medo das pedras,
Medo do fogo,
Medo do dia,
Medo da noite,

Medo mania,
Medo da razão,
Medo da solidão,
Medo do coração,
Medo das feis,
Medo das seis,

Medo de tudo,
Medo mudo,
Medo agora,
Medo moda,
Medo que cola.

Nélson Tangerini

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

CARTAS

Carta Aberta aos leitores e colaboradores d' O Inimigo do Rei

Somos um grupo que procura estudar e colocar em prática as idéias libertárias. Por isso, saudamos a existência de um jornal como o **Inimigo**, que pretende defender e divulgar o ponto de vista libertário. Entretanto, isto não nos impede de manifestarmos nossa discordância em relação a dois aspectos deste jornal, que, a nosso ver, prejudica a realização de seus propósitos.

Estes dois aspectos são: a relação dos libertários para com esquerda de tendência marxista e a quantidade e qualidade dos artigos que criticam esta esquerda.

Quanto ao primeiro aspecto, em mais de um artigo é defendida a posição de que os libertários, a priori, não devem fazer qualquer tipo de união com os marxistas, que por sua vez devem ser criticados com a mesma ênfase com que a direita é criticada.

Discordamos desta posição baseados nos seguintes pontos, que resumidamente apresentamos:

1 — A posição acima parece esquecer uma importante questão: quem está no Poder (Estado)? Salvo, engano, é a direita autoritária e não os marxistas que estão no Poder (estes ainda estão bem longe do Poder). Para nós, o **inimigo principal** dos libertários é sempre a minoria que está no Poder, no Estado. Portanto, nosso inimigo principal é a direita autoritária e não os marxistas. (O que não impede que critiquemos também o autoritarismo dos marxistas, só que com bem menos ênfase).

2 — Esta mesma direita no Poder persegue tanto os marxistas quanto os libertários.

3 — O fato de libertários e marxistas terem o mesmo inimigo comum (a direita, a ditadura, o capitalismo) faz com que possam existir lutas comuns possíveis de serem travadas em conjunto (como por ex.: anistia, lutas salariais, denuncias à ditadura, lutas por liberdade de expressão e organização, etc.).

4 — O pensamento de Marx (ao contrário do de Lenin e Cia.) é um discurso complexo e contraditório onde coexistem posições claramente autoritárias (tipo Manifesto Comunista) ao lado de outras libertárias (vide texto sobre a Comuna de Paris). Achamos que isto cria uma realidade complexa que permite encontrarmos atitudes libertárias entre os que se dizem marxistas (além de atitudes autoritárias, é claro)

5 — E além disso existem tipos de marxistas. Reformistas e revolucionários. De marxistas libertários à estalinistas, passando pelos trohkistas, maoistas e até pelos que nunca leram Marx. Devemos colocar todos no mesmo saco? Achamos que não.

Por tudo isso, achamos possível e desejável que os libertários — além de levarem suas lutas específicas (autogestão, defesa das minorias, dos presos comuns, etc.) — travem, quando possível, lutas comuns ao lado dos marxistas contra a ditadura. Sem com isso termos que abdicar nossa independência e características próprias.

Quanto ao problema do espaço dedicado pelo jornal à crítica à esquerda, gostaríamos de ressaltar a desproporção entre o nº de artigos que criticam a esquerda (muitos) e os que criticam a direita (quase nenhum). O que faz com que o jornal pareça merecer mais o nome de Inimigo da Esquerda do que o de Inimigo do Rei. Achamos que o autoritarismo da esquerda também deve ser criticado, mas bem menos do que a crítica ao autoritarismo da direita. Pois, afinal é ela que está no Poder (pelo menos por enquanto). O regime autoritário em que vivemos deveria ser um prato cheio para um jornal libertário. Só que este prato parece que está sendo pouco aproveitado pelo jornal, mais preocupado em ser antimarxista do que libertário. Precisamos de um jornal que incomode mais o Poder e portanto que fale menos de marxismo e mais de autogestão, ação direta, lutas dos trabalhadores e das minorias, críticas ao Estado e à burguesia.

Portanto, conclamamos aos leitores e colaboradores do Inimigo do Rei que concordam com nossa posição para que enviem artigos ou cartas dentro da perspectiva que sugerimos acima, de modo que o jornal melhore cada vez mais.

Fora isso, achamos o jornal bom, merecendo o apoio de todos os libertários.

Saudações

Tales, Nicolau, Fátima, Cláudio, Eduardo e Rosane.

31/8/79

NOTA DA REDAÇÃO:

Alguns membros da sucursal de Salvador d'O INIMIGO... resolveram responder à "Carta Aberta" deste grupo "libertário". A falta de uma conexão absoluta entre as respostas se deve ao fato de que nem sempre a prática libertária é estritamente coerente. Devido à multiplicidade de pessoas há uma multiplicidade de respostas e opiniões, o que de qualquer forma é ótimo.

Estranhamos muito que a "forma libertária" que vocês encontraram para falar ao jornal foi uma Carta Aberta, que é uma forma burguesa, digo melhor, agrária, de prefeito de interior se dirigindo ao pasquim local.

A agressividade desta carta aberta revela, que de libertários só possuem mesmo o nome. Se fosse carta fechada, também seria publicada.

Ricardo Líper

Agradecemos por nos terem reconhecido como um jornal libertário, entretanto, esta forma de dirigirem-se a nós não manifesta uma total confiança no Jornal, que foi demonstrada através do uso de carta aberta, que cheira a uma prática burguesa.

Augusto Maia

1) A ingenuidade é tamanha que chega a se afirmar que há inimigos principais e secundários, ou nada disto existe. O que existe de concreto é uma classe dominante e uma subclasse tentando dominar, uma fecção da pequena-burguesia, que se diz marxista. A ingenuidade está em ver aí inimigos principais e secundários. Uma classe dominante está em decadência e merece ser combatida, mas uma classe que aspira a dominar, é ascendente, e deve ser combatida tão veementemente quanto, para nós não cairmos nos logros de todas as revoluções da história, desde a Francesa até a Cubana, é bom lembrar o recente festival de sangue do ayatollah *Khomeini. Todo aquele que está no poder e principalmente quem quer utilizar os movimentos legítimos do operariado para assumir o controle ditatorial do poder, merece ser desmascarado violentamente. Outra ingenuidade é pensar que o fato dos marxistas não estarem no poder no Brasil, não os inocente porque eles vivem o contexto internacional, onde dominam aparelhos de Estado violentos, que possuem relação com os aspirantes ao poder daqui. Logo, o que nós combatemos são os representantes do Estado russo, do Estado chinês, do Estado albanês, do Estado cubano e do bárbaro Estado vietnamita, dentro das nossas fronteiras, onde eles não têm campos de concentração, mas têm patrulhas ideológicas, como esta que escreveu esta Carta Aberta.*

Ricardo Líper

Contraditório este "salvo engano", porque motivo haveríamos de unir com os marxistas sendo eles uma maioria? Considero libertário, minoria. Portanto, nada mais lógico do que lutar por mim ou pelos libertários, minoria.

Carlos Augusto

Juntar o útil ao agradável seria uma posição incoerente para aqueles que se dizem libertários, pois os libertários "no bom sentido" não procuram satisfazer os dois lados, e sim, denunciar todo e qualquer tipo de autoridade, seja de que lado venha.

Augusto Maia

Ironia, pura ironia, esta beocidade expressa, este pensamento de que o estado coage os marxistas tanto quanto os libertários. Ora, meus caros, que entendemos por marxista? Marx deixa bem claro a permanência do Estado no Manifesto Comunista dentro do socialismo. Contudo, Estado capitalista e Estado socialista não passam de apenas rótulos, e como todo semelhante procura seu igual, não existe esta de perseguição, há apenas uns que estão no poder e não querem largar as mordomias e outros querendo o poder e que lhes falta o instrumento para alcançá-lo.

Augusto Maia

Ingenuidade novamente. Ou má fé? Qualquer pessoa que reciocine já percebeu que a política de poder é caracterizada por uma troca de concessões entre os poderosos. Os poderes sempre se entenderam. É público e notório que o Partido Comunista tem meios de transar com o poder estabelecido, inclusive, denunciando grupos menores, de esquerda, quando estes lhe atrapalham o caminho, vide esculhambação de Libelu feita na revista Isto E. Se isto não bastasse, sabe-se que Brejnev e Carter assim como Hua Guofeng e Fidel, transam muito bem com Carter, cedendo ali, atochando ali, decidindo o destino de milhões e milhões de pessoas como se fosse gado. Justificações dialéticas à parte, compreende-se que a legalização de grupos marxistas no quintal dos Estados Unidos, é também de negociações e que, indiretamente, através dos estados e da metrópole eles negociam muito bem a repressão. Para só citar um exemplo, o Partido Comunista Argentino é legal (só está suspenso) e acha a ditadura de Videla "progressista". Historicamente, Stalin transou muito bem com Hitler, até quando pôde. Ese dependesse dele jamais teria rompido. E quando precisou fuzilar os anarquistas através da KGB, pelas costas, não pensou nem por um momento que Franco era um inimigo comum. Portanto, se não for ingenuidade gratuita, é positivamente má fé, divisionismo ou infiltração autoritária.

Ricardo Líper

Não fazemos alianças com a direita. E a "esquerda" marxista brasileira é de direita.

Alexandre Ferraz (com o reforço da Kátia R. Borges)

Os signatários da "carta aberta" ao INIMIGO DO REI pedem que se trave — quando possível — lutas comuns ao lado dos marxistas, contra a ditadura. Que ingenuidade! Que desconhecimento da história! Ou querer fazer a gente de besta, pois quem mais luta por uma ditadura mais ferrenha do que os marxistas? Ditadura esta que batizam com o nome pomposo de "proletariado". Quando esta nova elite se apodera do poder, coitados dos operários.

António Fernandes Mendes

Até que ponto podemos dizer que estas críticas a um posicionamento consciente são válidas? Porque há libertários e "libertários. E muitas vezes aqueles são vítimas destes, porque como já comprovamos com a nossa pequena vivência, muitos "libertários" são oportunistas.

A carta dos nossos "amigos" deveria também ser enviada à nossa excelentíssima mãe revolucionária e protetora dos proletários do mundo, a União Soviética, que em 68 anos deu prova de que poder político, mesmo de esquerda, sempre será opressivo. Outro exemplo, a invasão do Vietnã pela China e a do Camboja pelo Vietnã. E quais serão as próximas invasões? Não se pode exigir que libertários não denunciem o autoritarismo, qualquer Estado é fascista, e a crítica que fazemos é histórica, revolucionária, consciente, verdadeira... e para os meninos: leninistas, trotskistas, maoístas... também dialética.

Ao meu ver, nossos "amigos", da onça ou do beco, falam, mas não entendem o que dizem; o maior inimigo da(s) esquerda(s) não somos nós, O Inimigo do Rei, mas sim, a multifacetação da própria esquerda. Que é um elemento incontestável do enfraquecimento da ideologia de libertação que ela preconizava. E os marxistas, nos países onde eles estão no poder; perseguem, matam, cassam, policiam, tolhem, reprimem, massacram e encarceram. E os grupos que não estão no poder fazem o mesmo, equiparando-se à própria direita porque a luta dos dois é no fundo, pelo poder.

E o maior de todos os equívocos é que, vocês não nos enviaram em hipótese alguma — artigos criticando a direita(?).

Fica aqui a dúvida, por que não escrevem? Quem sabe fazer não manda que ninguém faça... FAZ!

Lídio Barros

O pensamento de Marx não é um discurso complexo no sentido que quiseram colocar. Não se pode analisar o pensamento dele e seguidores por pequenas escorregadas "libertárias". A Bíblia também tem, se quiserem e até o Main Kampf de Hitler apresenta uma ou outra frase que pode ser interpretada de maneira libertária.

Quanto à comuna, o que é libertário é ela própria e não o que Marx escreveu. Ele foi praticamente contaminado pelo espírito da época.

O pensamento de um autor deve ser analisado pela sua totalidade, sua estrutura, suas propostas básicas. Não pelas nuances, pelas entrelinhas, pelas emoções do momento. Principalmente Marx, que sempre foi um apaixonado da lógica dialética e das análises bem comportadas da realidade.

Aqui vocês foram de uma incompetência intelectual que qualquer ginasiano percebe. Se não me engano, Jefferson disse: "O melhor governo é aquele que menos governa". Para mim, Jefferson é liberal burguês e nada mais. Agora por favor, coisas lindas, filhotes de Lénin, não me proponham, por isso, unir com a Arena dizendo que Jefferson é libertário. Tem mais, só me falta tempo para encontrar até em discursos de Delfim Netto pontos de vistas libertários, marxistas, nazifascistas, sionistas, e o que vocês quiserem; fico com Jefferson.

Outra ingenuidade, incompetência e prefiro mesmo, má fé, é a afirmação de que existem marxistas de vários tipos. Existem. Só que a maioria é formada por stalinistas e leninistas. Entretanto, a minoria são os maoistas, trotskistas. O problema concreto é que quem domina as estruturas são os stalinistas e num quebra-pau sério esses marxistas, "libertários" (coisa por si só demagógica e antitética, o mesmo que dizer judeu-nazista, fascista-anarquista) ficam do lado de Stalin ou vão mofar na prisão. Quando muito, serão massa de manobra em frente ampla.

Existem os desencantados com o marxismo que ainda não romperam com Marx e que fazem conta de cheger, recuperam Marx aqui e ali, são "libertários". Prefiro Stalin, pelo menos era sincero. Se vocês têm satisfação a dar, amigos do esquerdão, patrulheiros, que acham o jornal isso ou aquilo, problema de vocês. Escrevam para o Movimento, Em Tempo, Versus e etc., agora vir fazer o jogo deles aqui, nós já somos crescidinhos demais, para reconhecer o divisionismo, a má fé e a infiltração.

Se alguém se desencanta com o marxismo e assume formas libertárias de pensar, tudo bem; agora, nós ficarmos calados, sendo censurados a mando do esquerdão, não dá. Como já disse, os jornais do esquerdão estão aí mesmo e quem sabe, lá nos jornais deles, há um carguinho de censor aguardando por vocês?.

Aguardo, sinceramente, a autocrítica, aberta, o tanto quanto foi a carta de vocês. Não imponho nada, mas que aguardo, aguardo.

Mas aguardo muitos mortos e torturados para poder olhar a cara de um marxista e não ver nele um fascista.

Ricardo Líper.

A crítica de que o jornal tem um percentual maior de paus na direita, ou melhor, na esquerda que na direita, seria aceitável a priori, se considerarmos os marxistas como esquerda. Mas o que é ser esquerda? É uma posição ideal que se assume quando se quer, como escolher uma camisa de tal ou qual cor? Ou é uma postura política frente à opressão histórica a que o proletariado foi e está submetido?

Claro está, depois de ditadures de 62 anos na URSS, 30 na China e 20 em Cuba, que o marxismo é uma ideologia que serve a um sistema ditatorial que oprime e esmaga o proletariado em dezenes de países. E como disse Cornelius Castoriadis, chamar um país marxista de "socialista autoritário", é o mesmo que dizer ditadura relativa, sólido de uma face, pedra de borracha, etc.

Quanto ao fato de que existem marxistas que não são stalinistas, que existem "marxistas libertários", trotskystas, pode-se afiançar que quem controla o aparelho de Estado sempre será fascista. A partir do momento em que não se admitindo o Estado para depois da Revolução Social ainda se quer continuar "marxista", é uma loucura. E não ter lido Marx. É burrice pura. "Marxismo libertário" é o mesmo que "democracia relativa" de Geisel, nada mais, nada menos.

Finalmente, como nos unirmos com as pessoas que representam no Brasil aquelas mesmas que massacraram o movimento dos camponenses libertários de Nestor Nakhno na Ucrânia? Como se unir com as mesmas pessoas que assassinaram os operários e soldados de Kronstadt, massacrados por Trotsky? Como nos unirmos com os adeptos de Moscou que assassinaram pelas costas (como prova o historiador e romancista George Orwell — ele sim, de esquerda) os revolucionários anarquistas durante a Revolução Espanhola, que deram à polícia as armas que vinham do exterior para combater os fascistas? Quem propõe este tipo de união é fascista, como são fascistas os marxistas.

E a direita que está no poder: certo. Mas é outra direita (os marxistas) que querem ocupar o lugar da primeira. Portanto, abaixo as duas!

Se existe algum marxista que faz autocrítica e não quer mais um Estado para mandar todo mundo para campo de concentração, então eu converso com ele. Só que este cara simplesmente não é mais marxista, é só libertário...

Mas, se ainda assim, alguém quiser unir-se com marxistas, vamos lá. Depois, nós todos nos encontraremos no Gulag, junto com nossos mortos insepultos da Rússia, Espanha, Hungria, Tchecoslováquia, Etiópia, Cuba, etc.

Antônio Carlos Pacheco

SEM SAÍDA

TONHO STARTERI

Apesar de noivo da princesa prometida, da terra prometida, o príncipe freqüentava a casa da rumbeira do seu reino encantado e amava desesperadamente o barman (que não lhe dava a mínima). Tinha estreitado laços de amizade com todos os marginais da referida taverna, e já bebia vinho comum, como um deles, e dançava como um deles, e comia como um deles e já tinha dormido com todos eles (menos com o barman, é claro, que amava desesperadamente a rumbeira, que por sua vez, não lhe dava a mínima, por amar — antecipadamente — desesperadamente, a princesa prometida da terra prometida, que por sua vez, amava desesperadamente a Deus e já tinha até entregado sua virgindade a Ele, numa dessas noites de lua cheia na beira do lago do bosque sem saída).

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Simulações

Nascer ou morrer, o mundo em si é um extenso paradoxo e desde a sua formação se prosta numa tese: a verdade, companheira da obediência e o falso-irmão do abstrato, o mal, a desobediência.

Assim pós-formação iniciou-se a sua caminhada evolutiva e por instinto (medo) o homem associou-se a semelhantes, formando uma possível sociedade sem regime fixo e sem religião, mas, com a lei de defesa, pois foi a precaução que os uniu. E, posteriormente, a lei do mais forte.

Com passadas juvenis e outros perigos de ameças o homem consolida de forma organizada a sociedade. Esta sociedade já com normas, preceitos e adorações todas sobre o elo da compreensão e necessidades extra individualistas.

O homem primeiro por instinto, depois por necessidade, formou a sociedade. Desde que a criou não pôde de forma alguma deixar de prescindir da mesma. Suas sagacidades sobre qualquer metamorfose, jamais se processará sem o seu condicionamento e consentimento, ou sofrerá as penas que ela burocraticamente hospeda.

Temos assistido durante muito tempo a História e mais que isso temos vivido as suas mutações mais sérias, florescimentos de novas religões, leis, ciências, culturas, filosofias etc. O ponto em comum é que procuram transformar estados e épocas, mas, parecem piorar. Do materialista ao espiritualista, do moralista ao imoralista, do capitalista ao socialista; todos passam individualmente as mesmas situações, porque preceitos e bases permaneceram inconscientemente na biosfera irracional dos racionalizados.

Situações diversificadas como guerra e paz, fome e luxo, progresso e decadência; locomovem-se sem que se encontre soluções para os acontecimentos negativos. Quando pensamos que os tabus estão desaparecendo eles são rejuvenescidos criando assim conflitos sócio-psico-metafísicos; com toda evolução tecnológica é inacreditável que perdurem choques e regras que dissiparam vidas e idéias.

A sociedade foi criada para satisfazer as necessidades humanas e para coordenar os grupos sociais de tal forma que a ajuda recíproca entre esses grupos, estabeleça uma situação progressiva e harmônica entre os homens e natureza.

Porém, a utilização das descobertas no implemento do progresso e as transformações ocorridas, ou seja, as mudanças intercaladas para suprir ou complementar o seu complexo, ocorre imprescrutavelmente invertendo assim a situação original em que a sociedade foi criada para servir aos homens e não os homens para servila.

As divergentes regras que compõem as constituições que justificam os regimes são insuficientes na realidade. As religiões todas com suas partes integradas e conhecidas refletem os mesmos preceitos a anos e os aceitos são geralmente distorcidos do seu ponto real. São sempre procuradas como ponto de apoio depois de várias frustrações no cotidiano; isto quando não são introduzidas ou presenteadas ao nascer — de acordo com o gosto e herança familiar.

Os governos dos mais justos (do ponto de vista de seu programa político) até os autoritários, as falhas são constantes e as mais obsoletas. A capacidade de discenir o certo e o que se precisa ganhar um pouco de constância no nosso século, porem as ascensões e decadências reproduzem-se continuamente.

Mas seria possível começar uma nova civilização deixando tudo para trás? O momento atual tem nos mostrado que a grande luta a ser travada é acima de todas as coisas, a luta pela LIBERDADE contra qualquer forma de AUTORITARISMO; e além disso a nova palavra de ordem que surgiu com total vitalidade, ABAIXO AS DITADURAS — vem nos provar que a liberdade não é uma UTOPIA.

E como prova disto olhamos não para o céu, mas, para a terra e dizemos: — A VOZ DO POVO É A REVOLUÇÃO! "O CAMINHO DA LIBERDADE É A LIBERDADE".

Eliminar a inflação ou extinguir a fome, a ambigüidade dos dois problemas causam-nos náuseas. A decomposição da massificação, a sua eliminação é de primeira necessidade. Elevarmo-nos a uma posição de pujança para conseguir uma saída e dissolver as incredulidades moralistas.

As organizações visando sempre um ideal, cognominado e generalizado como de todos — cobrem apenas uma parte das pretensões a que se propuseram. A sociedade é aquela massa abstrata que impõe-se e rege uma massa concreta; e através dos séculos vem compartilhando existencialmente com a raça humana.

Lídio Barros

MPB—Chega de saudade

Esse papo de que a
discotheque não presta,
que é bitolante, etc e
tal... tem que ser
pensado diferente
discotheque não é música
(no sentido mais acadêmico
da palavra), é um pulsar
rítmico
explora outras regiões físicas
do corpo (falo discotheque, a
casa de danças, sem a qual o
som perde o sentido)
essas regiões que a música
tradicional não transa, são
alcançadas através do uso de
freqüências agudíssimas
ou gravíssimas
acordam outros "ouvidos" do
corpo: a parte superior dos
braços para os agudos e a
barriga para os graves, Tom
Zé me alertou pra isso, pois
é, trabalhei com música moderna
e só transava o corpo
intelectualmente!
é isso que falta na música de
"vanguarda", falta transar o
corpo, a situação sem reflexos
condicionados do ouvinte
discotheque transa o som
visceral-corporal-violência
A pessoa sobe no palco,
e se transa
a discotheque bem feita elimina
a figura do criador, do músico.
O saco é ouvir discotheque o
dia inteiro como se fosse
música (ocupando espaço da
música).
Luís Melodia é a fusão
soulsambafunk é o morro 1979.
Melodia é a
voz do m
orro
nu
m
a nota só
Tentam cortar a cabeça de
Walter Franco, o desafinado.
Walter Franco fez um disco
experimental, (isso foi/é
revolução), o disco da mosca,
acharam hermético elitista (!)
agora lança o lp "Respire Fundo"
de rockhai-kai s, limpo, pureza,
simples (radicalizando a média),
acharam pobre, comercial,
vendido ao sistema.
Sigo dizendo que o samba evolui
em Luís Melodia e Macalé, e que
o "sambão" é tal e qual
a discotheque.
quanto ao Hermeto eu gosto
sempre de lembrar e Walter
Smetak. esmeril.
a Música Popular Brasileira será
o iê-iê-iê da década de 80
(apesar de ti Tinhorão-s-)

Livio Tragtenberg

RESSONÂNCIA NO BIMESTRE

"A nossa música cada vez mais se mistura com as diferentes influências das diferentes culturas. Não sou purista nem discriminador, e não considero prejudicial abrirmos nossas portas, a não ser quando se trata de colonização cultural ou de imposição de modismo. Acho até muito saudável essa mistura na nossa música assim como um viralata."

Antônio Adolfo

SEXTETO DO BECO

Quatro excelentes lançamentos fonográficos deram início a esse bimestre que passou. O primeiro foi o disco de Danilo Caimmy, o único da família que não tinha disco gravado, mas sendo por opção, pois Danilo é acima de tudo profissional e sempre teve consciência da sujeira de como são feitos os contratos de gravadoras. A partir disso criou o selo de produção e bancou todo o capital do disco desde o estúdio até a distribuição.

O disco está muito estruturado com a participação de músicos como: Cristóvão Bastos, Edson Maciel, Milton Nascimento, Airto Moreira, Nelson Ângelo, Fernando Leporace, Pascoal Meireles, Maurício Maestro, Novelli, Helvius Vilela e Gegê.

O segundo disco foi o terceiro do Antonio Adolfo também com produção independente e a exemplo dos outros dois um disco muito autogestionário desde a capa aos sofisticados arranjos bastante socializados. O som ficou com: Théo Lima, Agenor Mendes, Jamil Joanes, Hélio Capucci, Zé Carlos, Bidinho, Serginho e o excepcional vocal do grupo Viva Voz.

O terceiro foi o "Sol do Meio-dia" de Egberto Gismonti acompanhado do "Jornal Caipira" que apresenta uma grande ficha técnica onde se tem um melhor contato com os músicos, que são: Ralf Tower, Naná Vasconcelos, Jan Garbarek e Collin Walcott. Egberto fez algo que a maioria dos conceituados críticos não conseguiram(ão) admitir: juntou músicos europeus e mais o brasileiro Naná e fez uma tremenda salada, e a conseqüência foi tudo o desejado ou seja: um clima muito indígena e ao mesmo tempo muito universal.

O último lançamento ficou com o Victor Assis Brasil quinteto, o mais trabalhado dos seis discos de Victor desde a composição gráfica, com o excelente José Domingos Rafaeli que é sem dúvida um especialista em crítica, como mostra no disco, onde nos fornece dados extremamente precisos sobre a condução do disco e sobre seus músicos, até aos arranjos que mostram uma mistura de bossa nova com um jazz muito estruturado caindo em temas progressivos. O quinteto tem a participação de: Paulo Russo no melhor do seu contrabaixo acústico; Nelson Martins no piano; Ted Moore e sua excelente bateria; e fechando, o excepcional Hélio Delmiro que "destruiu" com sua guitarra, nas grandes improvisações e modulações.

Em julho tivemos a grande participação do mestre Hermeto Pascoal na Suíça, em Montreux, onde fez os europeus delirarem com a criatividade de sua música. O mestre foi acompanhado pela família e ainda convidou Nivaldo Ornelas.

Em agosto dois grandes cretinos: Daniel Más (Status) e Cláudio Garrilho (Correio da Bahia) fizeram duas tristes críticas. O primeiro escreveu sobre Hermeto chegando a dizer besteiras como, "matar trinta e oito mil canários com uma nota". O outro foi escrever sobre o disco do Victor Assis Brasil e caiu num tremendo nacionalismo barato quando se referiu ao "esquecimento de suas origens" e colocando Victor como um sonhador dos bares de New Orleans e um imitador de Mestres Famosos. Aí Caetano veio à tona numa desbundante entrevista à Playboy na qual disse: — "Acho principalmente que a crítica no Brasil não é exercida por pessoas especialistas, mas por pessoas que representam mais ou menos a tendência da mediocridade brasileira compradora de discos."

Nos dias 16, 17, 18 tivemos um show espetacular onde nove convidados de grande tarimba vieram integrar o bom Sexteto do Beco, um grupo formado aqui em Salvador há três anos pelos grandes músicos que são: Thomas (violão, flauta e clarinete), Sárquis (contrabaixo acústico), Aderbal (violão e fagote); Afonso (bateria e percussão) Marquinhos (sax soprano) Sérgio Souto (sax e flauta). O grupo sofreu diversas alterações e nesse show formou-se com a substituição de Afonso pelo excepcional Anunciação e de Sérgio Souto por Oscar Dourado, com a participação dos multi-instrumentistas: Veléu, Juracy, Gerson, Paulo Bento, Paulo Andrade, Samuel da Mota, Cabral, Tuzé de Abreu e Andrea Daltro. A força da produção foi de Vicente e Kit.

"Ressonância" (título do show) teve passagens lindíssimas, como "Flutuando" tema muito sutil de Aderbal que conta com o incrível vocal de Andrea e a beleza de clima proposto por Cabral com seus inventos de percussão que são impressionantes e inovadores. O grupo se define assim:

"O Sexteto do Beco é um 'condutor de som'. Na realidade, isso significa a maneira mais simples do músico fazer e mostrar uma música sem nenhuma preocupação estética. Por isso, o Sexteto do Beco é um grupo musical que procura desenvolver um trabalho, usando todos os instrumentos, tocando de toda maneira.

Vive para a música. Quem sustenta o grupo é o som. O som que está no ar."

O Sexteto voltará em fins de setembro para mais seis apresentações no ICBA.

No fim de agosto, fechando o bimestre, tivemos mais uma rotineira palhaçada na Faculdade de Ciências Humanas (São Lázaro): uma festa com o pretexto de "serenata", na qual toda a estudantada com suas "crises existenciais" comparecem pra "fazer a cabeça e ficar odara". Enquanto isso; os músicos ficam, mais uma vez, ocupando a função de fundo musical (ao meu ver) é uma estúpida função pois o dinheiro que entra nesses tipos de festinhas é todo encaminhado para o diretório estudantil e o músico depois de ver seu trabalho praticamente desprezado ainda tem a coragem de voltar a outras festinhas deste tipo se esquecendo que é um profissional.

Sérgio Garcia Guerra

EXÍLIO

JOÃO CAENEIRO

Escreveu uma carta de amor ao velho amigo de infância. Abriu aquela garrafa de uísque importado. Tirou a roupa. Masturbou-se. Gozou. Pediu almoço ao restaurante ao lado. Fez a barba. Usou a colônia, que ganhara pelo Natal. Vestiu o terno novo. Pôs a gravata marrom. Atendeu a porta. Beijou a esposa. Matou seus quatro filhos a traços de bisturi. E saiu. Chegou ao orelhão. Ligou para o patrão. Disse estar resfriado. Acamado. Entrou no boteco da esquina. Pediu um chope. Comprou cigarros. Passou pela banca. Pagou o jornal do mês. Foi ao banco fechou a conta. Rasgou na calçada a carteira de trabalho. Entrou no cinema. Chupou um garoto. Comprou a passagem. Entrou no avião. The End.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

teatro oficina põe a boca no trombone

O PESSOAL FALA DE SUAS LUTAS NOVAS E ANTIGAS E CONTA SUAS ATRIBULAÇÕES COM O ESQUEMA DE GRANA DAS SECRETARIAS DE CULTURA DA DITADURA, ALÉM DO AUTORITARISMO DA ESQUERDA OFICIAL.

por. Argemiro de Paula Garcia Filho e Renato Carvalho de Almeida, Filho

No começo, o teatro era o coro, a massa, o povo. Esse era o verdadeiro protagonista. Quando o protagonista se separou do coro, imediatamente aristocratizou o teatro, que antes existia em suas formas populares de manifestações massivas, desfiles, festas, etc. O diálogo protagonista-coro era claramente o reflexo do diálogo aristocrata-povo. (...) O herói trágico surge quando o Estado começa a utilizar o teatro para fins políticos de coerção do povo. (TEATRO DO OPRIMIDO, Augusto Boal, Ed. Civilização Brasileira, 2.º edição, pg. 36)

O TEATRO OFICINA existiu com cortes nos últimos vinte anos, cortes como quando em 74 a polícia invadiu o TEATRO prendendo todo mundo. O Exílio decorrente disso não acabou com o OFICINA. Em agosto de 78 um dos componentes, o Zé Celso, chegou ao Brasil, entrando em contato com um monte de gente. E eles recomeçam tudo. Não tudo; agora a proposta é nova: é o TEATRO OFICINA com o "Ensaio Geral do Carnaval do Povo". criação coletiva do coro com a "platéia".

Esse novo trabalho é uma confrontação entre a VELHA e a NOVA ERA, a VELHA representada pela opressão do mundo capitalista e a NOVA pelo surgimento em cena do PODER POPULAR, que nasce da tomada de consciência do povo (com o aparecimento de Galileu Galilei: VER COM OS OLHOS LIVRES), a libertação do paternalismo (com a "Morte de Getúlio Vargas": TE VIRA, MEU FILHO, QUE TEU PAI MORREU) e finalmente com o PODER POPULAR, em ação direta destruindo a estrutura da VELHA ERA, a pirâmide de poder. É nessa perspectiva que entramos em contato com o CORO o TEATRO OFICINA para bater um papo.

CORO/VALDIR — Em primeiro lugar, você aqui tá falando com o CORO, o Oficina é cinema, edição, fotografia, um monte de coisa. Aqui são as pessoas do CORO de teatro. A primeira pessoa que carregava a história do Oficina foi o Zé Celso que chegou no Brasil fez um ano agora em agosto. Ele chegou já a fim de formar o Oficina 5.º tempo e dividir em teatro, edição, cinema... aí ele foi convidando pessoas e elas foram se agrupando.

* a Ana ajudou...

C/ADAUTO — Por exemplo, eu vim do Rio. Tô aqui desde dois de janeiro, quando começou a coisa toda, e acompanhei até agora. Estas pessoas que aqui estão chegaram depois, porque antes teve todo um processo. Passou aqui mais de 80 pessoas. Sobraram daquele início, que se chamou "Fura Parede", onde se fez todo um ritual. A maioria do pessoal chegou aqui depois de fevereiro. A característica é que são pessoas de toda parte do Brasil.

C/VALDIR — Dentro do grupo houve uma seleção natural pelo próprio trabalho. As pessoas iam se firmando com o trabalho. Com relação ao Coro atualmente ele está funcionando de outra forma. Antes o Zé achava que as pessoas tinham alguma coisa a ver com o trabalho e chamava, mas agora é o próprio Coro que decide.

C/JOAQUIM — O trabalho começou com esses núcleos: cinema, teatro, edição, fotografia, cozinha e arquitetação. No começo uma das coisas que foi mais mexida foi esse espaço aqui, o próprio salão do teatro. Por que ele era um teatro que tinha um fosso, um palco, aqui, uma platéia lá, tudo escuro, as paredes pintadas de marrom. Foi isso que o Adauto falou: nessa transa de furar a parede a gente começou a recriar o espaço em que a gente iria trabalhar. Em março houve uma redefinição. O Coro, a gente, sentiu necessidade de trabalhar com o teatro, trabalhar a nossa atuação, o nosso instrumento. A gente fazia quase tudo, administrava, pintava, fazia tudo ligado ao trabalho mas não fazia o trabalho ao qual a gente está habituado que é o teatro. Isso dava toda uma não definição do próprio trabalho. Quando a gente definiu, o próprio trabalho redefiniu todo mundo. Aí foi como o Valdir falou: foi saindo gente.

Depois o trabalho foi apresentado após três dias de ensaio, foi uma piração, o Zé baixou diretor, nós baixamos atores, numa relação que numa foi legal, noutra foi terrível, tensa pra caralho. E velha muito velha.

C/SORAIA — A gente ensaiou três dias prá se apresentar na pré-estréia no dia trinta de março, aniversário do Zé. E a loucura foi que a gente ensaiou naquela tensão, daí no dia, o teatro tava cheíssimo. Todo mundo foi convidado e era público de antigo Oficina, antigos atores do Oficina... Tudo antigo Oficina esperando a volta do Zé Celso. E foi assim... na loucura, porque a gente fez tudo errado e ninguém entendia coisa nenhuma, foi uma loucura assim...total! (Todos riem)

C/ADAUTO — Mas era o reflexo, desta tensão que o Joaquim tá colocando. Mas ao mesmo tempo abriu uma coisa que a gente tá com uma consciência, dela, que é a nossa relação com o Zé. De repente, houve uma modificação profunda dessa relação, tanto é que o "Ensaio Geral do Carnaval do Povo" que foi uma coisa saída da cabeça do Zé, que começou lá em 69 com "Galileu Galileu" e foi para Portugal. Agora esse trabalho, nesse momento é um trabalho de Coro, uma criação coletiva do Coro e das pessoas do público que vem assistir, ou aquele público aonde a gente vai. Tanto é que o "Carnaval do Povo" desse momento é completamente diferente daquele trabalho do dia 30. Dia 30 foi um negócio de direção que não deu certo. Foi uma frustração total, mas foi uma frustração muito gostosa porque ali começou a ter um embrião de uma definição: o que era realmente um trabalho autogerado e não um outro diretor dizendo faz isso, faz aquilo.

C/JOAQUIM — O trabalho teve isso: na medida que foi o Zé que chamou as pessoas, ele que centralizava, na medida que era ele que trazia mais vivo todo aquele processo de Oficina, de todo movimento então centralizado nele. Daí toda transa de autogestão que a gente fala tinha uma contradição: ao mesmo tempo que a gente queria uma autogestão tinha um problema na base da organização da gente naquele momento que passava tendo um centro que era o Zé. Foi importante ele ser a ponte onde todas as forças se cruzassem para poder romper com ele e criar novos centros, novas fontes de energia, novas transas energéticas. A gente tá com 15 anos de ditadura que reforça toda uma coisa paternalista, tal o nosso pai herói indo na feira (sobre a visita de Figueiredo a São Paulo(... Sabe, o pai é uma figura totalmente reforçada num esquema repressivo, numa estrutura familiar.

C/VALDIR — Era uma coisa que não era ele que se impunha como pai; a gente queria um pai. Quando apertava a barra, que nem quando a gente fazendo o "Ensaio" junto com ele, de repente ficava uma dispersão. Todo mundo olhava para ele porque achava que ele ia dar um jeito. Papai vai salvar a situação, ninguém vai passar vergonha. Era uma coisa que a gente tava pedindo. Uma coisa de querer o pai, de não ter coragem de enfrentar a barra.

C/JOAQUIM — E tinha uma contradição que era a seguinte: ao mesmo tempo que a gente queria a gente não queria. Quando começava o pai a baixar era um horror.

C/ADAUTO — E uma das batalhas mais fortes foi esse combate ao paternalismo, foi uma guerra. E tá sendo ainda.

C/JOAQUIM — Que é um dos maiores entraves à autogestão. Eu acho que um dos maiores entraves é o paternalismo. Seja de Estado, seja de esquerda, seja de direita. E realmente a maior perda que tem *Tudo representado por uma pessoa, tu delegar* poderes a *uma pessoa, tu transfere o centro para outra pessoa. Isso realmente tá morto, tá falido. Isso daí com toda a cultura ocidental tá falido, morreu, morreu...*

c/VICKY — É uma luta que tá aqui dentro e toda vez que a gente sai daqui, vai lá para fora, alguém diz: "Quem é o chefe de vocês? O que é que o Zé Celso tá fazendo? Ele continua louco como sempre?"

C/SORAI — Hoje a gente saiu nas ruas, até a Praça da Sé, alguém disse: Esse Zé Celso é um louco"... e o Zé nem tá aqui, tá no Rio, nem tá sabendo.

C/VICKY — "Os menininhos do Zé Celso".

C/ADAUTO — Mas esse combate contra o paternalismo, eu acho que tem que ser travado em todo o Brasil, porque aqui é uma poeirinha dessa coisa imensa que tá aí. É como Vicki e a Soraia tão dizendo: a gente sai na rua e de repente as pessoas vêm perguntar de uma figura que não tá presente. É um peso, é como uma brincadeira que a gente fa: o OFICINA tem vinte anos. A gente precisa tirar este Karma, essa bigorna, que deve estar pesando e partir para uma outra coisa, botar o Zé no trabalho com outra relação, ele como mais uma pessoa, e não ele ou qualquer outra pessoa como centro, que isso não tá com nada.

IR/ARGEMIRO — Interessante também, é que quando vocês começaram a se apresentar, ninguém dizia que tinha visto o Coro do Oficina, mas sim o grupo de Zé Celso.

C/JOAQUIM — É toda uma linguagem, toda uma relação de dominação, uma pessoa que domina um bando de coisas. Até pode ser que seja, mas é implícito na linguagem que alguma coisa, um grupo é de uma pessoa, não é a pessoa que faz parte do grupo, é o contrário, é um único ser e o grupo far parte dele.

C/MARTINHA — Os vint anos de Oficina aqui, o Zé é a única pessoa que tá aqui há vinte anos. Mas nesses vintes anos não existiu só o trabalho dele, existi o trabalho de milhares de pessoas aqui eu ele valoriza, mas ninguém mais valoriza, todo mundo fala: o trabalho do Zé Celso.

C/ADAUTO — O próprio Zé tá combatendo isso, porque dificulta. Se você cria uma frente de trabalho, como a gente tá criando, que tem um fundamento cultural e tem também, um lance político, de acabar com essas relações esgotadas, tanto, na política como nas relações pessoais, é absurdo um chefe.

C/REGINALDO — Agora, de qualquer forma, eu acho que tá mudando. Porque eu tive em Brasília agora, com a imprensa, e ninguém queria saber do Zé Celso, queria saber do trabalho da gente. Isso foi muito claro pai, mas ele como figura do Coro, do trabalho que a gente tá fazendo aqui. Isso só muda quando a gente começa isso.

C/JOAQUIM — (Para o Renato). Agora, eu queria saber, te fazer uma pergunta: tu que já veio aqui um monte de vezes, que que te move, que que te comove, que que te locomove a vir aqui todos esses dias, que que tu busca aqui?

IR/RENATO — É a própria proposta, a recriação constante do negócio, de ver que é possível, sabe... Vocês falaram que quinze anos fizeram com que vocês quizessem o Zé como pai. Até agora eu tô com esses quinze anos nas costas. Talvez eu queira um pai ainda, eu pretendo não querer. Agora, eu só vou saber disso à medida que eu tiver concreto isso, que eu conseguir sair um pouco fora dessa alienação aí, não só dos quinze anos, como de antes e daqui a algum tempo ainda. É isso que eu acho que me traz aqui, a proposta de mudança, que eu acho que muda. A pessoa que vem aqui muda!

C/JOAQUIM — Mas, mesmo assim, a gente encontra muita dificuldade junto com tudo isso. Uma coisa estanque, morta, e quando cai a minha careta, eu tomei um susto porque eu vi que eu não tinha nada a ver com aquilo, eu vi que naquela relação eu tava usando outra pessoa, eu tava usando uma máscara.

Nas relações entre as pessoas tem sempre alguma relação concreta, bem palpável, e isso me mexe a tal ponto que fico completamente inconsciente. Quer dizer, tem alguma coisa que mexe com as pessoas, seja o toque, seja o silêncio, seja o que for, é alguma coisa humana aí que mexe e, normalmente, qando a gente pára pra falar, tende a falar sobre o projeto em geral, esquecendo onde isso bate nas pessoas. A gente fala sobre as idéias, é um discurso político antigo em que a gente discursa sobre as idéias e amarra a coisa e, nesse monte de idéias tu perde essa coisa de carne, essa coisa de sangue que te bate.

C/VICKY — A barra de São Paulo é muito forte, a gente vai nas ruas, que nem hoje a gente saiu pra divulgar o nosso trabalho, vender cartaz, e as pessoas têm pavor de receber um papel. A gente oferece um papel e a pessoa sai e fica lá, olhando de longe.

IR/RENATO — Engracado, hoje eu tava no ônibus e fiquei surpreso comigo mesmo. O motorista deu uma brecada, uma mulher caiu no chão, e ninguém, inclusive eu, se mexeu. Depois é que eu pensei: "Porra cara, onde é que você tá com a cabeça?" É que o negócio tá tanto aí que a gente... é foda isso.

C/ADAUTO — Por isso que este trabalho é uma barra, porque quando você propõe romper este cotidiano, invadir este espaço poluído com uma coisa que você não sabe muito bem o que é, pode ser insteurada uma coisa bastante forte contra você. Hoje na rua, por exemplo, os caras tavam passando a mão na Soraia, na Vicky, na Martinha. É toda uma repressão sexual, uma coisa fascista muito violenta. E ao mesmo tempo a polícia rondando, vigiando. A gente entrando pelas ruas distribuindo papel e algumas pessoas rindo, outras correndo. Você quebra um jogo determinado da cidade

C/MARTINHA — Com o horério de trabalho, com aquela seriedade.

C/ADAUTO — Aquela máquina sempre em funcionamento, de repente naquela máquina já organizada pinta um bando de pessoas fantasiadas, dançando, batucando. É um espanto total, cria o pânico.

C/JOAQUIM — A rua Direita é um teatro. Eu acho aquela rua um barato, porque é movimentada, eu curto aquela rua pra caralho. As lojas dão de cara prá rua, se tou trabalhando *dentro da loja*, tu tá com o *pé na rua*.

C/REGINALDO — É o teatro do comércio.

C/JOAQUIM — Quando a gente entrou ali, deu um corte, não eram aqueles papéis determinados; a dona de casa, a boa moça, o bom rapaz, o bom trabalhador... e como apareceu outra coisa, quebrou tudo. As pessoas ficavam espantadas depois quebravam. Como tinha acabado aquele teatro, ficou muito quente.

C/VALDIR — Isso com as pessoas que trabalham, porque a classe média morre de medo. A gente ia atravessar a rua e as pessoas fechavam o vidro do carro. Aquelas madames da classe média e burguesia fechavam o vidro e ficavam olhando, com medo da gente.

Mesma coisa no Ato Público da Anistia (realizado em SP,, 8/8/79). As pessoas, os organizadores, tavam com medo da gente invadir a Igreja, fechavam a porta.

C/ADAUTO — A gente foi lá na Praça da Sé, na manifestação, na Igreja da Sé fecharam as portas. Todo mundo querendó segurar a barra, uma loucura.

C/SORAIA — E o próprio pessoal da Anistia, que sabia que a gente ia, por que a gente combinou, fechou uma parte da escadaria com cordas e cadeiras, pra gente não passar pra lá.

C/VICKY — E olha que loucura! Isso é ANISTIA! Anistia na praça pública também, e de repente as pessoas que tão batalhando pela Anistia tão fechando uma parte da praça pública contra outras pessoas, olha que piração!...

C/MARTINHA — Que tão junto com eles, fazendo a mesma coisa...

C/VALDIR — Que se diz esquerda e tal...

C/PAPA-LÉGUAS — Lutando pela ANISTIA AMPLA GERAL E IRRESTRITA...

C/VICKY — Inclusive teve uma hora em que a gente saiu cantando "PODER POPULAR" e teve um confronto entre PODER POPULAR e ANISTIA AMPLA GERAL E IRRESTRITA, palavra de ordem contra palavra de ordem, e PODER POPULAR ganhou.

C/ADAUTO — Foi um negócio muito louco a transa da ANISTIA, porque a gente foi chegando e só tava os caras que estavam na Igreja arrumando; na Praça da Sé as pessoas tavam passando. É óbvio que se pinta uma coisa com todo mundo fantasiado, vai juntar gente. Eu acho da maior importância a utilização política disso. Mas ficou uma hostilidade entre o pessoal da mesa segurando o deles e a gente fazendo o nosso negócio. E o público assistindo.

C/VICKY — Quando a gente chegou lá tava o pessoal da Anistia e uma porção de pessoas passando, a praça tava quase vazia. A gente juntou uma roda de pessoas que se juntou por causa de um grupo de pessoas coloridas, fantasiadas, tocando samba.

C/JOAQUIM — E aí a gente pode ver uma transa que eu acho reacionária, embora tenha mil identidades com a esquerda, que é o processo cultural no Brasil, que é a relação vídeo-público da televisão, é essa relação teatral dominante do "palco lá" e a "platéia aqui". Isso aparece, pode ver; Anistia, UBE, ou em qualquer outro encontro. É sempre a relação palco-platéia; e lá em cima é o centro, é o poder, e aqui embaixo é a massa, é o povão. Eles não conseguem quebrar essa figura AQUI EMBAIXO-LÁ EM CIMA; eles não conseguem fazer todo mundo embaixo. Eles não conseguem fazer um movimento que seja de igual pra igual.

IR/RENATO — Em realidade, pelo menos do que eu conheço, eles não conseguem e nem querem conseguir.

C/VICKY — Não querem por que é perigoso.

C/SORAIA — Quando a gente foi pra UNE, a gente foi com o pessoal todo, na caravana, no ônibus da GV. A viagem foi uma loucura num sentido de integração, porque a gente parou milhares de vezes, teve barreira. Toda aquela coisa. E a relação foi uma coisa incrível, muito viva, a gente trocava de ônibus, ia mijar, por que o nosso ônibus era o único sem banheiro (ainda bem, porque os banheiros entupiram, era um fedor). A coisa muito viva, muito doida.

A gente chegou em Salvador cada um foi pro seu lado e teve o primeiro dia de encontro. Mas aí já era um teatro mesmo, porque a estudantada tava toda séria, teve toda uma postura de estudante.

C/GODÓ — Militante...

C/SORAIA — Todo discurso era revivendo os heróis de 68.

C/VALDIR — Muro das lamentações...

C/GODÓ — Memórias do exílio...

C/SORAIA — Do fulano que morreu, do beltrano que não sei que...

C/JOAQUIM — Aquele companheiro que deu a vida... Ah, os mortos...

C/VALDIR — Inclusive a peça teatral que teve...

C/JOAQUIM — O culto aos mortos...

C/ADAUTO — E eu acho uma falta de respeito contra, inclusive, essas pessoas, que foram muito combativas, e isso é culto aos mortos — pros guerreiros não tem nada a ver.

C/PAPA-LÉGUAS — Eles diziam: "Fulano de tal! Presente!" (bate palmas).

C/VICKY — É interessante, todos os mortos estavam presentes, mas quem estava lá não estava presenta. Estava presente a mesa e os caras que estavam embaixo não tinham direito a voz, não podiam chegar a mesa...

IR/RENATO — Isso é o detalhe ridículo do negócio: o pessoal que se sente vanguarda, superior aos outros, cada um em sua escola, e chegou lá...

C/PAPA-LÉGUAS — São inferiores aos mortos.

IR/ARGEMIRO — E Foi todo mundo assim, numa boa. Na viagem o pessoal da USP, da minha escola, foi fazendo uma zona total, e chegou lá: vestiu a máscara...

C/SORAIA — Pois é, mesmo nas barreiras da polícia todo mundo tava cagando pra aquilo, a polícia entrava todo mundo debochava, ria, falava e não sei o que. Daí, chegou lá virou uma paranóia da polícia que ia chegar, da direita, que ia chegar, dos gauchos, do Mackenzie...

C/JOAQUIM — Outra coisa que eu acho é o seguinte, quer ver: principalmente na classe média a repressão mudou de cara, ela existe, os aparelhos repressivos tão aí, nós tamos num Estado de Direita, tá tudo aí. Mas ficou uma parandia desse período todo, um bode que impossibilita qualquer coisa. Porque qualquer situação que seja política aí baixou a repressão, porque baixou o bode. E esse teatro é uma clisa incrível, porque basta falar em política...pronto! Tranca as portas, quem tá lá?...

C/SORAIA — E a loucura foi que eles não queriam que a gente se apresentasse. Tinha dois grupos pra se apresentar, e o primeiro disse que ia levar quarenta minutos, e levou quase duas horas, e tinha que continuar o Congresso. Por isso a gente não ia se apresentar. A gente brigou com a comissão pra pelo menos a gente poder ir no plenário colocar que a gente tava a fim de se apresentar, e que isso seria uma maneira de relaxar pra continuar o Congresso numa melhor. O plenário ia decidir, não ia ser meia dúzia de cabeças que iam decidir isso.

Daí ficou aquela briga com os caras, e a gente decidiu: então vamos! Mas quando a gente desceu foi uma loucura, porque a sensação foi tão forte que eu tava com uma e ficava com o peito meio de fora. Como a gente andou o dia inteiro eu não ia andar de peito de fora, então eu botei uma blusa por cima. Quando eu desci a escada as pessoas foram abrindo, abrindo ... Foi tão forte a sensação que eu arranquei a blusa fora, eu senti a força da coisa, que eu vinha bem na frente. Daí a gente ia distribuindo a letra da música e cantando. Equando agente foi chegando perto do palco eles cercaram a gente, fizeram uma barreira...

IR/RENATO — Eles quem?

C/VICKY — A segurança da mesa. Porque tinha uma estrutura incrível na UNE. Tinha a mesa e, em volta da mesa tinha a cúpula. Os chefes da UNE tavam todos em volta da mesa. Tinha todo um espaço em torno da mesa que tava contra a gente, e embaixo abriu um espaço gigantesco.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

C/PAPA-LÉGUAS — A plenária mesmo abriu pra gente. Ficou um espaço imenso pra gente.

C/VICKY — Ficou uma divisão mesmo.

IR/ANA — Vocês acabaram não falando...

C/VICKY — A gente tinha que brigar pra chegar no microfone.

C/SORAIA — Eu subi porque quem ir falar era eu, e outras pessoas do grupo subiram comigo. A loucura era assim: tinha o palco, o cara falando, falando, não dava o microfone e tinha umas quatro pessoas entre eu e ele. Então ficou uma loucura, porque eu não conseguia nunca chegar no cara pra tirar o microfone dele. Ficava aquela coisa e eu tava com um cocar. De repente, tchumm! Um cara me arrancou o cocar, daí eu me virei pra trás e comecei a brigar com o cara, pum! Arranquei o cocar e enfiei o cocar de novo. Daí quando eu ia de novo pra pegar o microfone veio o cara por trás e me puxou pelos ombros. Não queria me deixar falar. Mas no fim a gente terminou conseguindo, conquistando o direito à palavra.

IR/RENATO — Sabe, tem um companheiro nosso lá que não percebeu tudo isso. Ele falou que foi tudo numa boa. Devem ter espalhado fofoca, manobrado, para parecer que foi tudo uma boa. Não... não foi numa boa.

C/VICKY — Inclusive eles aproveitaram a paranóia toda sobre a possibilidade de entrada da direita, do bando dos gaúchos que ia entrar, eles aproveitaram justamente esta paranóia pra deixar a multidão das pessoas embaixo acreditando que eramos direitistas, os gaúchos chegando.

C/SORAIA — Imagina se a direita ia chegar toda fantasiada, cantando "Samba do teatro brasileiro".

OF/ADAUTO — Pois é, na verdade o que existe é o mesmo jogo do sistema. Assim como o sistema tende a controlar os espaços, esses grupos, que eu acho num certo ponto importante, reproduzem o mesmo jogo, que é o jogo do controle. Aí que alguém falou: essa coisa de repente tem uma mesa e embaixo um montão de gente sem voz, que alguém fica lá falando aquelas coisas, fica determinando a direção.

Então, quando você vem com um lance de não tar a fim de transar lá em cima, você não tá a fim de transar o palco, você tá a fim de ir lá embaixo de vir junto com aquela força que tá lá embaixo, aí, meu irmão, o pau come. E tem que comer.

C/SORAIA — Uma outra coisa incrível na UNE é que eu subi na mesa e lá de cima dava pra sacar a formação da coisa. As pessoas que tavam lá embaixo ou não tavam entendendo direito o que tava acontecendo ou tava dando força pra gente. Quem, realmente, não deu força foram as pessoas que tavam em cima. Visualmente, tinha mesa e tinha umas escadas em que tinha outras pessoas que tavam em cima vaiando a gente. As que tavam embaixo, mesmo, tavam dando a maior força. Tanto que a gente saiu, fez um corredor e a gente passou, eu chorando, Godó chorando, um monte de gente chorando, o maior drama, e as pessoas dando a maior força pra gente.

C/MARTINHA — Aplaudiram a gente, a saída pra gente. Foi um negócio de cima pra baixo.

C/VALDIR — Mas na anistia teve uma coisa parecida. Tinha o pessoal que tomava conta da escadaria da Sé e quando a gente foi chegando eles puseram corda, fecharam a porta da igreja com medo da gente invadir tudo. Daí a gente chamou o povo da Praça da Sé, que foi o povo que participou do trabalho, que cantava, que ria. Então ficou assim: aquele povão que circula por ali e o pessoal da anistia em cima da escada. Dava a impressão que a gente não tava fazendo o trabalho junto com eles. Era uma coisa de intelectual, de ficar observando, ali os atores, ali o povo, o povo participa, "será que os atores... olha aquele lá". E eles não sacaram que era uma coisa pra tar todo mundo junto, que era uma geral. É que eles ficaram numas de analisar o trabalho do Oficina, a proposta cultural.

C/ADAUTO — Uma coisa que pintou na minha lá na praça da Sé, eu olhei e vi: "Se esse pessoal da anistia desaparece e só ficasse essa igreja, a gente e o povo, não ia representar nada, porque eles tavam completamente fora do que tava acontecendo. Não porque eles foram excluídos, mas porque se excluíam. De repente a gente é convidado pra fazer um trabalho junto e tem que segurar essa barra. Aí não dá pra entender.

C/VICKY — É o que foi mais fantástico é que foi combinado com eles. A gente chegou lá cinco e meia em ponto. O ato público ia começar às 6h. A gente saiu às 6 horas em ponto.

C/REGINALDO — Batendo o sino da igreja.

C/VICKY — E a única coisa que saiu no jornal foi uma noticiazinha, no jornal do teatro Oficina que aderiu ao movimento. Como se a gente tava passando por aí e se aderiu à coisa.

IR/RENATO — Pelo que eu tô percebendo por aí a tendência mesmo dos caras é queimar a proposta de vocês.

C/ADAUTO — Aí é que tá o grande lance, porque se eles continuam aí, o nosso trabalho é lá embaixo. Não dá, essa relação dos caras tá esgotada.

C/VICKY — Mas aí é que tá o problema todo. Para trabalhar com esse pessoal que tá embaixo tem todo problema econômico, é que a maior censura que existe agora por causa do problema de sobrevivência da gente. Então a gente tá cortado pela economia. A economia de guerra que acaba com a gente. A gente tem que ir batalhar a gente quer trabalhar não podem pagar o nosso trabalho.

IR/RENATO — Quer dizer quem vem aqui, basicamente é a tradicional esquerda e na maioria das vezes aqui metendo o pau.

C/MARTINHA — Uma outra coisa também, foi um papo de que no 1.º de maio em São Bernardo vocês não puderam se apresentar.

C/VALDIR — é que era um dia de luto. *(irônico)*.

C/SORAIA — O Lula não quis nenhuma manifestação cultural. Inclusive Ângela Maria, um caralho de gente ia se apresentar e a gente ia fechar a transa. Mas daí o Lula não quis, porque ele disse que tinha que ser uma coisa só política. A gente foi lá, mas foi assim, comum.

C/PAPA-LÉGUAS — Era só discurso.

C/VICKI — O problema disso tudo saiu na entrevista de Lula pro "Lampião".

C/PAPA-LÉGUAS — Vocês viram a gente lá na Praça da Sé?

IR/ARGEMIRO — A gente passou por lá pra ir pra São Bernardo, ia encontrar um pessoal lá e eles começaram: "Vambora, vambora..."

IR/ANA — Inclusive com aquele papo, que agente saiu xingando, porque tinha um pessoal com a gente: "Vamos embora, que tem um negócio em São Bernardo". E a gente: "Mas pessoal, o negócio tá acontecendo aqui!"

C/MARTINHA — "O que tá acontecendo em São Bernardo é sério, o Lula vai falar lá, aqui, agora, eles tão se divertindo, coloridos, dançando."

C/JOAQUIM — "É teatro, é teatro..."

Agora, esse negócio que a Vicky falou é incrível, porque uma das coisas que mais vem barrando a gente é a censura econômica. A gente teve um contato, primeiro com o secretário do Estado, Cunha Bueno, depois com o secretário do município, Mário Chamie, os dois de Educação e Cultura, e colocou o seguinte: a gente vem fazendo um trabalho popular, e que por isso ele tem um cunho social, e não é só a gente aqui que vai arcar com esse ônus. Eu acho que ele é um trabalho político. Mas ele tem uma contradição: na medida que ele se propõe a ser um trabalho popular, ele tem uma exigência econômica muito maior porque aqui tem 43 pessoas agora, antes tinha 60. E o ingresso, por exemplo, tá a 50 e 80. Se a gente for pensar numa ótica econômica, a gente tá fudido. Uma ótica econômica é uma ótica de lucro. Esse espaço aqui no centro de São Paulo teria que dar lucros grandiosos, enormes. Então a gente foi lá no secretário, porque, inclusive, segundo os pronunciamentos oficiais, o Estado está interessado neste tipo de trabalho, que o objetivo dele é um trabalho popular, de base, é um trabalho que possa atingir a maioria. Já que o Estado é a expressão da vontade geral, a vontade geral é retornar à maioria, é defender a maioria.

Madame Safioti, socióloga da esquerda oficial, achou a rapaziada da foto, o Coro do Oficina, um atentado ao seu bom gosto estético. Viva o pessoal do Oficina! Abaixo as "sociólogas de esquerda"!

Agora, a gente encontra o seguinte problema: a gente foi no secretário estadual, que nos mandou para o municipal; o assessor nos mandou pro diretor de teatro, que, por sua vez, disse que não tem dinheiro. Então, a gente foi em toda uma hierarquia, uma transa burocrática, e à medida que tu vai descendo, a coisa vai piorando: "é terrível... o Tribunal de Contas... Será que vocês tem tal documento? Será que vocês tão legais?" O cara deu uma lista de 15 coisas, papéis, porque pra ele é um mundo misterioso... É como Figueiredo diz: "Nem que que foi chefe do SNI conseguí controlar a tortura!" Quer dizer, a burocracia é um monstro que, segundo o que eles dizem, faz mal até pro próprio sistema. E eles pra dentro deste monstro, e se tu vai atrás dele, tu morre! Porque tu perde meses, vai ter toda uma exigência, que é a exigência do Estado. Aí tu vê uma contradição incrível! Porque Telesp pode cortar o telefone; Sabesp, água; Light, luz... O próprio Estado lucra em cima da gente, além de te jogar para uma máquina que é pra te devorar, ele lucra em cima de ti. É um absurdo que tem que ser aberto, um absurdo cultural pra se denunciar, porque nestes anos todos a classe teatral fez um pacto com o Estado.

Disso daí, então, eles colocam o seguinte: vamos ficar todos juntos, porque o nosso objetivo é a classe teatral, é o teatro. Pra nós isso, tem um problema terrível, porque essas mesmas pessoas que colocam que o nosso objetivo é o teatro, elas fazem pactos com o Estado que impossibilita um tipo de trabalho que vá contra esse próprio Estado. É uma guerra que parece que é só contra o Estado, contra a direita, mas tem alianças aí que tem que ser mostradas. Porque, de repente... só a gente que vai ser enrabado?!... E nós vamos partir pra uma relação: é classe teatral, é companheiro de classe? Mas não é!... É outro trabalho, é outra transa!

C/MARTINHA — Ao mesmo tempo a gente não é um grupo de periferia como existem milhares por aí, que trabalham na rua, mas que as pessoas têm outros empregos e se reúnem não sei quantas vezes por semana e fazem teatro de periferia. A nossa vida é inteira aqui dentro, a gente dedica a ela tudo. Não dá pra você trabalhar fora daqui e sobreviver de outra maneira, você tem que sobreviver aqui dentro. E isso também eles não levam em conta. E não levam em conta também o fato de gente sobreviver com este teatro, e não ser a empresa teatral, não ser a classe teatral.

C/JOAQUIM — E tem outra contradição, que é o seguinte: a gente quer uma coisa direta, sem intermediários. E, hoje, é o teatro que alimenta essa relação de vídeo, que sustenta essas barreiras nas relações entre as pessoas. É essa relação que aparece quando a gente vai falar com o secretário.

O pessoal da classe teatral; quando encontra com a gente, pergunta: "Como é que é, já pagaram as dívidas?" Colocando uma coisa de responsabilidade, porque o teatro deles é sério, mas o que a gente faz aqui não é! Mas essa seriedade tá comprometida. Não que a gente queira ser sério — pelo menos esse tipo de sério — graças a Deus a gente não é.

Como quando a gente teve em Araraquara, a madame Safioti...

C/WALDIR — Socióloga, feminista, de esquerda, falou que o nosso trabalho era grotesco, não tinha o mínimo de estética, era uma ofensa ao bom gosto e à inteligência dela.

C/SORAIA — O que foi pior é que ela chamou o prefeito e a polícia pra interromper o "Ensaio".

C/JOAQUIM — São essas alianças que têm que ficar claras.

C/VALDIR — Quer dizer: é esquerda dedo-duro que queria parar tudo. Só que daí o cara do teatro falou: "Vinte no palco, mais noventa por cento da platéia quer que continuem, não vai dar pra parar só porque a madame, a patroa, quer.

C/VICKY — A gente vai na prefeitura, e enquanto a gente tá esperando, fica a Ruth Escobar tomando chazinho com o Mário Chamie * e sai toda sorrindo, toda madame, empresária, e diz: "Ah, vocês já pagaram as suas dívidas?" Ela, que da bondade dela, doou mil cruzeiros pra ajudar a pagar as dívidas. Agora, mil cruzeiros paga o almoço das pessoas daqui por dois dias.

C/ADAUTO — Eu acho que tem que abrir essa transa da Ruth Escobar, que é uma mulher que fica apoiando anistia, combate o governo, e de repente, você tá na ante-sala do Mário Chamie que é um poeta sensível, mas tá no aparelho de Estado, com duas secretárias babaquíssimas, social-democratas, rindo pra tua cara, e você não tá mais a fim de rir para a cara delas, e chega a Ruth, uma verdadeira Dona, La Putona óculos cheios de strass, bengala e bolsa...

C/VALDIR — A superempresária, a supercapitalista...

C/ADAUTO — E ela olha pra tua cara e diz: "Pessoal do Oficina! Vocês já pagaram as dívidas? Eu estou formando uma companhia nova..." Porra, vai tomar no cu!

C/JOAQUIM — Agora tu vai ver, o próprio Estado distribuiu grande parte do dinheiro pro teatrão de oposição; "Gota D'Água", "Último Carro", etc. Essas alianças têm que ser esclarecidas. O que é que cada um tá querendo agora? Porque se a gente não abre esse jogo, a gente é engolido por ele.

Mas o nosso trabalho mexe numa coisa muito viva, uma coisa que não aparecia esses anos todos, mas tava ali. Hoje, quando a gente saiu na rua me deu uma dor... Ele mexe com um lado bem primário, que esteve trancado todo esses anos e que vem pra fora.

Então, normalmente, o que as pessoas falam, que nem a madame Safoti, é: "Que horror! Vocês não dialogam, uivam. Coisa bárbara! Não se justificam." Se você não transa aquele lado legal, já estabelecido, é bárbaro, é índio.

C/ADAUTO — Mas é índio mesmo.

C/JOAQUIM — Eu sei, mas é uma coisa de dominação, eu me sinto índio como Anchieta...o Cabral me olhando.

C/ADAUTO — O gosto dela é uma coisa colonizada, uma estética, um trabalho superacabado, aqueles atores maravilhosos, aquelas coisas lindas...

C/JOAQUIM — Nesse diálogo civilizado é daquele tipo: "pois não, meu senhor?". Mas se tu grita, tu esperneia, já vem aquela "calma, deixa disso", é uma coisa de esfriar, jogar gelo. Claro que também pode pintar nessa de gritar um lado fascista, autoritário, histórico da coisa. Mas também tem muito de quando tu grita e a coisa fica pra arrebentar — óóó — puxa o feio de mão, calma, cada um no seu lugar.

C/VICKY — O movimento é perigoso. Você tem que ficar na sua posição. Por exemplo na Praça da Sé, no dia do Ato Público, tava a "pirâmide" na escada — eu sempre fico fora da "pirâmide" — e tava um círculo de pessoas olhando. Eu fui por trás e me meti por dentro das pessoas. Veio uma organizadora da Anistia que chegou pra mim e disse: "Tu fica, fica lá, não vem aqui não". É uma coisa que tu tá fora da posição, você tem que ficar na tua posição.

IR/RENATO — O negócio tá pior do que eu pensava.

C/VALDIR — Tinha uma menina falando assim: "O meu irmão tá preso e, de repente, vem toda essa palhaçada, que loucura, onde já se viu isso..."

IR/RENATO — "Falta de respeito, vocês deviam fazer greve de fome também!" Mas uma coisa que saiu no meio sobre as alianças. Eu acho que uma boa parte do que se chama, hoje, esquerda, tá dando espaço pra essa passagem lenta e gradual da ditadura.

C/JOAQUIM — Claro, é aquela coisa... "Vamos devagar. Nós vamos modificar e vocês vão ter o lugar de vocês. Não pode ficar sem a gente saber onde é o lugar de vocês."

C/MARTINHA — "Vamos modificar o seguinte: cada um no seu sindicato, todo mundo bem comportadinho, a sua greve legal, o seu isso, o seu aquilo. Sem misturar ninguém, cada associação de trabalho no seu lugar, cada uma faz a sua greve...

C/VALDIR — Tudo sob controle...

C/MARTINHA — Se você mistura isso já não pode, entendeu?

C/ADAUTO — Aí é que vem a transa, porque o trabalho da gente é misturar isso tudo. Por isso é que o pau bate violento.

IR/RENATO — O que eu tô sentindo agora é que vai pintar Autogestão, que é um negócio incrível, que muda tudo, mas, em compensação, na França tem autogestão que não muda nada.

C/JOAQUIM — É que nem a gente tava falando: na Praça da Sé tinha a gente, as cobaias que promoviam a bagunça, tinha os que reagiam em relação àquilo ali e tinha aqueles que tavam totalmente à parte do que se passava e, depois de tudo acontecido, trazem a solução. Eles ficam totalmente de fora da relação, analisam e tomam uma decisão. O que eu acho é que isso tá muito ligado à autogestão na França ou em qualquer outro lugar porque foi uma autogestão muito ligada a tu administrar a coisa; tu não cria nada, tu toma apenas o controle das decisões daquela unidade e tu fica fechado dentro dela sem a ligação social, geral. Então, esses caras podem pintar numa transa de autogestão porque eles vão tomar o lugar deles de decisão. Todo mundo vai dividir a coisa, mas vão ser aquelas pessoas que trazem aquela posição que vão decidir sobre aquilo ali.

IR/RENATO — É aí que eu acho que o trabalho de vocês é o máximo de revolucionário porque passa da autogestão palavra, da revolução cultural palavra. Pra o Ato, o cotidiano, o diário. Acho que, se hoje a barra tá pesada, vocês saem na rua e passam a mão, tem carro da polícia rondando, à medida que generalizar essa prática, na medida em que a nível prático forem colocadas claras essas questões vai haver uma superação.

C/JOAQUIM — Aí é que tá. Eu acho que uma coisa é a gente conseguir transformar este espaço no centro cultural do bairro, Bexiga, Rua Jacegua! 52. Mas outra coisa é que isso não vai pra frente, fica um gueto privilegiado se essa autogestão aqui não tá ligada com o todo social. Mesmo na França é uma coisa assim: aqui dentro funciona, é Éden, aqui dentro as pessoas são perfeitas, lá fora é outra coisa, são os impuros e não-se-mais-o-quê.

C/ADAUTO — Se você não tem essa noção de que você é um microcosmo de toda a trama social, aí não dá. O interesse é justamente esse: dentro do domínio burguês, do domínio capitalista, você provar que é possível criar uma autogestão e que essa autogestão seja de interferência direta no cotidiano, que ela faça com que todos os grupos que tão a fim de transformar a coisa se autogestionem e que haja uma relação direta entre esses grupos. Sem intermediário de Estado, de não-sei-que, de não-sei-quem que vai falar... Que cai nessa que o Joaquim tava falando: a gente tem que acabar com os muros, tem que falar olho-no-olho'

Lá no Cunha Bueno a gente foi em bando, sentou lá e ficou falando com o cara. Ele trouxe todos os acessores dele e foi um pau. Não era mais aquela relação dum grupo de teatro que vai lá submissamente pedir uma grana pro cara. A gente foi falar de autoridade pra autoridade com ele.

C/JOAQUIM — Nesses encontros diretos, em que eu não delego poderes pra ninguém me representar. Nesses confrontos tem ido quase todas as pessoas do teatro. Tu vê claramente que dum lado tem uma maioria, um grupo de vinte, trinta, quarenta pessoas e do outro lado tem uma pessoa só. Então, tu vê claramente que aquela pessoa é que decide e, do outro lado, as pessoas tentam uma outra coisa. E tu vê que tem vinte, trinta ou quarenta, e eu posso colocar em outras vezes seiscentas, setecentas pessoas, mas tem uma na frente que vai decidir por elas, que é o próprio representante do Estado.

C/REGINALDO — Já são oito e dez...

IR/RENATO — Vocês têm mais um ato.

C — E hoje!... (esfregam as mãos)

C/ADAUTO — Eu acho que já deu, né?

IR/RENATO — Tudo bem. De qualquer jeito a gente vai continuar... (clik — do gravador)... E o silêncio. Aquela coisa humana, de sangue, que mexe contigo.

Participaram dessa transa:

O CORO

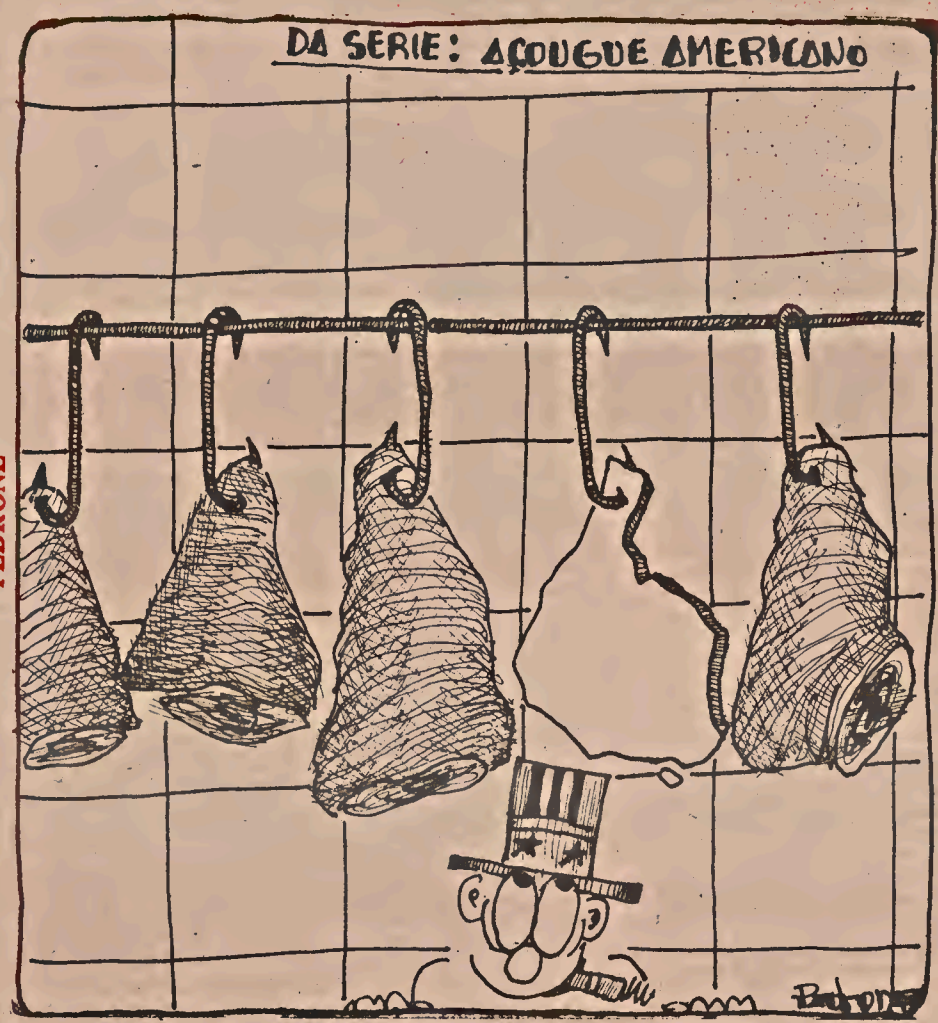
IR/SP — O Renato, o Argemiro e a Ana...

O bate-papo foi no dia: 10/8/79

* Secretário de Educação e Cultura do Município

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

O BOBO DA CORTE



PEDRONE

FOTO R.A.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis